



Universidade de Lisboa
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território
Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

**Redescobrir a Serra da Estrela: Um Itinerário Sustentável Contado
Através de Lendas**

Ana Marta Figueiredo de Castro

Mestrado em Turismo e Comunicação

Trabalho de projeto orientado pela Doutora Inês Sousa e Silva Boavida
Portugal e pela Doutora Carla Andreia da Silva Mora



Instituto de Geografia
e Ordenamento do Território
UNIVERSIDADE DE LISBOA



Universidade de Lisboa
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território
Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Redescobrir a Serra da Estrela: Um Itinerário Sustentável Contado Através de Lendas

Ana Marta Figueiredo de Castro

Mestrado em Turismo e Comunicação

Trabalho de projeto orientado pela Doutora Inês Sousa e Silva Boavida Portugal e pela Doutora Carla Andreia da Silva Mora

Júri:

Presidente: Doutor Eduardo Manuel Dias de Brito-Henriques, Professor Associado com Agregação do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa

Vogais:

- Doutor Jorge Ricardo da Costa Ferreira, Professor Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa
- Doutora Fiona Eva Bakas, Professora Auxiliar do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa
- Doutora Carla Andreia da Silva Mora, Professora Auxiliar do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa

Resumo

O turismo é uma área de atividade de elevada e crescente importância para a economia global. No entanto, dela advém igualmente consequências indesejadas.

A Serra da Estrela corresponde a um território de planalto montanhoso na região Centro de Portugal, pertencente ao Sistema Central, e tem uma área total de 2216km² que inclui parcial ou totalmente os concelhos de Belmonte, Celorico da Beira, Covilhã, Fornos de Algodres, Gouveia, Guarda, Manteigas, Oliveira do Hospital e Seia. A atividade turística da região é caracterizada pela sazonalidade invernal associada à Torre, o seu ponto mais alto (1993m de altitude); estadas de curta duração e um mercado maioritariamente nacional. Estas características colocam em risco não apenas os seus ecossistemas e espécies endémicas, mas também, por conferirem instabilidade aos empreendimentos dependentes da atividade turística, contribuem para uma economia inconsistente, o que potencializa os fenómenos de diminuição e envelhecimento da população decorrentes na região.

Dessarte, a oferta proposta é um itinerário produzido e publicado através da ferramenta StoryMaps do ArcGIS, que percorre 7 diferentes concelhos através das narrativas de lendas regionais (recolhidas em entrevistas semiestruturadas com 14 diferentes residentes e/ou naturais da região, realizadas especificamente para esse fim) e pode ser realizado em qualquer época do ano.

Recorrendo a um inquérito por questionário elaborado com o propósito de avaliar o projeto final e partilhado pelo método de bola de neve, a principal implicação que se retira deste estudo, a partir das 138 respostas obtidas, é que parece existir interesse de ambos os mercados (nacional e internacional) por esta tipologia de oferta turística.

Estudos futuros deverão, assim, realizar pesquisas de mercado com amostras maiores e com maior equilíbrio demográfico, bem como focar-se nas consequências a longo prazo da implementação desta tipologia de projeto nesta e noutras regiões, visando possibilitar conclusões mais precisas sobre a hipótese em discussão.

Palavras-Chave: Serra da Estrela; Lendas; Turismo Cultural; Itinerário Turístico; Sustentabilidade.

Abstract

Tourism is an increasingly important area of activity to the global economy. Nevertheless, it is also the root of undesirable consequences.

Serra da Estrela is a mountainous plateau territory in Center of Portugal, belonging to the Central System and has a total area of 2216km² which includes partially or completely the municipalities of Belmonte, Celorico da Beira, Covilhã, Fornos de Algodres, Gouveia, Guarda, Manteigas, Oliveira do Hospital and Seia. The region's tourism activity is characterized by winter seasonality associated with Torre, its highest point (1993m of altitude); short stays and a predominantly domestic market. These characteristics not only jeopardize its ecosystems and endemic species, but also, by conferring instability to businesses dependent on tourism activity, contribute to an inconsistency economy, which exacerbates the regional phenomena of population decline and aging currently taking place in the region.

Thus, the proposed offer is an itinerary produced and published using the ArcGIS StoryMaps tool, which covers 7 different municipalities through the narratives of regional legends (collected in semi-structured interviews with 14 different residents and/or natives of the region, executed specifically for this purpose), which can be carried out at any time of the year.

Through a questionnaire design to evaluate the final project and shared via the snowball sampling method, the main inference drawn from this study, based on the 138 responses obtained, is that there appears to be interest from both markets (national and international) in this type of tourism offer.

Future studies should, therefore, conduct market research with larger samples and greater demographic balance, as well as focus on the long-term consequences of implementing projects of this kind in this and other regions, in order to reach more accurate conclusions about the hypothesis under discussion.

Keywords: Serra da Estrela; Legends; Cultural Tourism; Tourist Itinerary; Sustainability.

Agradecimentos

Primeiramente, porque não podia deixar de o fazer, deixo registada a minha gratidão ao Estrela Geopark, ao Centro de Interpretação da Serra da Estrela (CISE) e ao Município da Guarda, que apoiaram este projeto, fornecendo informação e documentação indispensáveis à realização do mesmo.

Em segundo lugar, quero agradecer, à Mariana Dias, à Catarina Geraldes, à Leonor Narciso, à Ana Luísa, ao Válder Santos, à Lérica e ao André, à Cabralina e à comunidade do Pedras Lavradas por, sem sequer me conhecer, me terem dado a mão e orientado dentro e fora do terreno.

Em terceiro lugar, porque são a base de tudo, agradeço também à minha avó Fátima, que tenho a certeza que está a olhar por mim; aos meus pais; ao meu irmão e aos meus amigos, que me ouviram e apoiaram, mesmo nos momentos mais difíceis, não só deste projeto, mas da minha vida inteira. Foram vocês que formaram a pessoa que concluiu este projeto e, por isso, sem vocês eu nunca teria chegado até aqui. Obrigado por tudo.

*E, por último e **mais** importante: o maior obrigado de todos à minha irmã, Joana, que, para além de ter sido ao longo destes 24 anos a melhor condiscípula de vida que eu podia ter pedido, foi a minha motorista particular durante todas as deslocações necessárias para o sucesso deste trabalho e sem ela nada disto teria sido possível.*

Índice Geral

Introdução.....	1
1. Sustentabilidade	3
1.1 Defesa e Definição	3
1.2 Turismo Sustentável.....	5
2. Serra da Estrela.....	8
2.1 Caracterização e Delimitação.....	8
2.2 Turismo na Região	9
2.3 Evolução Demográfica	12
3. Objetivos do Projeto.....	15
3.1 Definição	15
3.2 Definição de Lenda	15
3.3 Justificação	16
4. Metodologia	18
4.1 Pergunta de Investigação e Objetivos	18
4.2 Procedimentos	19
4.2.1 Recolha e Processamento de Informação	19
4.2.1.1 Recolha de Informação Inicial	20
4.2.1.2 Processamento Inicial da Informação e Recolhas de Informação Adicionais	22
4.2.1.3 Processamento Final da Informação	22
4.2.2 Construção do Itinerário	23
4.2.3 Avaliação do Projeto.....	25
5. Resultados da Recolha de Informação	28
5.1 Caracterização das Entrevistas e dos Participantes	28
5.2 Dados Obtidos.....	30
5.3 Discussão.....	38
6. Construção do Itinerário.....	41
6.1 Seleção das Lendas.....	41
6.1.1 Pontos de Interesse Principais	41

6.1.2 Pontos de Interesse Secundários	48
6.2 Duração e Segmentação do Itinerário	61
6.3 Formatação e Apresentação do Itinerário.....	64
6.3.1 Definição do Público-Alvo	64
6.3.2 Formatação Visual.....	65
6.3.3 Formatação do Conteúdo	67
6.3.3.1 Capa.....	68
6.3.3.2 Introdução.....	69
6.3.3.3 Visão Geral	69
6.3.3.4 Preparação	71
6.3.3.5 Dia 1, Dia 2, Dia 3 e Dia 4	72
6.3.3.6 Considerações Finais	76
6.3.3.7 A Autora.....	76
6.3.4 Acessibilidade.....	77
7. Avaliação do Projeto	79
7.1 Interesse dos Mercados	79
7.1.1 Caracterização dos Inquiridos	79
7.1.2 Análise dos Resultados	83
7.1.2.1 Apreciação Geral	83
7.1.2.2 Aspetos Positivos e Negativos	83
7.1.3 Discussão.....	89
7.2 Efetividade no Alcance dos Objetivos de Sustentabilidade.....	90
8. Conclusões.....	91
8.1 Contributos e Implicações	91
8.2 Limitações e Pesquisa Futura	93
Referências	96
Anexos	109
Anexo 1 – PARECER DA COMISSÃO DE ÉTICA DO IGOT (ENTREVISTAS)	109
Anexo 2 – GUIÃO DAS ENTREVISTAS	110
Anexo 3 – DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO	114
Anexo 4 – EXPLICAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO	117
Anexo 5 - PARECER DA COMISSÃO DE ÉTICA DO IGOT (QUESTIONÁRIO) ...	119

Anexo 6 – INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO.....	120
Anexo 7 – RESUMOS DAS LENDAS PARA EFEITOS DE SELEÇÃO.....	130

Índice de Figuras

Figura 1 - Território do Estrela Geopark Mundial da UNESCO	9
Figura 2 - Sistematização dos Procedimentos de Recolha e Processamento de Informação.....	20
Figura 3 - Processo de Seleção do Conjunto de Pontos de Interesse Principais.....	24
Figura 4 - Processo de Seleção do Conjunto de Pontos de Interesse Secundários	25
Figura 5 - Distribuição das Lendas Recolhidas no Espaço	36
Figura 6 - Distribuição Espacial da Seleção Inicial de Pontos de Interesse Principais	43
Figura 7 - Trajeto de Ida e Volta entre as Lendas Números 61 e 83	46
Figura 8 - Distribuição Espacial da Seleção Final dos Pontos de Interesse Principais	47
Figura 9 - Percurso Definido para a Distribuição Espacial da Seleção Final dos Pontos de Interesse Principais.....	49
Figura 10 - Distribuição Espacial dos Pontos de Interesse Principais e dos Candidatos a Pontos de Interesse Secundários	51
Figura 11 - Trajeto de Inclusão da Lenda Número 14	54
Figura 12 - Trajeto de Inclusão das Lendas Números 41 e 46	54
Figura 13 - Trajeto de Inclusão da Lenda Número 47	54
Figura 14 - Trajeto de Inclusão da Lenda Número 69	55
Figura 15 - Comparação entre o Trajeto da Lenda Número 67 às Lendas Número 17 e 51 Sem Passar por Nenhuma Outra Lenda (Esquerda) e Passando pelas Lendas Números 5 e 30 (Direita).....	57
Figura 16 - Trajeto da Lenda Número 13 à Lenda Número 6.....	57
Figura 17 - Comparação entre o Trajeto da Lenda Número 82 à Lenda Número 62 Sem Passar por Nenhuma Outra Lenda (Cima) e Passando pela Lenda Número 23 (Baixo)	58
Figura 18 - Trajeto da Lenda Número 44 à Lenda Número 35	58
Figura 19 - Comparação entre o Trajeto da Lenda Número 5 às Lendas Números 71 e 72 Passando Apenas pelas Lendas Números 17 e 51 (Cima) e Passando Também pela Lenda Número 78 (Baixo)	59
Figura 20 - Itinerário Final (My Maps)	61

Figura 21 - Itinerário Final Adaptado a Ciclistas	63
Figura 22 - Paleta de Cores da Página	66
Figura 23 - Título em Faustina	67
Figura 24 - Texto em DIN Next	67
Figura 25 - Estilo de Mapa Contemporâneo Antigo Numa Visão Continental (Direita) e Numa Visão de Ruas (Esquerda).....	67
Figura 26 - Barra de Navegação	67
Figura 27 - Capa do Itinerário	69
Figura 28 - Segmento da Introdução do Itinerário	69
Figura 29 - Texto (Visão Geral)	70
Figura 30 - Mapa (Visão Geral)	70
Figura 31 - Legenda do Mapa (Visão Geral)	70
Figura 32 - Paleta de Cores da Legenda do Mapa (Visão Geral)	71
Figura 33 - Segmento da Secção Preparação	72
Figura 34 - Exemplo de Introdução das Secções Relativas ao Dias (Dia 1).....	72
Figura 35 - Mapa Relativo ao Percurso do Dia (Dia 1 - Cabeço da Argemela).....	73
Figura 36 - Exemplo de Conclusão das Secções Relativas ao Dias (Dia 1).....	76
Figura 37 - Considerações Finais	76
Figura 38 - A Autora	77

Índice de Quadros

Quadro 1 - Percentagem de Hóspedes Não Residentes na Região da Serra da Estrela por Concelho (2023)	10
Quadro 2 - Evolução do Número Efetivo de Residentes na Região da Serra da Estrela, por Concelho, de 1991 a 2023	13
Quadro 3 - Percentagem Residentes Idosos na Região da Serra da Estrela, por Concelho em 2023	13
Quadro 4 - Metodologia do Projeto (por Objetivo).....	19
Quadro 5 - Configuração das Entrevistas Realizadas	28
Quadro 6 - Caracterização dos Entrevistados.....	29
Quadro 7 - Numeração das Lendas Recolhidas	34
Quadro 8 - Localização dos Pontos Atribuídos a Cada Lenda	37
Quadro 9 - Distribuição das Lendas por Concelho.....	38
Quadro 10 - Incidência das Lendas	41
Quadro 11 - Incidência das Lendas Durante as Entrevistas.....	41
Quadro 12 - Distribuição das Lendas da Segunda Seleção por Concelho	45
Quadro 13 - Distribuição Espacial da Seleção Final dos Pontos de Interesse Principais por Concelho	47
Quadro 14 - Seleção Inicial de Pontos de Interesse Secundário (por Distância).....	50
Quadro 15 - Distribuição Temática e Geográfica do Conjunto de Total Pontos Final ..	60
Quadro 16 - Características Demográficas dos Respondentes.....	81
Quadro 17 - Nível de Interesse dos Respondentes Relativamente à Tipologia Turística do Projeto	82
Quadro 18 - Conhecimento dos Respondentes Relativamente à Serra da Estrela	82
Quadro 19 - Classificação e Probabilidade de Realizar o Itinerário de Acordo com os Respondentes	83
Quadro 20 - Aspetos Positivos e Negativos do Itinerário (Escolha Múltipla)	84
Quadro 21 - Aspetos Positivos e Negativos do Itinerário (Resposta Aberta)	86
Quadro 22 - Sugestões de Melhoria Adicionais	87

Lista de Abreviaturas

- ANSR:** Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária
- APS:** Associação Portuguesa do Sono
- CISE:** Centro de Interpretação da Serra da Estrela
- DOP:** Denominação de Origem Protegida
- EM:** Estrada Municipal
- EN:** Estrada Nacional
- ER:** Estrada Regional
- GEE:** Gabinete de Estratégia e Estudos
- IGOT:** Instituto de Geografia e Ordenamento do Território
- INE:** Instituto Nacional de Estatística
- ONU:** Organização das Nações Unidas
- PIB:** Produto Interno Bruto
- PNSE:** Parque Natural da Serra da Estrela
- QR:** *Quick Response* (Resposta Rápida)
- RCAAP:** Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal
- RMMG:** Retribuição Mínima Mensal Garantida
- TBL:** *Triple Bottom Line*
- UE:** União Europeia
- UN:** *United Nations* (Nações Unidas)
- UNESCO:** *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*
(Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)
- WTTC:** World Travel & Tourism Council (Conselho Mundial de Viagens e Turismo)

Introdução

O turismo é uma área de atividade cuja importância para a economia global tem vindo a aumentar consideravelmente, representando 9,8% do Produto Interno Bruto (PIB) global em 2025 (World Travel & Tourism Council [WTTC], s.d). Só em Portugal, no ano de 2024, o turismo gerou para o país uma receita de aproximadamente 27,7 mil milhões de euros, (Turismo de Portugal, s.d.b).

No entanto, embora os benefícios económicos tenham sido, desde sempre, um dos, ou mesmo o fator mais aliciante desta atividade, existem outras consequências que dela advém, tanto positivas quanto negativas. Thullah e Jalloh, na sua revisão de literatura referente ao tema, mencionam, entre outras: o aumento das emissões de dióxido de carbono (CO₂), o desenvolvimento das infraestruturas locais, o congestionamento da via pública e a alteração do estilo de vida da população de acolhimento (2021). Dessarte, tanto no meio académico como fora dele, a questão central tem sido de que modo é possível encontrar o equilíbrio entre os efeitos positivos e negativos desta atividade. Isto é: de que modo é possível desenvolver e exercer turismo de um modo sustentável.

O presente projeto desenvolve, portanto, uma abordagem neste exato sentido, reconhecendo tanto as oportunidades como as ameaças que o turismo representa em geral e, mais especificamente, para a área de estudo do mesmo: a região da Serra da Estrela. Esta, que para este fim, foi definida como a área correspondente ao Estrela Geopark Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), e onde o panorama turístico é caracterizado por uma elevada concentração espaço-temporal da afluência turística na área do planalto onde se encontra o ponto mais alto da mesma, durante o inverno (mais propício à queda de neve).

Deste modo, o presente projeto define-se como um itinerário sustentável de turismo cultural para a região mencionada, baseado em lendas que sobre ela existem. O seu objetivo principal é dispersar a anteriormente mencionada afluência turística tanto no tempo como no espaço, objetivando desconcentrar quer os benefícios, quer as adversidades causadas pela atividade. Estas consequências, prevê-se, garantirão não apenas uma melhor qualidade de vida à população, mas também a preservação dos patrimónios natural e cultural da Serra da Estrela.

A sua elaboração assenta, assim, inicialmente, numa contextualização do projeto quer ao nível conceitual (relativo às noções sobre as quais este assenta), quer ao nível regional (relativo à caracterização e particularidades da atividade turística na região de estudo). Esta foi realizada através de pesquisa bibliográfica com recurso a

diversos repositórios (Scopus, Web of Science, Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal [RCAAP], JSTOR e B-On) e à ferramenta de pesquisa através de inteligência artificial Elicit, mas igualmente recorrendo a dados e estatísticas provenientes de entidades oficiais.

Posteriormente, foram também realizadas entrevistas presenciais com 14 elementos da população local, habitantes em quais quer um dos 9 concelhos inseridos na região de estudo (Belmonte, Celorico da Beira, Covilhã, Fornos de Algodres, Gouveia, Guarda, Manteigas, Oliveira do Hospital e Seia [Associação Geopark Estrela, s.d]), selecionados pelo Estrela Geopark Mundial da UNESCO, de acordo com o seu potencial conhecimento relativo ao tema, de onde foi retirada informação relativamente às lendas existentes. Esta informação, juntamente com alguma bibliografia de apoio, foram as bases utilizadas para a construção do itinerário apresentado através das ferramentas My Maps da Google e StoryMaps do ArcGIS.

Finalmente, foi implementado um inquérito por questionário com o objetivo de averiguar o interesse dos turistas domésticos e não domésticos em realizar o percurso sugerido. Este foi distribuído de modo *online* através do método de bola de neve, partindo da mestranda, de modo a atingir o maior número de respostas possível. Das 138 respostas obtidas, a principal informação a retirar deste inquérito foi o elevado interesse dos mercados na oferta elaborada, o que se traduz na viabilidade da sua implementação e, assim, na confirmação da hipótese testada por este estudo.

1. Sustentabilidade

1.1 Defesa e Definição

Sustentabilidade foi um conceito popularizado na década de 80 do século XX, através do célebre relatório de 1987: *Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future* da World Commission on Environment and Development (também conhecida como Brundtland Commission). Foi também a partir deste documento que se tornou praticamente indissociável do conceito de desenvolvimento sustentável e da capacidade da humanidade de suprir as suas necessidades sem comprometer a capacidade das gerações futuras de fazer o mesmo. Todavia, a despeito de ser amplamente utilizado quer no discurso académico, quer fora dele, é, ainda, alvo de discussão.

Uma das críticas mais comuns à utilização do mesmo assenta na sua própria definição e na falta de consenso quanto à mesma (Farley & Smith, 2020; Tøllefsen, 2021). Ambígua, pouco clara, vaga e imprecisa (Salas-Zapata & Ortiz-Muñoz, 2019); vazia e difusa (Vogt & Weber, 2019); elusiva, confusa e demasiado abrangente (Tøllefsen, 2021) são todos adjetivos utilizados para descrever a amplitude de significados que, por diversas partes e para diferentes fins, foram associados à mesma ao longo do tempo e que alguns (Farley & Smith, 2020; Salas-Zapata & Ortiz-Muñoz, 2019) acreditam gerar um fenómeno que Mika (2014, citado em Mika, 2015,) define como “confusão terminológica” (p. 11). É desta confusão terminológica, juntamente com a perceção de que o conceito tem vindo a ser trivializado (Farley & Smith, 2020) e até utilizado para fins antiéticos (Barbosa et al., 2014; Farley & Smith, 2020,), que advém opiniões negativas no que se refere à utilização do conceito tanto para fins de pesquisa (Chasin, 2014; Salas-Zapata & Ortiz-Muñoz, 2019; Tøllefsen, 2021), mas, sobretudo, para fins de implementação efetiva no terreno (Barbosa et al., 2014; Farley & Smith, 2020; Büyüközkan & Karabulut; Chasin, 2014), por ser, assim, considerado pouco objetivo, pouco útil e/ou pouco eficaz.

No entanto, tal como Owens menciona, a falta de consenso relativamente a este é própria do mesmo enquanto conceito-chave para o desenvolvimento atual (2003). Além disso, embora também acreditemos que um consenso sobre as características mais importantes deva ser um objetivo da exploração deste conceito (Owens, 2003), de modo a torná-lo ainda mais útil, reconhecemos a necessidade deste se apresentar como o que um “diálogo de valores”, como o descreve Ratner (2004, p. 62) e defende Dijk (2015), no que diz respeito às situações específicas onde se pretende que seja implementado. Esta crença assenta nas particularidades desses

contextos, que, sendo socioculturais, socioeconómicas, socio-históricas, ambientais, geográficas ou de qualquer outra natureza, e identificadas pelas diferentes partes interessadas (habitantes locais, empresas, investigadores, órgãos de poder local, organizações não governamentais, entre outros), de acordo com a meta nº7 do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 16 da Organização das Nações Unidas (ONU) (s.d), devem moldar o conceito e determinar tanto os focos de ação como as medidas específicas para atingir o equilíbrio desejado, estabelecendo, portanto, não uma igualdade entre as condutas existentes, mas equidade no que se refere à sua validade e interpretação do conceito de sustentabilidade.

Ademais, reconhecemos que bastante da dificuldade mencionada em aplicar medidas sustentáveis se deve, na verdade, a dois fatores:

1. a magnitude das mudanças necessárias para tornar um determinado sistema sustentável (Farley & Smith, 2020; Washington, 2015), por vezes de carácter estruturais e relacionadas com a incompatibilidade dos sistemas económicos, em grande parte capitalistas, (Hereu-Morales & Valderrama, 2022; Scoones, 2020; Waddock, 2020) e/ou dos sistemas governamentais (Dijk, 2015; Scoones, 2020) em vigor e o alcance desse objetivo;
2. os recursos necessários (Abekah-Nkrumah et al., 2021; Cheshmehzangi, 2016; ONU, 2024) para a implementação e monitorização das mudanças supracitadas.

Deste modo, a verdadeira adversidade à aplicação efetiva da sustentabilidade encontra-se no esforço que todas as partes interessadas são obrigadas a realizar para atingir este fim. Isto é: na incapacidade das partes interessadas (Farley & Smith, 2020; ONU, 2024), mas sobretudo na falta de disposição das mesmas (Ditlev-Simonsen, 2022; Farley & Smith, 2020; Filho, 2019; Kemper et al., 2019) em suportá-la.

Finalmente, não é possível ignorar os casos de sucesso que utilizaram este conceito como ponto de partida para um desenvolvimento mais equilibrado, responsável e capaz de ser suportado a longo prazo, em diversas áreas. Tais como: a produção e comércio de bens (Goswami & Ha-Brookshire, 2015; Withisuphakorn et al., 2019); o planeamento urbano (Echendu, 2021), e a agricultura (Zanzi et al., 2021), entre outras.

Como tal, partindo da definição de Brundtland (1987), mas reconhecendo a complexidade do conceito e a, anteriormente mencionada, necessidade de adaptação a que esta obriga (Ratner, 2004), bem como a incontornabilidade dos limites da capacidade dos recursos (Farley & Smith, 2020), entende-se por sustentabilidade: a capacidade de um sistema e/ou atividade de se manter em funcionamento, produzindo

o máximo de benefícios possível para todas as partes que por ele/ela sejam afetadas, mas tendo sempre em consideração os limites dos recursos (naturais, financeiros, humanos e todos os outros dos quais dependa), com o objetivo de não exceder a sua capacidade e, assim, poder garantir que, no futuro, outros poderão continuar a usufruir dos benefícios desse sistema e/ou atividade.

1.2 Turismo Sustentável

Aplicando o conceito de sustentabilidade ao turismo, obtém-se, então, o termo: turismo sustentável. Este, tendo como base o conceito de sustentabilidade, sofre, igualmente, algumas críticas relativamente à sua definição. Alguns autores (Higgins-Desbiolles, 2010; Fennell & Cooper, 2020) referem, como anteriormente, a falta de consenso em relação ao mesmo como uma adversidade, numa crítica ainda generalista. Moscardo e Murphy (2014), entretanto, acreditam que o real problema se encontra na forma como o conceito de sustentabilidade é entendido na especificidade da atividade turística ou, mais concretamente, no facto de que a este é, na verdade, atualmente, incorreto, por assumir, sem questionar, os seguintes 3 pressupostos:

1. Que a principal parte interessada no turismo são os turistas;
2. Que o capital financeiro gerado pela atividade turística é suficiente para compensar os outros capitais que são, através dela, perdidos;
3. Que as consequências negativas geradas pela atividade turística estão circunscritas ao espaço físico do destino onde ela ocorre.

Esta convicção, embora possa refletir concepções mais antigas do termo, é, no entanto, atualmente pouco sólida, uma vez que os debates crescentes sobre os impactos do setor turístico e o que é e/ou deve ser sustentabilidade no turismo, nomeadamente no que diz respeito ao problema do *overtourism* (turismo excessivo) e a possível necessidade de um *tourism/touristic degrowth* (decrésimo do turismo/turístico), são cada vez mais expressivos, especialmente na investigação académica, e abordam os temas mencionados:

1. A obrigação do turismo de, visando tornar-se sustentável, ter de admitir como parte interessada principal a comunidade local do destino, à qual pertence o espaço, e as suas necessidades (Dwyer, 2015; Higgins-Desbiolles et al., 2019);
2. O facto de que o foco nos benefícios económicos gerados pelo turismo configura, muitas vezes, uma adversidade no alcance da preservação e desenvolvimento das vertentes ambiental e sociocultural (Higgins-

Desbiolles, 2018) e, como tal, estes devem deixar de ser tomados como o objetivo principal da atividade turística (Murray et al., 2023);

3. A percepção de que a atividade turística é um fenómeno global e, dessarte, tem um impacto global, nomeadamente porque contribui para o aquecimento global (Fennell & Cooper, 2020) e a manutenção e desenvolvimento da economia mundial (Bosak, 2016).

Deste modo, é difícil afirmar que o termo turismo sustentável ignora quer a evolução da percepção das consequências da atividade turística, quer a mudança do ponto de vista da sociedade quanto àqueles que devem ser os objetivos do turismo, por definição. Ademais, admitindo a existência de um desfasamento entre a sua definição e a implementação do mesmo no turismo, acreditamos ser impróprio alegar que o problema se encontra na definição e não, novamente, nas adversidades anteriormente citadas relativamente ao conceito de sustentabilidade. Considerando, então, estes fatores, defendemos que o que é possível afirmar é que este é, tal como o conceito de sustentabilidade no qual se baseia, flexível e permissível de atualização, pelo que assumimos que é, assim, nada mais é do que a aplicação do conceito de sustentabilidade na atividade turística.

Define-se, então, turismo sustentável como: a capacidade da atividade turística, em pequena ou larga escala, de se manter em funcionamento, produzindo o máximo de benefícios possível para todas as partes que por ela sejam afetadas, em particular a comunidade de acolhimento, mas tendo sempre em consideração os limites dos recursos (naturais, financeiros, humanos e todos os outros dos quais dependa), de modo a não exceder a sua capacidade e, conseqüentemente, poder garantir que, no futuro, outros conseguirão continuar a usufruir dos benefícios desta atividade. Todavia, contrariamente ao que se sucede com sustentabilidade, reconhecemos que o conceito turismo sustentável, estando vinculado à atividade turística, é, obrigatoriamente, um termo mais específico e, portanto, capaz de sinalizar alguns fundamentos comuns a todas as situações nas quais pretende ser implementado.

Frequentemente a *Triple Bottom Line*, ou TBL, de Elkington (*Planet, Profit and People* – Planeta, Lucro e Pessoas) (1997), é utilizada para salientar estes fundamentos sob a forma de pilares: o ambiental, o económico e o social. A própria UN Tourism, a agência da ONU para o turismo, assim o estabelece (UN Tourism, s.d). Embora seja impossível negar a relação do turismo com qualquer uma destas vertentes, acreditamos que esta nomenclatura, não é a mais correta. Em primeiro lugar, porque acreditamos que a economia, não obstante ser crucial para o funcionamento das sociedades atuais, não pode ser compreendida como um pilar por

si só. Se o fizermos, caímos no erro de acreditar que é um sistema autónomo e um fim nela mesma e esquecemo-nos de que é, na verdade, uma construção humana cuja manutenção deve ter como objetivo não o lucro em si, mas os benefícios nos quais esse lucro se deve traduzir para a sociedade (UN Tourism, s.d; Washington, 2015). E, em segundo lugar, porque, se entendermos “cultura” como a define Hong (2009, p. 4), enquanto “*networks of knowledge*” (redes de conhecimento) que:

1. é partilhada (ainda que possivelmente de modo incompleto) por um conjunto de indivíduos que, muitas vezes, estão delimitados por etnia ou nacionalidade;
2. é externalizada através de, não exclusivamente, mas também, construções sociais e instituições sociais;
3. é utilizada como denominador comum na comunicação entre os seus membros;
4. é transmitida de geração em geração, dos membros mais velhos para os mais novos;
5. encontra-se num processo de alteração constante, consoante a evolução da sociedade.

Por conseguinte, todo o desenvolvimento (e o alcance da sustentabilidade é, necessariamente, um tipo de desenvolvimento), ocorre dentro de um determinado contexto cultural (Throsby, 2017). Em vista deste facto, não podemos ignorar a sua relevância quer na definição das necessidades dos grupos sociais que se apresentam como partes interessadas, quer no desenvolvimento das respostas às mesmas, particularmente quando nos referimos à atividade turística onde a vertente cultural se tem vindo a afirmar no mercado e para a qual as diferentes manifestações de cultura assumem um papel de crescente importância (UN Tourism, 2018), sendo especialmente importante preservar a cultura, material e imaterial, e a diversidade cultural neste contexto. Assim, defendemos que as vertentes sob as quais o turismo sustentável assenta e que devem ser sempre tidas em consideração durante a sua implementação são, na verdade: a ambiental, a socioeconómica e a sociocultural.

2. Serra da Estrela

2.1 Caracterização e Delimitação

A Serra da Estrela corresponde a um território de planalto montanhoso na região Centro de Portugal, pertencente ao Sistema Central (na Península Ibérica), maioritariamente constituído por granito, e cujo ponto mais alto, a 1993 metros de altitude é, habitualmente, apelidado de Torre (Vieira & Nieuwendam, 2020). Dividido em 3 andares geomorfológicos com características distintas: o inferior (entre 700 a 1500m de altitude), o intermédio (entre 1500 e 1800m de altitude) e o superior (acima de 1800m de altitude) (Vieira, 2004); com formações de origem glaciária com relevância internacional, derivadas quer da sua posição geográfica e topografia (Vieira, 2004), quer da sua altitude (Vieira & Nieuwendam, 2020); a sua imensa e biodiversidade, caracterizada por um elevado número de espécies endógenas (Azevedo, 2021); e a cultura pastoril transumante (Azevedo, 2021) que está na origem de produtos como a lã de ovelha ou o célebre Queijo Serra da Estrela, que é Denominação de Origem Protegida (DOP), este é, conseqüentemente, um território com um extenso e valioso património, a todos os níveis, que é necessário fruir e explorar.

Deste modo, considerando a tipologia e o tema do presente projeto e uma vez que os Geoparks Mundiais da UNESCO têm como objetivos a proteção, a sustentabilidade e a educação para o património geológico, natural e cultural do local onde se encontram designados (UNESCO, 2024); bem como o facto de que o Estrela Geopark Mundial da UNESCO (de agora em diante apenas Geopark) auxiliou na elaboração do itinerário produzido durante este estudo, acreditamos que o mais adequado para os nossos fins, é delimitar a área da Serra da Estrela segundo os limites do próprio Geopark. Assim, embora compreendamos que possam existir outras delimitações deste território igualmente válidas (como a do Parque Natural da Serra da Estrela [PNSE], por exemplo), para o efeito do presente projeto, entende-se por Serra da Estrela: a área de 2216km² que inclui parcial ou totalmente a área dos concelhos de Belmonte, Celorico da Beira, Covilhã, Fornos de Algodres, Gouveia, Guarda, Manteigas, Oliveira do Hospital e Seia, apresentada no mapa da Figura 1.

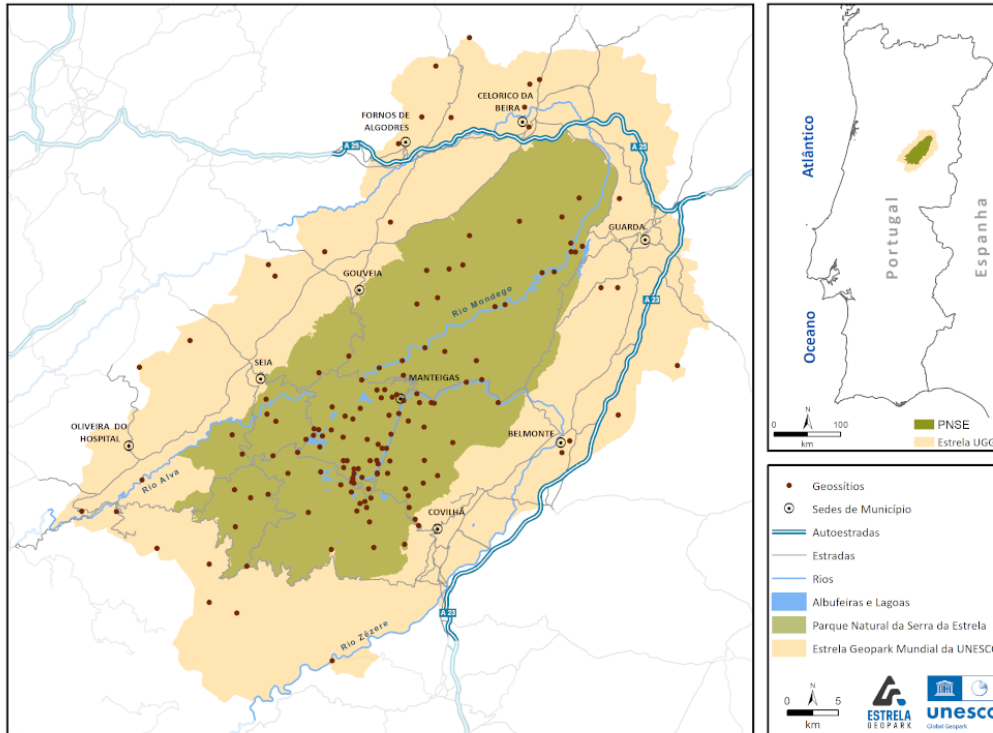


Figura 1 – Território do Estrela Geopark Mundial da UNESCO

Fonte: Associação Geopark Estrela

2.2 Turismo na Região

Em 1881 foi realizada uma expedição à Serra da Estrela pela Sociedade de Geografia de Lisboa da qual surgiu um extenso relatório sobre a ótica de diversas áreas científicas. Nesta participou o médico Sousa Martins que, baseando-se quer em investigações anteriores sobre os benefícios do tratamento em altitude para os doentes com tuberculose, quer na experiência de Alfredo César Henriques, seu amigo, que, nos dois anos seguintes, em luta contra a doença na própria Serra da Estrela, defendeu os benefícios do ar da Serra e a construção de sanatórios na região (Vieira, 2013). Foi a partir deste momento que a Serra da Estrela começou a experienciar algum fluxo turístico.

No entanto, o fim da pandemia de tuberculose fez com que o século XX a estabelecesse não como um destino de turismo de saúde e bem-estar (Mota, 2022), mas sobretudo como uma região de turismo massificado de neve, que até hoje se mantém (Costa e Santos, 2018). Esta situação traduz-se, portanto, numa sazonalidade associada à estação fria (Santos, 2017) e na concentração espacial da afluência nos locais com queda de neve, isto é, na Torre e territórios circundantes (Costa, 2015).

Ademais, como demonstram os dados oficiais recolhidos pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) e publicados pelo Turismo de Portugal, em 2023 a Região Centro registou 4,5 milhões de hóspedes, mas apenas 8 milhões de dormidas, configurando uma estada média de 1,8 noites (Turismo de Portugal, 2024a), e, como tal, abaixo da média nacional de 2,6 noites (Turismo de Portugal, 2024b)¹. E, como é possível verificar através do Quadro 1, excetuando Belmonte, com 35,2%, nenhum dos concelhos inseridos total ou parcialmente na região da Serra da Estrela, obteve, em 2023, uma percentagem de hóspedes não residentes superior a 20% (INE, 2024b)².

Quadro 1 – Percentagem de Hóspedes Não Residentes na Região da Serra da Estrela por Concelho (2023)

Fonte: Instituto Nacional de Estatística (Adaptado)

Concelho	Proporção de Hóspedes Não Residentes (%)
Belmonte	35,2
Celorico da Beira	14,5
Covilhã	16,6
Fornos de Algodres	11,4
Gouveia	12,3
Guarda	17,9
Manteigas	19
Oliveira do Hospital	17,9
Seia	10,9

Assim, conclui-se igualmente que estes fluxos estão ainda associados a estadas curtas inseridas, essencialmente, no mercado nacional. Tal como a sazonalidade e a concentração espacial, também estas características se apresentam não como uma novidade, mas como a continuidade de uma tendência (Costa, 2014). Nenhum destes fatores é particularmente positivo.

No respeitante à concentração espacial da afluência, estudos demonstram que esta é degradante para o ambiente (Destek & Aydin, 2022), aumentando fatores de desgaste ambiental como a erosão do solo, a quantidade de lixo no chão e a poluição do ar (Adedoyin et al., 2022; Nepal 2000; Rudež & Vodeb, 2010), entre outros que

¹ Os dados publicados pelo Turismo de Portugal durante as etapas finais de elaboração da presente dissertação relativos a 2024 continuam a corroborar esta afirmação: a Região Centro apresenta uma estada média de 1,7 noites, abaixo da média nacional de 2,5 noites (Turismo de Portugal, s.d.a).

² Comparando com os dados publicados pelo INE em 2025 durante as etapas finais de elaboração da presente dissertação referentes a 2024, nenhuma das regiões supracitadas apresenta uma alteração na percentagem de hóspedes não residentes, negativa ou positiva, superior a 3,7% (Celorico da Beira), mantendo-se, portanto, o paradigma e continuando Belmonte a ser o concelho com a percentagem mais elevada: 32,9% (INE, 2025b).

colocam em risco ativos. Tai como: os recursos naturais do destino (dos quais atividade turística e outras podem depender), a paisagem, a biodiversidade da fauna e flora locais e a qualidade de vida da comunidade de acolhimento. Para além disso, na vertente socioeconómica, esta não permite uma distribuição equitativa dos benefícios provenientes da atividade turística por toda a região (Thullah & Jalloh, 2021), concentrando-os em locais específicos e inibindo a manutenção e o desenvolvimento das áreas não beneficiadas.

Por sua vez, a sazonalidade, embora alguns defendam que possa potencializar a recuperação ambiental e/ou sociocultural dos espaços durante a época baixa (Butler, 2001; Grizane, 2016; Hartmann, 1986), contribui igualmente para o processo de sobreutilização dos recursos e degradação do espaço durante a época alta, devido à elevada afluência (Martín et al., 2014; Pavlović et al., 2022). Outrossim, esta não é compatível com o turismo sustentável por não permitir um rendimento e/ou emprego estável durante todo o ano àqueles que beneficiam da atividade turística, nem conseguir garantir a continuidade dos negócios (Martín et al., 2014; Zvaigzne et Al., 2022), o que, como consequência, a tornar incapaz de corresponder às necessidades impostas pelo pilar socioeconómico. Finalmente, a causa desta sazonalidade, isto é, a existência e possibilidade de usufruir do recurso neve, atualmente, devido ao agravamento das alterações climáticas, pode estar a ser colocada em risco, pelo que o facto do setor do turismo na Serra da Estrela depender, praticamente, exclusivamente da mesma, pode ser, do mesmo modo, considerado um fator de instabilidade.

Do ponto de vista da duração da viagem, como afirmam Santos et al. (2015), o consenso entre os diferentes estudos realizados é de que as viagens de duração mais longa, apesar de geralmente se traduzirem em gastos diários menores, estão associadas a gastos totais mais elevados por parte dos turistas, o que se reflete, naturalmente, num maior lucro para os empreendimentos do destino. Como efeito, se considerarmos a necessidade de desenvolver a economia local a fim de melhorar a qualidade de vida da comunidade de acolhimento, a predominância de viagens curtas é, obviamente, um entrave. Por este exato motivo, a prevalência do mercado nacional, associado a este tipo de viagem (Aguiló et al, 2017; Almeida et al., 2021), e, conseqüentemente, a carência de um mercado internacional forte, associado a viagens mais longas (Santos et al., 2015), é igualmente uma adversidade nesse sentido.

Outrossim, a hegemonia do mercado nacional pode além disso ser compreendida como uma adversidade no que diz respeito à continuidade da atividade turística, uma vez que a dependência de um único mercado é, claramente, um fator de instabilidade, devido ao facto de que, se este perder o interesse pela região que dele

depende, esta tornar-se-á inviável. Este fator não significa, porém, que o mercado doméstico não deve ser mantido e/ou estimulado, uma vez que, obviamente, ao participar como consumidor da atividade turística na região, também contribui direta e positivamente para a economia da mesma (Canh & Thanh, 2020). Esta situação é especialmente verdadeira quando, tal como demonstrou a pandemia de COVID-19 (Dragičević, 2024), surgem situações de emergência e este se torna, obrigatoriamente, o único mercado disponível e, portanto, o único meio de sobrevivência da atividade. Como resultado, o que se conclui é que, na verdade, não é desejável manter apenas um mercado: é necessário que exista uma conjugação entre ambos (doméstico e internacional), de modo a obter um equilíbrio sustentável.

Assim, não apenas devido a um, mas devido a múltiplos fatores, é evidente que o modelo atual da atividade turística na região da Serra da Estrela é insustentável a diversos níveis e, como tal, é imperativa uma mudança de paradigma.

2.3 Evolução Demográfica

Segundo os dados mais recentes do INE, publicados pelo Gabinete de Estratégia e Estudos (GEE), verifica-se perda de população em todos os concelhos constituintes da Serra da Estrela (s.d.a; s.d.b; s.d.c; s.d.d; s.d.e; s.d.f; s.d.g; s.d.h; s.d.i) desde 2017, uma tendência já registada no final do século XX (INE, 2014b). No entanto, de 2022 para 2023, o panorama aparenta ter começado a se alterar, registando-se um aumento general da população que, contudo, ficou ainda aquém dos valores estimados em 1991.

Todavia, excetuando Guarda que registou, de 1991 para 2023, um aumento de, sensivelmente, 2,2% da população, todos os outros concelhos apresentam, no mesmo período, uma diminuição entre, aproximadamente, os 14% (Oliveira do Hospital) e os 33,9% (Manteigas), configurando, uma média em torno de 24,1%. Esta evolução encontra-se sistematizada e representada na tabela do Quadro 2, cujas colunas demonstram o número de residentes em cada concelho numa progressão de 10 em 10 anos durante 4 décadas, isto é, em 1991 (INE, 2014b), 2001 (INE, 2014b), 2011 (INE, 2014b) e 2021 (GEE, s.d.a; s.d.b; s.d.c; s.d.d; s.d.e; s.d.f; s.d.g; s.d.h; s.d.i), bem como do último ano sobre o qual existem dados disponíveis: 2023 (GEE, s.d.a; s.d.b; s.d.c; s.d.d; s.d.e; s.d.f; s.d.g; s.d.h; s.d.i).

Quadro 2 – Evolução do Número Efetivo de Residentes na Região da Serra da Estrela, por Concelho, de 1991 a 2023

Fontes: Gabinete de Estratégia e Estudos e Instituto Nacional de Estatística
(Adaptado)

Concelho/Ano	1991	2001	2011	2021	2023
Belmonte	7.475	7.527	6.808	6.205	6.216
Celorico da Beira	8.881	8.767	7.608	6.565	6.605
Covilhã	54.346	54.320	51.196	46.385	46.375
Fornos de Algodres	6.231	5.581	4.965	4.419	4.383
Gouveia	17.318	15.983	13.892	12.237	12.222
Guarda	39.153	43.831	42.126	40.137	40.011
Manteigas	4.442	4.039	3.400	2.951	2.938
Oliveira do Hospital	22.630	22.035	20.722	19.472	19.464
Seia	30.250	27.898	24.466	21.709	21.441

Ademais, no que diz respeito ao envelhecimento da população, como é possível verificar no Quadro 3, à exceção dos municípios da Guarda e de Oliveira do Hospital, cujas percentagens de população idosa registadas foram de 26,4% e 29,2% respetivamente, todos os outros registaram valores superiores a 30% em 2023, com Manteigas (37,7%) e Gouveia (38,6%) a atingirem os valores mais elevados relativamente a este dado (GEE, s.d.a; s.d.b; s.d.c; s.d.d; s.d.e; s.d.f; s.d.g; s.d.h; s.d.i). Deste modo, e embora alguns dos municípios tenham registado de 2022 para 2023 uma descida nesta taxa (GEE, s.d.a; s.d.b; s.d.c; s.d.d; s.d.e; s.d.f; s.d.g; s.d.h; s.d.i), a maioria continua a registar o seu aumento, estando, por este motivo, de acordo com a tendência que, novamente, também já se verificava no final do século XX (INE, 2014a).

Quadro 3 – Percentagem Residentes Idosos na Região da Serra da Estrela, por Concelho em 2023

Fonte: Gabinete de Estratégia e Estudos (Adaptado)

Concelho	População Idosa (Percentagem)
Belmonte	32,5
Celorico da Beira	36,1
Covilhã	30,8
Fornos de Algodres	35,5
Gouveia	38,6
Guarda	26,4
Manteigas	37,7
Oliveira do Hospital	29,2
Seia	35,4

Consequentemente, uma vez que, como anteriormente mencionado, uma parte significativa do património cultural da Serra da Estrela está intrinsecamente conectado com o modo de vida da população e as suas atividades tradicionais, consideramos que preservar o mesmo e implementar qualquer atividade turística que configure turismo sustentável na região, implica, obrigatoriamente, ter em consideração a igualmente a necessidade de reverter estes processos, de modo a garantir a continuidade destas características.

3. Objetivos do Projeto

3.1 Definição

Considerando as informações transmitidas nos capítulos anteriores, o presente projeto vem, assim, acima de tudo, buscar responder aos problemas supracitados no que se refere ao panorama da atividade turística da região (sazonalidade, concentração espacial da afluência, predominância de estadas curtas e dependência do mercado nacional) e auxiliar na inversão das tendências demográficas adversas (diminuição e envelhecimento da população) que esta tem vindo a experienciar. Como consequência, foi decidido que este se traduziria num itinerário turístico de cariz histórico-cultural sobre as lendas existentes relativamente à Serra da Estrela.

3.2 Definição de Lenda

É, então, necessário definir o que se entende pelo termo lenda. Marrecas Ferreira, a quem coube redigir a “Secção de Ethnographia” da *Expedição Científica à Serra da Estrela em 1881* onde se encontram descritas diversas lendas da região, nesse mesmo relatório, divide a definição de lenda em duas partes (1883):

1. A lenda popular, cuja génese é conectada ao povo comum e, como tal, mais frequente, e que se caracteriza pela mistura do místico e do fantástico com o real;
2. A lenda erudita, cuja origem provém de uma elite com um nível mais elevado de educação, e se resume a uma argumentação a favor de uma justificação sem evidências concretas e/ou que se demonstra inconclusiva.

No entanto, o próprio admite a existência de alguma permeabilidade nestas definições, uma vez que as lendas compreendidas nas mesmas, estando em contacto, se influenciam mutuamente (Ferreira, 1883). Neste sentido, juntado a vertente popular à erudita, a definição da Academia das Ciências de Lisboa, proveniente do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea publicado em 2001, apresenta-se como a mais apropriada, uma vez que esta define lenda como uma narrativa oral ou escrita de acontecimentos passados reais ou imaginados que quer a criatividade popular ou erudita vão alterando e que é parte do património cultural da comunidade de onde provém (s.d). Por este motivo, é que, de acordo com a definição supracitada, neste trabalho, se impregna o uso do termo.

3.3 Justificação

A decisão de conceber um itinerário e não qualquer outra tipologia de atividade relacionada com o turismo relaciona-se, naturalmente, com a necessidade de dispersar a afluência no espaço. Qualquer outra atividade, circunscrita a um local específico dentro do Geopark, seria uma adversidade à sustentabilidade, uma vez que, obtendo esta sucesso em dispersar a afluência da Torre e áreas circundantes para si, estar-se-ia, na melhor das hipóteses, a estabelecer um panorama bipolar e não uma distribuição equilibrada da mesma por toda a região. Um itinerário, em contrapartida, permite redirecionar a afluência e redistribuí-la de forma mais igualitária, sendo, portanto, mais apropriado quando o objetivo é a dissolução de um polo turístico. Ademais, esta dispersão espacial característica de um itinerário implica, conseqüentemente, uma estada mais longa, uma vez que a distância entre os pontos de interesse obriga a um maior tempo de deslocação.

Relativamente à tipologia do itinerário, histórico-cultural, esta foi decidida com base em três fatores:

1. a aposta na diversificação dos produtos e/ou atividade oferecidos por um determinado destino é uma estratégia de mitigação da sazonalidade recomendada quer para áreas com características e problemas similares (Pavlović et Al., 2022), quer para a própria Serra da Estrela (Oliveira & Manso, 2010);
2. como demonstram os estudos realizados por Cisneros-Martínez & Fernández-Morales (2015) e Zhang et. al. (2022), o desenvolvimento de turismo cultural tem demonstrado ser eficaz na mitigação da sazonalidade turística;
3. segundo especialistas, a tipologia de turismo cultural demonstra um elevado potencial de desenvolvimento na região (Mota, 2022).

Finalmente, a escolha das lendas como tema base do itinerário deveu-se ao conhecimento de outros projetos nacionais com uma tipologia similar, nomeadamente o percurso noturno guiado Histórias de Sintra ou o itinerário cultural disponibilizado sugerido pelo Museu Municipal de Olhão intitulado Caminho das Lendas, que comprovam o sucesso deste tipo de oferta.

Pode, portanto, afirmar-se que este projeto parte de um processo de *pseudo-benchmarking*, na medida em que, embora a ideia do roteiro proposto se baseie noutros já existentes, não existe uma análise formal e/ou sistemática dos mesmos, pelo que a adaptação desta ao contexto onde o projeto se pretende inserir foi realizada única e exclusivamente com base nos objetivos do mesmo, nas

características da região e nas especificidades da informação recolhida com a finalidade de ser utilizada como base do itinerário.

Uma vez que, do nosso conhecimento, não existe nenhum outro trabalho científico cujo objetivo tenha sido recolher as lendas desta região e dá-las à fruição, consideramos que esta decisão é ainda importante para a preservação e partilha desta vertente da cultura serrana, o que reforça a escolha deste tema. Dessarte, acreditamos que o projeto é adequado ao panorama da região e apropriado enquanto solução para os problemas apontados ao mesmo.

4. Metodologia

4.1 Pergunta de Investigação e Objetivos

Deste modo, a pergunta de investigação que guia este estudo é: é possível criar um itinerário sobre lendas que promova a sustentabilidade e seja viável de implementar na região da Serra da Estrela? Para responder a esta questão, visando facilitar quer o desenvolvimento, quer a avaliação do projeto foram definidos os seguintes objetivos:

1. Identificar quais as lendas/os mitos existentes relativamente à região da Serra da Estrela de modo a possibilitar a elaboração do itinerário;
2. Elaborar um itinerário de turismo histórico-cultural para a região da Serra da Estrela que:
 - 2.1 utilize as lendas anteriormente identificadas como fio condutor do percurso sugerido, com a finalidade de auxiliar na preservação desse património;
 - 2.2 auxilie na mitigação da afluência turística no espaço:
 - 2.2.1 descongestionando a área do planalto da Torre e fomentando a afluência em outras áreas da serra, com o objetivo de promover uma distribuição mais equitativa dos benefícios socioeconómicos do turismo por toda a região, bem como diminuir o desgaste ambiental na área do planalto da Torre;
 - 2.2.2 incentivando estadas de maior duração na região, de modo a permitir aos turistas explorar uma área maior e aumentar o lucro gerado pela atividade turística;
 - 2.3 estimule a dispersão da afluência turística no tempo, desconcentrando a afluência das estações mais propícias à queda de neve, em especial o inverno; e dispersando-a para o resto do ano, objetivando colmatar a disparidade dos benefícios socioeconómicos do turismo obtidos na região ao longo do ano quer através do redirecionamento do mercado atual, quer através da atração de novos mercados.
3. Identificar a viabilidade do itinerário no que se refere ao interesse dos mercados, principalmente o doméstico, cujos hábitos turísticos se pretendem alterar, quanto a executá-lo enquanto turista.

4.2 Procedimentos

Cada objetivo correspondeu a uma fase própria do desenvolvimento do itinerário proposto:

1. Recolha da informação;
2. Construção do itinerário;
3. Avaliação do projeto.

Como tal, cada uma, devido às suas características únicas, foi realizada de acordo com a metodologia que considerámos mais adequada. Para facilitar a compreensão das orientações gerais que guiaram cada etapa do processo, criámos o quadro abaixo (4). A descrição detalhada de cada um destes passos metodológicos encontra-se descrita nos segmentos seguintes.

Quadro 4 – Metodologia do Projeto (por Objetivo)

Objetivos (Nº)	Metodologia
1	Entrevistas Semiestruturadas com Residentes e/ou Naturais da Região – Amostragem Intencional (Partindo da Associação do Estrela Geopark) Análise Bibliográfica (Partindo das Entrevistas ou de Informação Facultada pelas Instituições que Colaboraram com o Projeto)
2.1	Processamento, Numeração e Categorização Indutivas da Informação Recolhida Durante os Procedimentos Anteriores
2.2.1	Análise Espacial Objetivando uma Distribuição Equitativa dos Pontos Constituintes do Itinerário pela Região
2.2.2	Definição da Duração do Percurso e Segmentação do Itinerário em Dias em Conformidade com o Aumento da Duração da Estada
2.3	Desvinculação das Atividades Turísticas de uma Época do Ano ou de Condições Atmosféricas Específicas
3	Inquérito por Questionário ao Público em Geral (Nacional e Internacional) – Amostragem por Conveniência (Método de Bola de Neve, Partindo da Mestranda)

4.2.1 Recolha e Processamento de Informação

Os procedimentos realizados para a recolha e processamento de informação segmentaram-se a diversas etapas no seu decorrer, visando adaptar-se quer aos obstáculos que foram surgindo, quer às características da informação obtida. A Figura 2, apresentada na página seguinte, resume os processos que descrevemos no seu seguimento.

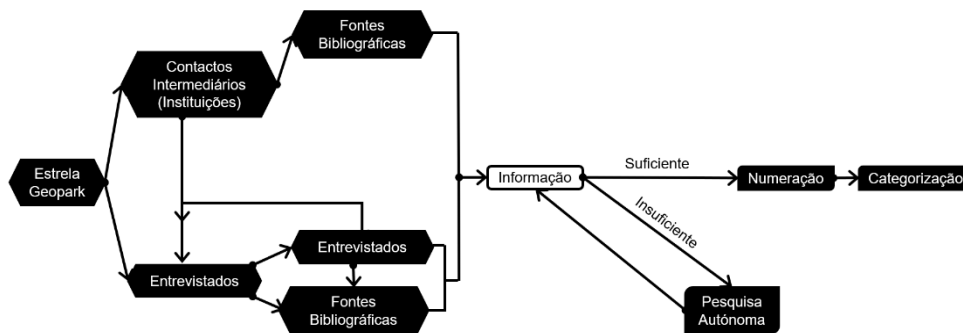


Figura 2 – Sistematização dos Procedimentos de Recolha e Processamento de Informação

4.2.1.1 Recolha de Informação Inicial. Uma vez que a informação na qual se baseia o itinerário corresponde a dados qualitativos (identificação e descrição dos mitos e lendas existentes na mesma que servirão como base para definir os pontos de interesse constituintes do itinerário), não sistematizados anteriormente e, como tal, implicando uma difícil previsão de resposta por parte dos inquiridos, optamos por realizar entrevistas semiestruturadas, um método de recolha de dados que, tal como afirmam Elhami e Khoshnevisan (2022) e Veal (2018), é apropriado para esta tipologia. Assim, para garantir a autenticidade da informação recolhida, um fator de extrema relevância quer do ponto de vista científico, na qualidade de característica daquilo que apresenta uma origem e/ou autoria indiscutível (Varga & Guinon, 2014); quer do ponto de vista do marketing que visa a importância da aceitação dessa origem e/ou autoria por parte do potencia; Kim & Youn, 2017), a população-alvo destas entrevistas foram os residentes da região.

Todavia, uma vez que a informação a obter pode ser desconhecida por grande parte da população-alvo, optamos por recorrer, inicialmente, à amostragem intencional. Devido a esta escolha, os indivíduos foram selecionados pela equipa do Estrela Geopark (que, estando em contacto direto com a mesma, está mais apta para identificar possíveis participantes), de acordo com a sua disponibilidade e o potencial que demonstram relativamente ao seu conhecimento do tema, com o propósito de evitar entrevistas das quais não seja possível retirar informação útil (Bryman, 2012; Elhami & Khoshnevisan, 2022).

Inicialmente, dado que tínhamos como preocupações quer a cobertura do espaço, quer o tamanho da amostra, com o intuito de que não fosse negligenciado nenhum dos concelhos inseridos na área geográfica da Serra da Estrela e visando

evitar um viés nos dados obtidos, a planificação pensada era de que fossem entrevistadas duas pessoas por cada um dos concelhos da região, totalizando dezoito entrevistas. No entanto, devido ao número limitado de potenciais entrevistados iniciais, bem como à indisponibilidade de alguns dos mesmos, colocou-se desde logo um entrave à mesma. Por este motivo, e considerando as limitações temporais, financeiras e de recursos humanos deste projeto, optamos por requerer contactos aos participantes iniciais e subsequentes, com o objetivo de expandir a amostra numa abordagem de bola de neve no sentido de chegar ao maior e mais diverso número de entrevistados possível, abandonando por completo as delimitações espaciais e dimensionais inicialmente contempladas. Resultando deste processo, foram, assim, realizadas um total de 9 entrevistas, de nunca mais de 60 minutos cada, abrangendo 5 e, portanto, mais de metade dos 9 concelhos da região e abordando 14 pessoas (sozinhas, a pares ou em grupos de 3 participantes, consoante a disponibilidade dos mesmos) entre os meses de abril e maio de 2025.

As entrevistas foram preparadas, conduzidas e gravadas de acordo com as recomendações de Veal (2018) e Bryman (2012), isto é:

1. o guião das entrevistas foi preparado segundo tópicos relevantes para responder adequadamente às necessidades da pesquisa (identificar e descrever as lendas da Serra da Estrela, em conformidade com o objetivo de elaborar um itinerário nelas baseado) e obteve a aprovação da Comissão de Ética do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) (Anexo 1);
2. foi mantida a flexibilidade das entrevistas semiestruturadas, sendo realizadas perguntas de acordo com as respostas de cada entrevistado e a necessidade de clarificar e/ou aprofundar as mesmas;
3. foi mantida, dentro do possível, uma abordagem estandardizada com todos os participantes, com comentários e incentivos mínimos por parte da entrevistadora, de modo a não influenciar as suas respostas;
4. todas as entrevistas foram gravadas em ficheiros de áudio com a finalidade de possibilitar a posterior transcrição das mesmas, permitindo, como consequência, uma análise mais detalhada do seu conteúdo.

Outrossim, todos os inquiridos assinaram um termo de consentimento quando aceitaram participar das mesmas e, exatamente antes do início destas, foram novamente lembrados dos seus objetivos, dos objetivos do projeto e dos seus direitos enquanto participantes, com recurso a outro documento. Ambos se encontram

em anexo (Anexo 3 e Anexo 4, respetivamente). O guião das entrevistas encontra-se igualmente anexado (Anexo 2).

4.2.1.2 Processamento Inicial da Informação e Recolhas de Informação Adicionais. O primeiro processo realizado foi a transcrição das entrevistas, com o propósito de permitir uma análise detalhada do seu conteúdo. Este foi realizado conforme as recomendações de Bryman (2012) e Stuckey (2014), seguindo um modelo de transcrição fiel ao discurso gravado, realizado pela mestrande que é autora do presente projeto. Foi durante esta etapa que se procedeu à de anonimização dos dados, eliminando quaisquer informações na transcrição que permitissem a identificação dos respondentes ou que abordassem temas pessoais sensíveis.

Em seguida, em virtude de que vários dos entrevistados mencionaram fontes secundárias durante a sua entrevista e/ou disponibilizaram fontes secundárias relativas ao tema em análise à posteriori, bem como algumas instituições forneceram também bibliografia que possuíam no seu acervo, estas foram igualmente recolhidas e consideradas como fontes de informação relevantes para a elaboração do itinerário. Ademais, a sistematização da informação relativa a cada lenda recolhida revelou a existência de lendas que, embora mencionadas, não tiveram o seu conteúdo desenvolvido, o que levou à necessidade de realizar uma breve pesquisa autónoma no sentido de compreender a narrativa das mesmas. A informação obtida por meio deste processo foi, portanto, igualmente considerada para os fins deste projeto.

4.2.1.3 Processamento Final da Informação. Assim, de acordo com o que defendem Adeoye-Olatunde e Olenik (2021), uma vez que a categorização a priori foi impossível, a informação foi sistematizada de forma indutiva, primeiramente recorrendo ao software QualCoder, que facilitou a sua organização temática de todos os documentos em simultâneo e, em sequência, através de um mapa, elaborado em conformidade com os códigos estabelecidos, organizada geograficamente, através dos pontos de referência aos quais cada uma das lendas se conecta. Para o efeito, quer por uma questão de simplicidade da ferramenta, quer pela informação relativa aos espaços disponibilizada na mesma (monumentos, restaurantes, praias, etc...), recorreu-se à My Maps, a ferramenta de criação de mapas personalizados da Google.

4.2.2 Construção do Itinerário

Para a construção do itinerário previsto neste projeto, as principais diretrizes foram, claro está, os objetivos anteriormente para ele definidos. No entanto, esta foi ainda auxiliada pelo conhecimento produzido por outros autores quanto ao tema, cuja maioria serão introduzidos juntamente às escolhas por eles influenciadas durante a apresentação do itinerário, visando facilitar a compreensão do leitor. Não obstante, pretende-se neste segmento correspondente à metodologia elucidar relativamente às etapas levadas a cabo durante a construção do mesmo, pelo que estas se encontram descritas, sem especificidade, adiante.

Inicialmente, optámos por uma triagem não temática das lendas, dado que, considerando o objetivo de preservar o património, acreditamos que uma abordagem mais geral, que transversal a todos os temas identificados na recolha, seja a mais apropriada. Nesse sentido, foi definida, primeiramente, uma seleção relativa à frequência com que cada lenda foi mencionada. Aquelas em que se verificasse maior incidência, deveriam ser consideradas como as mais relevantes para a cultura e imaginário locais. Ademais, considerando a anteriormente mencionada preocupação com a autenticidade da informação a utilizar, foi preferenciada a utilização da informação recolhida em entrevista, nesta primeira fase.

De acordo com os resultados obtidos, e visando manter a coesão espacial, a análise foi repetida numa escala menor e circunscrita a determinados municípios, bem como passou por avaliar igualmente a distância entre os pontos e a extensão da narrativa, de modo a resgatar lendas que garantissem cobertura aos concelhos anteriormente excluídos do conjunto. Como tal, foi considerado o conjunto de pontos de interesse principais (a partir dos quais o itinerário foi estruturado), conjunto de lendas correspondente à sobreposição destes dois critérios que cobrisse todos os municípios sobre os quais foi possível recolher informação útil. A distribuição das mesmas foi, inicialmente, representada, como anteriormente, através de um mapa elaborado na ferramenta My Maps.

A Figura 3 sumariza esta primeira etapa de seleção.

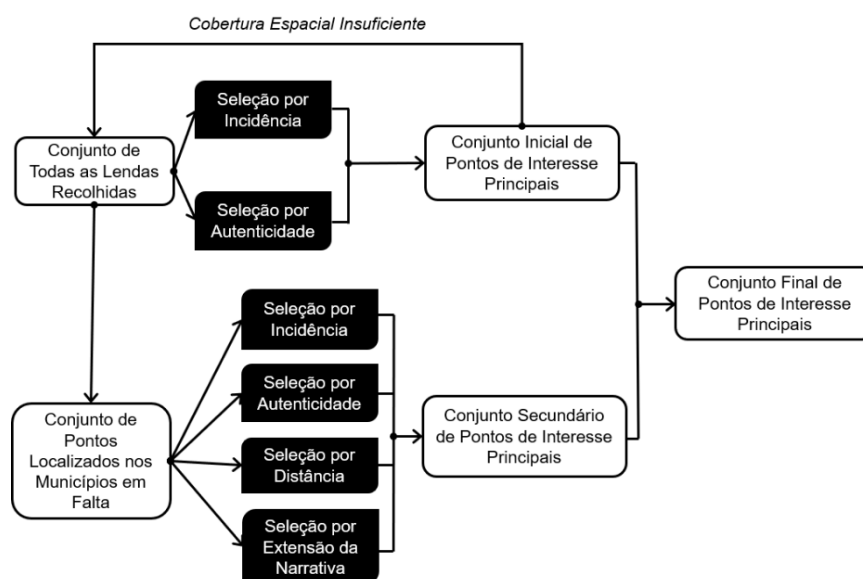


Figura 3 – Processo de Seleção do Conjunto de Pontos de Interesse Principais

Os restantes pontos foram sujeitos a uma avaliação geográfica, recorrendo, novamente, à informação disponível na plataforma Maps, de modo a verificar quer a sua importância para o objetivo da dispersão espacial, com a finalidade de garantir o equilíbrio entre a quantidade de pontos por concelho e evitar lacunas; quer a sua proximidade aos restantes pontos, a fim de garantir a coesão e a viabilidade de execução do percurso. Outrossim, considerando que se pretendeu criar alguma imersão do utilizador na cultura local, foi dispensada primazia a todos aqueles cuja lenda correspondesse a uma narrativa mais longa e/ou mais complexa, sendo, portanto, as histórias curtas e mais simples menos prevalentes no itinerário final. Finalmente, objetivando manter a abordagem mais ampla realizada para a primeira etapa de seleção, foi também dispensado algum cuidado para não criar um itinerário muito desequilibrado ao nível temático, tentando-se manter a diversidade do mesmo. O esquema referente a este processo encontra-se na Figura 4, na página seguinte.

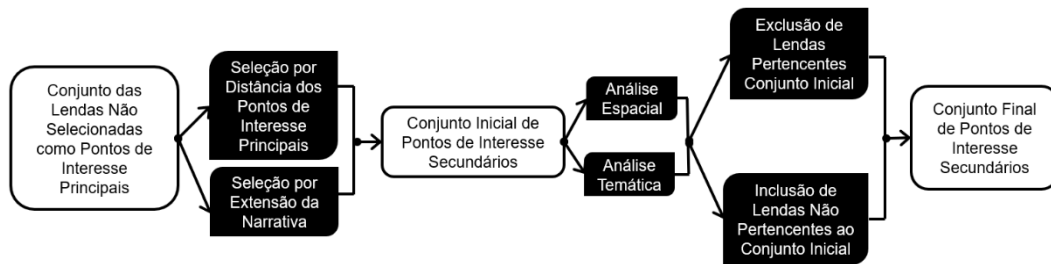


Figura 4 – Processo de Seleção do Conjunto de Pontos de Interesse Secundários

Foi ainda durante esta etapa que foi definido o percurso, devido ao auxílio desta noção na definição dos pontos. Os pontos que não corresponderam aos critérios de seleção nem do conjunto de pontos de interesse principais, nem do conjunto de pontos de interesse secundários, embora lhes seja reconhecido o devido valor cultural e acreditemos na possibilidade de os incorporar noutros itinerários e/ou projetos turísticos, foram descartados para os fins deste trabalho. Após a conclusão destas etapas, foi analisada a extensão temporal do percurso em viagem e definida a duração recomendada para executar o mesmo, de acordo com uma segmentação deste em alguns dias.

O itinerário final foi, para este efeito, transposto para a ferramenta ArcGIS StoryMaps, considerando que esta:

1. permite a criação e integração de mapas interativos com informação e dados específicos e importantes do projeto, que a ferramenta My Maps não possibilita;
2. permite a integração de vídeos, imagens, ficheiros de áudio e links externos, possibilitando, assim, que o itinerário seja visualmente chamativo e que se crie, com maior facilidade, uma interatividade mais ativa e imersiva com o utilizador (público), o que resulta numa experiência do utilizador de maior qualidade (Sutcliffe e Hart, 2016; Kim e Youn, 2017);
3. pode ser publicado online e/ou integrado em websites com bastante facilidade, sendo, como consequência, mais fácil de divulgar.

4.2.3 Avaliação do Projeto

A última etapa do presente projeto foi a sua avaliação. Dada a impossibilidade de o implementar no terreno, bem como de analisar os efeitos dessa implementação dentro de um prazo razoável para a entrega desta dissertação, foi decido realizar um

inquérito por questionário de avaliação do projeto quanto ao interesse do público em realizá-lo (especialmente o mercado doméstico, dado que são os hábitos deste que o presente projeto pretende alterar), uma vez que os dados previstos para obtenção têm um cariz mais objetivo do que aqueles que servem de base para o itinerário (Veal, 2018).

Neste sentido, e apesar de reconhecermos que esta tipologia de amostragem (por conveniência) possui limitações relativamente à sua capacidade de generalizar os dados obtidos, devido à considerável possibilidade de existir neles um viés, de modo a alcançar o maior número de respostas possível, e reconhecendo as limitações de alcance da autora, este foi distribuído online, respondido individualmente por cada inquirido de forma autónoma, recorrendo ao método de bola de neve (Taherdoost, 2016), começando pela mestranda, que o divulgou a todos os conhecidos que se disponibilizaram a responder e, conseqüentemente, sendo redistribuído por todos os respondentes que se disponibilizaram a fazê-lo também.

Tendo em consideração estas características, o questionário foi desenvolvido, através da ferramenta Forms da Google, devido à facilidade de partilha dos inquéritos nela desenvolvidos, com base, novamente, nas recomendações de Bryman (2012) e Veal (2018), e apresenta, por conseguinte:

1. uma estrutura lógica e de fácil compreensão, com respostas organizadas maioritariamente de modo vertical, com o intuito de evitar cliques errados, e onde as perguntas de cariz pessoal surgem no final;
2. respostas maioritariamente fechadas, dado que o objetivo é a obtenção de dados quantitativos;
3. linguagem simples e clara, quer nas questões, quer nas opções de resposta, com a finalidade de ser acessível ao maior número de inquiridos possível e evitar confundir os mesmos durante o momento de resposta;
4. uma duração média, relativamente curta, visando evitar a fadiga dos participantes e, como efeito, combater o erro de não resposta devido à incompletude do inquérito.

Antes de terem acesso ao questionário, todos os respondentes tiveram acesso a uma página de identificação da autora, das suas orientadoras e da instituição a que pertencem, onde quer o projeto, quer o inquérito foram apresentados quanto aos seus objetivos e onde, referindo o Regulamento Geral de Proteção de Dados, foram lembrados dos seus direitos, bem como informados sobre como contactar a responsável pelo processamento dos dados obtidos (a mestranda) em caso de dúvida relativamente a este processo e/ou os objetivos do projeto e/ou do inquérito.

Este inquérito, aprovado pela Comissão de Ética do IGOT em dezembro de 2025 (Anexo 5), foi implementado entre os meses de dezembro de 2025 e janeiro de 2026, tendo, portanto, a duração de, sensivelmente 1 mês (31 dias). Quer o questionário aplicado, quer a página de consentimento se encontram em anexo (Anexo 6).

No que se refere ao processamento dos dados obtidos através deste inquérito, este foi realizado através de tabelas de frequência (Bryman, 2012), devido ao, anteriormente mencionado, cariz maioritariamente quantitativo dos mesmos. Estes permitiram, assim, essencialmente, compreender o volume de respostas e a percentagem que cada uma das opções obteve para cada questão, mas também comparar e categorizar indutivamente as respostas às questões abertas. Todas as tabelas utilizadas para este efeito se encontram no segmento desta dissertação referente à análise dos resultados.

5. Resultados da Recolha de Informação

5.1 Caracterização das Entrevistas e dos Participantes

Como anteriormente afirmado, o processo inicial de recolha de informação traduziu-se num conjunto de entrevistas com indivíduos com conexões à área da Serra da Estrela. De acordo com as restrições temporais e os constrangimentos da deslocação Lisboa – Serra da Estrela, foram realizadas, partindo de uma amostragem intencional por parte do Estrela Geopark que, subsequente, continuou intencional através de um processo de bola de neve por parte dos entrevistados, 9 entrevistas (E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8 e E9), totalizando 14 entrevistados (P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P12, P13 e P14).

Também devido a estes constrangimentos e, de modo que a disponibilidade da entrevistadora e dos participantes fosse compatível e possibilitasse a realização das entrevistas, estas foram realizadas em espaços mais sensíveis a ruído e interrupções por via de pessoas externas à entrevista (cafés, residências dos entrevistados ou local de trabalho dos mesmos). Ademais nem todos os inquiridos puderam ser entrevistados sozinhos. Foram inquiridos em conjunto e pelas seguintes formações:

- P1 e P2 (E1);
- P8, P9 e P10 (E7);
- P11, P12 e P13 (E8)

Quadro 5 – Configuração das Entrevistas Realizadas

Entrevista	Participante(s)	Duração
E1	P1; P2	00:35:13
E2	P3	00:13:20
E3	P4	00:23:46
E4	P5	00:57:37
E5	P6	00:08:46
E6	P7	00:12:47
E7	P8; P9; P10	00:18:23
E8	P11; P12; P13	00:26:13
E9	P14	00:14:12

Como é visível através do Quadro 5, a duração das entrevistas, contabilizada excluindo a duração das interrupções que ocorreram durante as mesmas, variou consideravelmente. Este facto deve-se à dependência das mesmas da quantidade de informação relevante conhecida pelos entrevistados e a necessidade de extrair o máximo possível da mesma. Assim, a mais breve durou apenas 8 minutos e 48

segundos (E5) e a mais longa 57 minutos e trinta e sete segundos (E4). Totalizando 210 minutos e 17 segundos de entrevistas, a média de duração foi de 23 minutos e 22 segundos.

Quadro 6 – Caracterização dos Entrevistados

Participante	Género	Idade (Anos)	Origens Familiares (Concelho)	Naturalidade (Concelho)	Residência (Concelho)
P1	Feminino	87	Covilhã	Covilhã	Covilhã
P2	Feminino	91	Covilhã	Covilhã	Covilhã
P3	Masculino	64	Covilhã	Covilhã	Covilhã
P4	Feminino	41	Celorico da Beira	Celorico da Beira	Mealhada
P5	Masculino	54	Seia	Lisboa	Seia
P6	Masculino	42	S/D	Guarda	Guarda
P7	Feminino	57	S/D	Pinhel	Guarda
P8	Feminino	18	Seia	Lisboa	Lisboa
P9	Feminino	87	S/D	Seia	Seia
P10	Masculino	55	Seia	Seia	Lisboa
P11	Masculino	64	S/D	Covilhã	Covilhã
P12	Masculino	62	S/D	Covilhã	Covilhã
P13	Masculino	65	S/D	Seia	Seia
P14	Feminino	77	S/D	Belmonte	Belmonte

Dada a necessidade de garantir a autenticidade da informação obtida, e considerando a necessidade de transparência quanto às fontes (inclusivamente para possibilitar a comparação com eventuais projetos futuros que se dediquem à obtenção desde mesmo género de informação), foi recolhida informação dos participantes que os pudesse caracterizar quanto ao seu género, idade e à sua conexão com a região da Serra da Estrela.

Relativamente ao género, 7 entrevistados identificaram-se como sendo do género feminino e 7 como sendo do género masculino, existindo, portanto, uma divisão equilibrada entre os dois. No respeitante à idade, a participante mais nova tinha 18 anos à data da entrevista e a mais velha 91, configurando-se, dessarte, uma amplitude etária de 73 anos. Na faixa etária dos 18 aos 39 anos (jovens) verificou-se apenas 1 participante, sendo, por isso, a faixa menos representada. Já na faixa etária dos 40 aos 64 (meia-idade) constataram-se 8 inquiridos, sendo, como tal, a faixa mais representada. Finalmente, na faixa dos idosos (≥ 65), ocorreram 5 participantes.

Por último, no que se refere à conexão de cada participante com a área de estudo, como se verifica no Quadro 6, todos os entrevistados apresentaram algum nível de conexão a, pelo menos, um dos municípios de interesse. Deste modo, considera-se que o processo de entrevista cobriu 5 dos 9 concelhos da região, sendo estes:

- Belmonte;

- Celorico da Beira;
- Covilhã;
- Guarda;
- Seia.

Configura-se, como resultado, uma cobertura de mais de metade do território. É necessário, no entanto, ressaltar que todos os participantes foram questionados não apenas relativamente ao concelho com o qual mantinham uma conexão, mas também sobre toda a área da Serra da Estrela, pelo que as respostas obtidas não estão circunscritas a estes cinco concelhos, mas sim a todos os nove que fazem parte da mesma.

5.2 Dados Obtidos

Através das entrevistas, analisadas para a recolha segundo as suas transcrições, foram recolhidas um total de 45 lendas (incluindo repetições), mencionadas ou descritas parcial ou totalmente pelos entrevistados. Ademais, foram mencionados ainda 6 documentos diferentes durante as mesmas. Estes são:

- Coleção: *Portugal de Perto* (da qual foi apenas relevante o volume: Coelho, A. (1993). *Obra etnográfica (I): Festas, costumes e outros materiais para uma etnologia de Portugal*. Etnográfica Press);
- De Abreu, A. (1905). *Serra da Estrela - Guia do touriste*. Livraria Ferreira & Oliveira;
- Dias, A. (1946). *Vista Bela: Ensaio monográfico das terras de Seia Freguesia da Teixeira*. Tipográfica das Boiras;
- Ferreira, L. F. M. (1883). Secção de ethnographia. In Sociedade de Geografia de Lisboa, *Expedição Científica à Serra da Estrela em 1881*. Imprensa Nacional;
- Navarro, E. (1884). *Quatro dias na Serra da Estrela* (E. da C. Santos, Ed.). Livraria Civilização;
- Rebelo, M. V. & Rebelo, J. (2008). A penha. In Comissão Fabriqueira da Igreja de Prados (Ed.), *As igrejas de Prados*. Indugráfica.

Considerando a forma como nos foi possível chegar até aos mesmos, estes foram igualmente considerados fontes legítimas para a recolha de informação. Deles foram recolhidas 30 lendas, algumas das quais já contempladas durante as entrevistas. Posteriormente, alguns dos entrevistados forneceram, além da informação recolhida em entrevista, bibliografia eletrónica adicional que, seguindo a mesma lógica

de legitimidade das fontes, resultou na recolha de 19 lendas, novamente com algumas repetições:

- Dos Anjos, J. M. T. (2010). *Capela de Nossa Senhora da Estrela*. <https://sao-romao.blogspot.com/2010/04/capela-de-nossa-senhora-da-estrela.html?m=1>;
- Folclore de Portugal (s.d.a). *A lenda de Fátima, filha do rei mouro de Manteigas*. <https://folclore.pt/a-lenda-de-fatima/#gsc.tab=0>;
- Folclore de Portugal (s.d.b). *Lenda de Nossa Senhora do Espinheiro – Seia*. <https://folclore.pt/lenda-de-nossa-senhora-do-espigheiro/#gsc.tab=0>;
- Lageosa do Mondego (s.d). *Ponte do ladrão*. <https://www.facebook.com/lageosamondego/posts/ponte-do-ladr%C3%A3oreza-a-lendano-seu-termo-a-meio-caminho-de-a%C3%A7ores-est%C3%A1-a-ponte-do/1275794332452450/>;
- Município de Celorico da Beira. (s.d.). *Lenda a lenda*. https://www.cm-celoricodabeira.pt/lenda_a_lenda/;
- Rodrigues, Joana (2016). *As origens, os vestígios romanos, a lenda*. <https://memoriasdacovilha.blogs.sapo.pt/29o-transcricao-de-covilha-8494>.

Há ainda que mencionar visita realizada ao Centro de Interpretação da Serra da Estrela (CISE) para consulta da documentação selecionada pela entidade, possibilitada através do P5, bem como o documento disponibilizado pelo Município da Guarda (um contacto intermediário fornecido inicialmente pelo Estrela Geopark), que permitiram a consulta dos seguintes documentos, através dos quais foi possível recolher 29 lendas, sendo várias deles iterações diferentes da mesma lenda ou, como anteriormente, iterações de lendas já registadas:

- Batista, J. D. L. (1994). *Toponímia do concelho de Manteigas* (Câmara Municipal de Manteigas & Parque Natural da Serra da Estrela, Eds.);
- Bigotte, J. Q. (1992). *Monografia da cidade e concelho de Seia: História e etnografia* (3ª);
- Cardoso, J. P. (1997). *Memórias de Corgas (Seia)*. Grabifeira;
- Da Rosa, N. L. (2017). *Manteigas no outro lado do tempo: Décadas de 1950 e de 1960* (R. Costa, Ed.). Chiado Editora;
- Gonçalves, J. L. (2001). *Histórias de uma aldeia: Valezim, Serra da Estrela* (J. L. M. Gonçalves, Ed.). Hugin;

- Marques, G. (2003). *A lenda da Guarda* (Núcleo de Animação Cultural da Câmara Municipal da Guarda, Ed.). Tondelgráfica;
- Santos, A. (2007). *Vila Verde: Terra de samarreiros - Peles, curtumes, gentes e costumes*. Porta Estrela.

No entanto, considerando a menção do Município da Guarda ao trabalho de compilação de Gentil Marques, acreditamos na qualidade da mesma, pelo que decidimos conduzir uma leitura ao resto dessa compilação, a fim de recolher outras lendas relevantes para o projeto. Assim, tomam-se como outras fontes de informação:

- Marques, G. (2006a). *Lendas de Portugal: Lendas de mouras e mouros parte I*. Beta - Projectos Editoriais;
- Marques, G. (2006b). *Lendas de Portugal: Lendas de mouras e mouros parte II*. Beta - Projectos Editoriais;
- Marques, G. (2006c). *Lendas de Portugal: Lendas heróicas parte I*. Beta - Projectos Editoriais;
- Marques, G. (2006d). *Lendas de Portugal: Lendas heróicas parte II*. Beta - Projectos Editoriais;
- Marques, G. (2006e). *Lendas de Portugal: Lendas religiosas parte I*. Beta - Projectos Editoriais;

Finalmente, analisando a informação recolhida, reconhecemos três lendas registadas cuja informação disponível se resumia a uma mera menção. Estas foram: a lenda da capela de Santo António da Argenteira, a lenda da capela de São Lourenço e a lenda da Senhora do Rosário, todas retiradas do documento *Manteigas no Outro Lado do Tempo: Décadas de 1950 e de 1960*.

De modo a compreender o conteúdo das mesmas, bem como possibilitar a análise da sua relevância para o projeto em desenvolvimento, foi conduzida uma breve pesquisa com o objetivo de encontrar algum documento que as tivesse explorado com maior detalhe. No seguimento deste processo foi encontrada a seguinte coletânea:

- Do Zêzere, H. (2006). *Manteigas: Uma terra da serra enovelada de lendas*. E-libro.

Este, tendo sido escrito por José Rabaça Gaspar, utilizando um nome fictício para a sua publicação, uma vez que o autor é natural de Manteigas, estudou no concelho da Guarda e exerceu profissionalmente em diversos municípios pertencentes à área da Serra da Estrela, apresenta uma origem que julgamos ser credível, pelo que, à semelhança dos supracitados, este documento deve ser igualmente considerado fonte de informação no desenvolvimento deste projeto.

Destas duas pesquisas autónomas advindas da colaboração com as entidades mencionadas foram, então, retiradas 14 lendas, novamente, algumas das quais apenas uma outra incidência de uma lenda já registada.

Logo, somando todas as lendas retiradas e contabilizando cada uma delas apenas uma vez (mesmo tendo sido recolhidas de mais de uma fonte e/ou mais de uma vez), totalizam-se 83 lendas, listadas e numeradas na página seguinte (Quadro 7):

Quadro 7 – Numeração das Lendas Recolhidas

Nº	Nome	Nº	Nome	Nº	Nome	Nº	Nome	Nº	Nome	Nº	Nome	Nº	Nome	Nº	Nome	Nº	Nome		
1	Lenda dos 12 de Inglaterra	2	Lenda dos 3 Rios OU da Raiwa do Alva	3	Lenda do Açor e do Príncipe OU da Nossa Senhora de Açores	4	Lenda da Batalha da Penhadeira OU da Lua Nova	5	Lenda do Barbadão	6	Lenda da Boa e da Má Hora	7	Lenda do Boi de D. Miguel e da Origem do Sobral de S. Miguel	8	Lenda das Bruxas	9	Lenda do Buraco da Moura	10	Lenda do Cabeço de Satanás
11	Lenda dos Cacas OU da Brigada de Vermelho	12	Lenda da Capela de Nossa Senhora da Piedade	13	Lenda da Capela de Santo António da Argenteira	14	Lenda da Capela de São Lourenço	15	Lenda do Capitãozinho	16	Lenda da Carvalha de Nossa Senhora dos Verdes	17	Lenda do Cativo de Belmonte OU da Ermida de Nossa Senhora da Esperança	18	Lenda da Cava Juliana	19	Lenda das Cavernas de Gelo	20	Lenda da Cova dos Santos Nus
21	Lenda do Coruto de Alfátima OU da Princesa Fátima	22	Lenda do Diabo de Balocas OU da Transferência do Diabo do Aguincho	23	Lenda da Dona Lopa	24	Lenda das Duas Teixeira	25	Lenda do Exorcismo do Padre Tojo	26	Lenda do Fidalgo Careta	27	Lenda da Fonte da Moura	28	Lenda da Fonte dos Namorados	29	Lenda da Fonte de S. Pedro OU das Águas de S. João	30	Lenda da Guarda
31	Lenda das Imagens de Senhora do Desterro	32	Lenda do Jarmelo	33	Lenda de Júlio César em Manteigas	34	Lenda da Lagoa Comprida	35	Lenda da Lagoa Escura	36	Lenda da Lagoa do Pachão OU de Santa Antonina	37	Lenda da Lagoa Seca	38	Lenda da Lagoa do Zêzere, do Mondego e do Alva	39	Lenda da Lapa dos Dinheiros	40	Lenda dos Lobisomens
41	Lenda da Má Velha	42	Lenda do Melro da Penhadeira OU da Fenda da Penhadeira	43	Lenda do Milagre de Nossa Senhora em Paúl	44	Lenda do Mondeguinho OU da Princesa Estrela	45	Lenda do Monstro de Olhos no Focinho OU da Bicha Fera	46	Lenda do Morto dos Trigais	47	Lenda da Moura da Rapa	48	Lenda das Mouras Encantadas OU das Fontes dos Mouros	49	Lenda das Nogueiras de Santo André	50	Lenda da Nossa Senhora do Espinheiro
51	Lenda de Nossa Senhora da Esperança	52	Lenda de Nossa Senhora da Estrela OU de Egas Moniz e o Urso	53	Lenda da Nossa Senhora dos Verdes de Gouveia	54	Lenda da Nossa Senhora dos Verdes de Manteigas	55	Lenda do Ouro de Cascalho	56	Lenda do Ouro de Mel e Sal	57	Lenda do Pastor e da Estrela	58	Lenda da Pedra de 1000 Toneladas	59	Lenda da Pedra do(s) Casamento(s) OU do Penedo do Casamento	60	Lenda da Pedra de Montar
61	Lenda das Pedras da Santinha	62	Lenda da Penha de Prados	63	Lenda do Poço de Manteigas	64	Lenda da Ponte do Ladrão	65	Lenda da Praga dos Gafanhotos de Alfátima	66	Lenda da Praga de Gafanhotos OU da Senhora dos Verdes de Vide-entre-Vinhas	67	Lenda da Romaria a Santa Ana OU da Ajuda de Prados	68	Lenda de São Luís de França	69	Lenda da Senhora do Bom Sucesso	70	Lenda da Senhora da Póvoa do Mileu
71	Lenda da Senhora do Rosário	72	Lenda do Senhor do Esquife de Santa Maria	73	Lenda da Serra da Argemela	74	Lenda do Tesouro da Carreira de Cavallos	75	Lenda dos Tesouros Mouros no Aguincho	76	Lenda da Tragédia do Vale de Azares	77	Lenda da Truta de Celorico	78	Lenda da Vaca e do Pastor	79	Lenda do Vale da Imagem de Bom Jesus	80	Lenda de Valezim
81	Lenda da Velha do Caminho	82	Lenda da Venda da Madeira	83	Lenda de Viriato														

Considerando o volume de informação obtido, foi necessário, em seguida, organizar esta informação. Primeiramente, todas as lendas foram submetidas a uma análise temática e organizadas, recorrendo à ferramenta QualCoder, de acordo com o tema mais prevalente na sua narrativa (algumas possuem elementos de diversos temas). Assim, foram criadas as seguintes categorias, às quais foram também atribuídas cores:

- Lendas sobre Corpos de Água (Azul) – Lendas números 2, 34, 37, 38 e 44;
- Lendas sobre Criaturas Fantásticas (Vermelho) – Lendas números 6, 8, 35, 40 e 45;
- Lendas sobre Formações Naturais (Verde) – Lendas números 10, 19 e 61;
- Lendas Históricas (Amarelo) – Lendas números 1, 5, 7, 18, 30, 33, 41, 50, 51, 52, 60, 77 e 83;
- Lendas Seculares (Roxo) – Lendas números 11, 24, 32, 39, 42, 46, 55, 56, 57, 58, 59, 64, 65, 73, 74, 76, 81 e 82;
- Lendas sobre Mouros (Laranja) – Lendas números 9, 17, 21, 27, 47, 48, 62, 63, 75 e 80;
- Lendas Religiosas (Rosa) – Lendas números 3, 4, 12, 13, 14, 15, 16, 20, 22, 23, 25, 26, 28, 29, 31, 36, 43, 49, 53, 54, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 78 e 79.

Consequentemente, adotando esta categorização e para melhor compreensão da sua distribuição, uma vez que dispersão espacial da afluência turística é de extrema importância para este projeto, estas foram, organizadas num mapa através da ferramenta My Maps, considerando os pontos de interesse que se conectam com as mesmas. Ressalta-se que, por se tratarem de património imaterial e possuírem diversas versões ou serem vagas na sua descrição, múltiplas lendas não se relacionaram a pontos específicos ou foram associadas a áreas mais gerais, pelo que os pontos para elas escolhidos se basearam naqueles que, dentro dessas áreas, foram possíveis de conceber como mais relevantes para fins especificamente turísticos (exemplo: áreas naturais) ou que demonstraram ser espaços centrais para as comunidades locais (e como tal mais conectados com o fator cultural do projeto). Isto significa que muitas vezes são meramente indicativos de uma área mais ampla ou composta por outros elementos nas suas imediações que se espera que o turista explore por conta própria, utilizando a sua criatividade para e imaginar a ação no

espaço. Como tal, este trabalho assume desde já a possibilidade de outros mapeamentos, bem como a sua validade.

O mapa elaborado corresponde ao apresentado na Figura 5. Doravante, todos os mapas com a mesma iconografia podem ser interpretados através da legenda para este facultada.

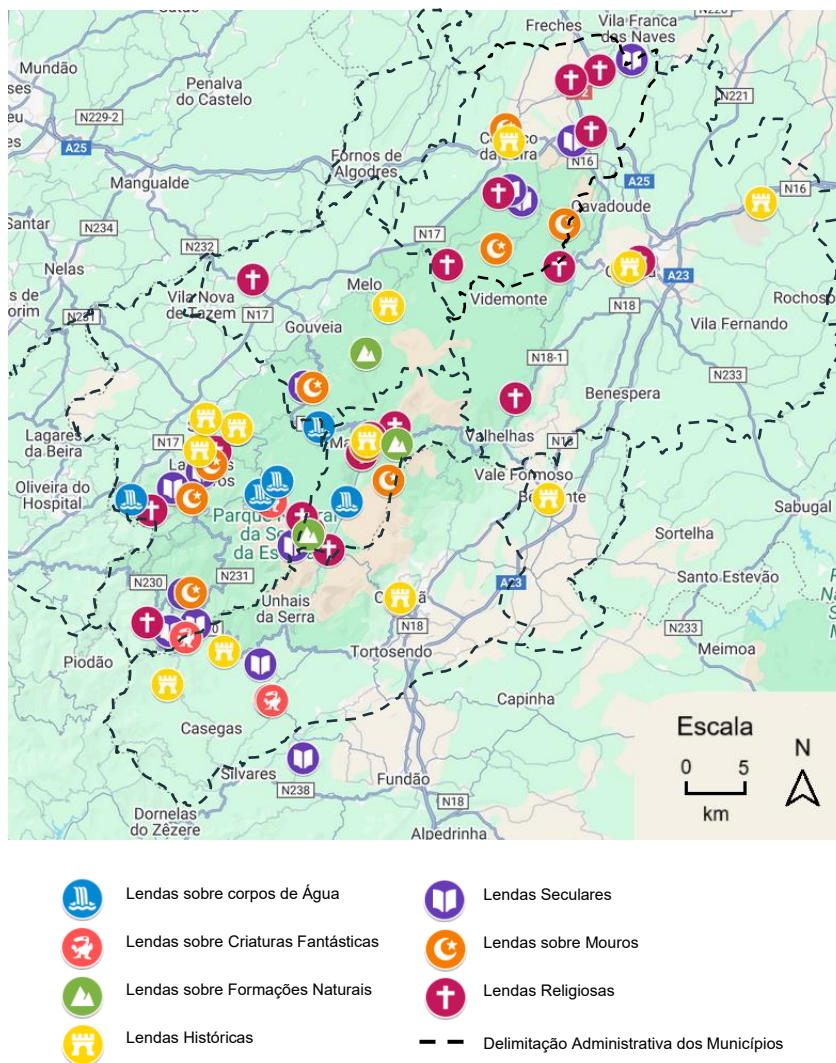


Figura 5 – Distribuição das Lendas Recolhidas no Espaço

Os pontos coloridos que se encontram na figura supracitada, foram descritos, através do número correspondente à lenda que referenciam, o nome do local que representam e as coordenadas exatas da sua localização no quadro da página seguinte (8).

Quadro 8 - Localização dos Pontos Atribuídos a Cada Lenda

Lenda (Nº)	Local - Coordenadas	Lenda (Nº)	Local - Coordenadas	Lenda (Nº)	Local - Coordenadas	Lenda (Nº)	Local - Coordenadas	Lenda (Nº)	Local - Coordenadas	Lenda (Nº)	Local - Coordenadas	Lenda (Nº)	Local - Coordenadas	Lenda (Nº)	Local - Coordenadas	
1	Muralhas do Castelo de Seia (Seia) 40°25'14"N 7°42'14"W	2	Praia Fluvial de Sandomil (Seia) 40°22'14"N 7°33'7"W	3	Igreja de Nossa Senhora de Açores (Celorico da Beira) 40°38'42"N 7°18'23"W	4	Barroco da Penhadeira (Celorico da Beira) 40°41'58"N 7°16'7"W	5	Casa Judaica (Guarda) 40°32'23.59"N 7°16'4"W	6	Miradouro Portas do Sol (Covilhã) 40°16'45"N 7°30'17"W	7	Sobral de S. Miguel (Covilhã) 40°12'44"N 7°44'40"W	8	Rotundas das Rodas do Moinho (Covilhã) 40°11'60"N 7°38'11"W	
9	Buraco da Moura (Seia) 40°23'8"N 7°41'55"W	10	Cabeço de Satanás (Manteigas) 40°24'4"N 7°30'26"W	11	Associação Amigos da Teixeira (Seia) 40°15'17"N 7°44'28"W	12	Igreja de Nossa Senhora da Piedade (Seia) 40°20'55"N 7°45'39"W	13	Capela de Santo António da Argenteira (Manteigas) 40°19'1"N 7°34'41"W	14	Capela de São Lourenço de Manteigas (Manteigas) 40°24'52"N 7°30'34"W	15	Capela da Senhora do Espinheiro (Seia) 40°24'48"N 7°40'21"W	16	Igreja de Nossa Senhora dos Verdes (Manteigas) 40°23'39"N 7°32'36"W	
17	Igreja Matriz de Belmonte (Belmonte) 40°21'28"N 7°21'2"W	18	Estátua de D.Luís (Covilhã) 40°16'50"N 7°30'14"W	19	Cântaro Magro (Manteigas) 40°19'42"N 7°35'55"W	20	Covão Cimeiro (Manteigas) 40°19'50"N 7°35'36"W	21	Cabeço de Alfátima (Gouveia) 40°26'43"N 7°35'39"W	22	Capela de Balocas (Seia) 40°15'34"N 7°48'22"W	23	Casa da Dona Lopa (Celorico da Beira) 40°32'32"N 7°27'21"W	24	Associação Amigos da Teixeira (Seia) 40°15'17"N 7°44'28"W	
25	Alminhas do Purgatório (Manteigas) 40°24'7"N 7°32'21"W	26	Capela da Senhora do Espinheiro (Seia) 40°24'48"N 7°40'21.32"W	27	Ponte da Lavandeira (Celorico da Beira) 40°38'50"N 7°23'44"W	28	Fonte dos Namorados (Manteigas) 40°24'22"N 7°32'3"W	29	Fonte de S. Pedro de Manteigas (Manteigas) 40°24'3"N 7°32'20"W	30	Castelo da Guarda (Guarda) 40°32'18"N 7°16'18"W	31	Capela de Nossa Senhora do Desterro (Seia) 40°23'44"N 7°41'42"W	32	Castro do Jarmelo (Guarda) 40°35'38"N 7°7'59"W	
33	Igreja Matriz de Santa Maria (Manteigas) 40°24'14"N 7°32'16"W	34	Lagoa Comprida (Seia) 40°21'47"N 7°38'55"W	35	Lagoa Escura (Seia) 40°21'23"N 7°38'13"W	36	Lagoa do Pachão (Seia) 40°20'38"N 7°36'21"W	37	Lagoa Seca (Manteigas) 40°22'17"N 7°37'48"W	38	Vale Glaciar do Rio Zêzere (Manteigas) 40°22'14"N 7°33'7"W	39	Lapa dos Dinheiros (Seia) 40°22'47"N 7°42'32"W	40	Capela do Espírito Santo (Covilhã) 40°12'5"N 7°38'18"W	
41	Mã Velha (Covilhã) 40°14'18"N 7°41'6"W	42	Barroco da Penhadeira (Celorico da Beira) 40°41'58"N 7°16'7"W	43	Capela do Espírito Santo (Covilhã) 40°12'5"N 7°38'18"W	44	Nascente do Rio Mondego Mondeguinho (Gouveia) 40°24'53"N 7°35'16"W	45	Pedras Lavradas (Seia) 40°14'57"N 7°43'28"W	46	Santuário de Nossa Senhora dos Milagres (Covilhã) 40°13'41"N 7°38'53"W	47	Baloço da Rapa (Celorico da Beira) 40°34'23"N 7°20'6"W	48	Fonte de S. Pedro de Manteigas (Manteigas) 40°24'3"N 7°32'20"W	
49	Capela de Santo André de Manteigas (Manteigas) 40°23'35"N 7°32'20"W	50	Capela da Senhora do Espinheiro (Seia) 40°24'48"N 7°40'21"W	51	Igreja Matriz de Belmonte (Belmonte) 40°21'28"N 7°21'2"W	52	Capela de Nossa Senhora da Boa Estrela (Seia) 40°23'43"N 7°42'39"W	53	Capela da Senhora dos Verdes (Gouveia) 40°31'46"N 7°39'22"W	54	Igreja de Nossa Senhora dos Verdes (Manteigas) 40°23'39"N 7°32'36"W	55	Minas do Círio (Seia) 40°22'1"N 7°44'17"W	56	Minas do Círio (Seia) 40°22'1"N 7°44'17"W	
57	Torre (Covilhã) 40°19'20"N 7°36'46"W	58	Pedra de 1000 Toneladas (Seia) 40°15'34"N 7°42'53"W	59	Penedo do Casamento (Celorico da Beira) 40°36"N 7°23'28"W	60	Castro do Jarmelo (Guarda) 40°35'38"N 7°7'59"W	61	Alto da Santinha (Gouveia) 40°28'22"N 7°32'21"W	62	Penha de Prados (Celorico da Beira) 40°33'13"N 7°24'15"W	63	Poço do Inferno (Manteigas) 40°22'22"N 7°31'1"W	64	Ponte do Ladrão (Celorico da Beira) 40°38'16"N 7°19'35"W	
65	Miradouro do Cabeço de Alfátima (Gouveia) 40°26'44"N 7°36'8"W	66	Vide-entre-Vinhas (Celorico da Beira) 40°35'49"N 7°24'12"W	67	Igreja de Santa Ana (Guarda) 40°32'24"N 7°20'27"W	68	Capela de Maçal do Chão (Celorico da Beira) 40°41'35"N 7°17'56"W	69	Capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso (Celorico da Beira) 40°41'11"N 7°19'41"W	70	Capela de Nossa Senhora do Milieu (Guarda) 40°32'38"N 7°15'26"W	71	Igreja Matriz de Santa Maria (Manteigas) 40°24'14"N 7°32'16"W	72	Igreja Matriz de Santa Maria (Manteigas) 40°24'14"N 7°32'16"W	
73	Cabeço da Argemela (Covilhã) 40°9'19"N 7°36'12"W	74	Cabeço do Castro de S. Romão (Seia) 40°23'24"N 7°41'58"W	75	Poço da Ponte (Seia) 40°17'7"N 7°43'10"W	76	Capela da Senhora de Azare (Celorico da Beira) 40°35'28"N 7°22'45"W	77	Castelo de Celorico da Beira (Celorico da Beira) 40°38'15"N 7°23'30"W	78	Igreja de Nossa Senhora de Açores (Celorico da Beira) 40°38'42"N 7°18'23"W	79	Convento do Senhor Bom Jesus (Guarda) 40°26'10"N 7°23'6"W	80	Valezim (Seia) 40°21'28"N 7°43'36"W	
81	Poço da Broca do Aguincho (Seia) 40°17'3"N 7°43'39"W	82	Associação Amigos da Teixeira (Seia) 40°15'17"N 7°44'28"W	83	Estátua de Viriato (Gouveia) 40°30'31"N 7°30'55"W											

Para facilitar a análise da sua distribuição geográfica, condensou-se essa informação através da divisão dos pontos por concelho, como demonstrado na tabela do Quadro 9.

Quadro 9 – Distribuição das Lendas por Concelho

Concelho	Lendas (Numeração)	Número Total de Lendas
Belmonte	17; 51	2
Celorico da Beira	3; 4; 23; 27; 42; 47; 59; 62; 64; 66; 68; 69; 76; 77; 78	15
Covilhã	6; 7; 8; 18; 40; 41; 43; 46; 57; 73	10
Fornos de Algodres	N/A	0
Gouveia	21; 44; 53; 61; 65; 83	6
Guarda	5; 30; 32; 60; 67; 70; 79	7
Manteigas	10; 13; 14; 16; 19; 20; 25; 28; 29; 33; 37; 38; 48; 49; 54; 63; 71; 72	18
Oliveira do Hospital	N/A	0
Seia	1; 2; 9; 11; 12; 15; 22; 24; 26; 31; 34; 35; 36; 39; 45; 50; 52; 55; 56; 58; 74; 75; 80; 81; 82	25

Assim, foi possível compreender que, com uma diferença de 7 lendas para o segundo concelho mais mencionado (Manteigas) e 10 para o terceiro (Celorico da Beira), Seia foi claramente o município com a maior frequência de lendas relacionadas com a sua área, ainda que não tenha sido aquele com o mais elevado número de conexões nas entrevistas (fator que se justifica na bibliografia disponibilizada pelo CISE cuja localização é, justamente, a cidade de Seia).

Entretanto, embora Manteigas e Gouveia contradigam o expectável, uma vez que não existiu qualquer entrevista com conexão a estes concelhos, Fornos de Algodres e Oliveira do Hospital, os dois outros concelhos não abrangidos pelas entrevistas, não apresentaram qualquer incidência de lendas, pelo que a inexistência dessa informação os exclui automaticamente do itinerário final. Deste modo, a contagem final de concelhos abrangidos pelas lendas recolhidas é de um total de 7 de 9 concelhos.

5.3 Discussão

Embora a amostra final decorrente deste processo tenha ficado aquém das expectativas iniciais, conseguindo formalizar apenas 9 entrevistas com 14 entrevistados, considerando a dificuldade de conexão com a população relevante, no nosso entendimento estes números continuam a ser positivos. Neste mesmo sentido, embora não tenha sido possível entrevistar todos os participantes separadamente, a conjugação de participantes numa mesma entrevista acabou por se demonstrar útil na medida em que os participantes se auxiliaram nas respostas, completando os

raciocínios uns dos outros quando estes se depararam com lapsos de memória; acrescentando informação relevante ao discurso produzido pelos restantes; e confirmando ou retificando informações. Acreditamos, assim, que a estratégia de entrevista em pares ou em grupo pode ser um benefício para a obtenção desta tipologia de informação e, como tal, recomendamos a sua utilização em pesquisas semelhantes a esta.

No que refere à bibliografia adicional, consideramos que o contributo quer dos participantes, quer das entidades que se disponibilizaram a colaborar com este projeto, quer do que podemos autonomamente encontrar se provou bastante útil. Como resultado, e embora neste projeto ambas as contribuições tenham sido inesperadas, acreditamos que em projetos futuros esta deve ser uma componente previamente considerada, uma vez que, através da mesma, conseguimos perceber que existem, localmente, documentos escritos que já registam tradições e lendas locais, pelo que, encontrá-los e analisá-los de forma sistemática pode trazer novas contribuições no respeitante à recolha desta informação, à sua compilação em documentos mais facilmente acessíveis e, conseqüentemente, à sua disponibilidade para serem utilizados em projetos similares a este.

Relativamente ao tratamento dos dados obtidos, referimos dois aspetos que consideramos requerer especial atenção devido à subjetividade que implicam nas decisões tomadas:

1. A incidência das lendas;
2. A relação lenda-espço.

No que se refere ao primeiro, consideramos relevante mencioná-lo pois este implica, em primeiro lugar, uma interpretação dos investigadores das diferentes narrativas existentes, o que significa que a informação a retirar sobre cada uma poderá ser diferente consoante o investigador e, por conseguinte, também o seu tratamento das mesmas. Para os efeitos deste projeto, e como será demonstrado no capítulo seguinte, dado que um dos objetivos do projeto é preservar a cultura serrana, optámos por preservar todas as versões de cada lenda, mencionando e comparando-as entre si na sua descrição, priorizando a minimização da perda de informação.

Por sua vez, o segundo aspeto é relevante, como mencionado anteriormente, pois esta relação, embora nalguns casos bastante evidente, devido à natureza da informação a trabalhar que é património imaterial, é extremamente ténue noutros. Por este motivo, e como descrito anteriormente, os locais associados a cada lenda podem não ser específicos ou representar uma área mais ampla ou constituída por mais elementos. Assim, não apenas compreendemos a existência de outras associações, mas ressaltamos que se pretende não circunscrever o utilizador a um ponto, mas guiá-

lo na sua exploração do território, permitindo e incentivando a sua curiosidade, criatividade e a sua capacidade de projetar a ação no local de acordo com a sua interpretação pessoal.

Em conclusão: embora tenham existido alguns fatores que dificultaram quer o processo de entrevista, quer o processo de tratamento de dados, e tenham ocorrido situações inesperadas, os dados obtidos nesta etapa de recolha de informação foram significativos e são suficientes para cumprirem o seu objetivo de servir como base a todas as outras etapas de elaboração do itinerário.

6. Construção do Itinerário

6.1 Seleção das Lendas

Como anteriormente mencionado, as lendas foram selecionadas em duas etapas diferentes:

- Etapa 1: Pontos de Interesse Principais (aqueles que funcionaram como base inicial de elaboração do itinerário);
- Etapa 2: Pontos de Interesse Secundários (aqueles que foram acrescentados aos pontos principais com a finalidade de enriquecer, complementar e tornar mais coeso o itinerário final).

Relembramos que os esquemas que resumem os processos utilizados em cada uma destas etapas se encontram no ponto 4.2.2 e pode ser relevante revisita-los para uma melhor compreensão da descrição dos mesmos, providenciada em detalhe nos dois segmentos que se sucedem.

6.1.1 Pontos de Interesse Principais

A Etapa 1 iniciou-se com uma seleção das lendas de acordo com a sobreposição de dois critérios: a incidência das mesmas (relacionado com a relevância cultural destas para a região em foco) e a sua referenciação durante o processo das entrevistas (relacionado com a importância da autenticidade da informação obtida que originou a necessidade de realizar as entrevistas em primeiro lugar). Isto é: foram definidas como lendas principais todas aquelas que, tendo sido encontradas em 3 ou mais fontes, tenham sido mencionadas pelo menos uma vez em entrevista. Os Quadros 10 e 11 demonstram, através de tabelas, como foram esquematizados estes dados.

Quadro 10 – Incidência das Lendas

Incidência Total	1	2	3	4	5	6
Lendas (Numeração)	1; 4; 5; 6; 10; 12; 15; 16; 17; 20; 23; 24; 25; 26; 27; 28; 29; 30; 31; 32; 34; 37; 38; 41; 42; 43; 46; 47; 49; 51; 53; 55; 56; 58; 59; 60; 63; 68; 70; 74; 75; 76; 78; 79; 80; 81; 82	11; 13; 18; 19; 22; 33; 39; 50; 58; 61; 62; 64; 65; 66; 67; 69; 71; 72; 77	3; 7; 9; 14; 40; 45; 52; 54; 73	2; 8; 44	21; 35; 36; 48	83

Quadro 11 – Incidência das Lendas Durante as Entrevistas

Entrevista	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9
Lendas (Numeração)	8; 40; 43	6; 35; 52; 73	59; 62; 64; 66; 67; 77	8; 9; 35; 36	60	5; 44; 48; 70	7; 11; 22; 24; 45; 55; 56; 83	5; 8; 11; 22; 41; 45; 46; 58; 75; 81; 82; 83	40; 51

A partir estas, foi, então, possível recolher os dois conjuntos iniciais: o grupo correspondente às lendas com incidência igual ou superior a 3 (2, 3, 7, 8, 9, 14, 19, 21, 35, 36, 40, 44, 45, 48, 52, 54, 73, 83) e o grupo de lendas mencionadas em entrevista (5, 6, 7, 8, 9, 11, 22, 24, 35, 36, 40, 43, 44, 45, 48, 51, 52, 58, 59, 60, 62, 64, 66, 67, 70, 73, 75, 77, 81, 82, 83). Deste modo, analisando a sobreposição dos dois conjuntos, o conjunto de lendas principais encontrado, totalizando 12 (um número bastante menos extenso do que o inicial), foi o seguinte:

- **Lenda do Boi de D. Miguel E Origem do Sobral de S. Miguel** (mencionada 3 vezes, uma das quais durante a E7 e outra durante a E8);
- **Lenda das Bruxas** (mencionada 4 vezes, uma das quais durante a E1 e depois, novamente, nas E4 e E8);
- **Lenda do Buraco da Moura** (mencionada 3 vezes, uma das quais durante a E4);
- **Lenda da Lagoa Escura** (mencionada 5 vezes, uma das quais durante a E2 e outra durante a E4);
- **Lenda da Lagoa do Pachão OU de Santa Antonina** (mencionada 5 vezes, uma das quais durante a E4);
- **Lenda dos Lobisomens** (mencionada 3 vezes, uma das quais durante a E1);
- **Lenda do Mondeguinho OU da Princesa Estrela** (mencionada 4 vezes, uma das quais durante a E6);
- **Lenda do Monstro de Olhos no Focinho OU da Bicha Fera** (mencionada 3 vezes, uma das quais durante a E7 e outra durante a E8);
- **Lenda das Mouras Encantadas OU das Fontes dos Mouros** (mencionada 5 vezes, uma das quais durante a E6);
- **Lenda de Nossa Senhora da Estrela OU de Egas Moniz e o Urso** (mencionada 3 vezes, um das quais durante a E2);
- **Lenda da Serra da Argemela** (mencionada 3 vezes, uma das quais durante a E2);
- **Lenda de Viriato** (mencionada 5 vezes, uma das quais durante a E7 e outra durante a E8).

Todavia, considerando as informações recolhidas durante a E4 sobre o perigo existente na exploração da caverna correspondente à lenda do Buraco da Moura, por motivos de segurança quer dos turistas, quer da fauna local, mesmo reconhecendo a relevância da lenda para a cultura da região, considerámos mais seguro não o

incorporar no itinerário final. Acreditamos que, mesmo ressaltando este fator na descrição do local e desaconselhando a entrada no mesmo, não temos como garantir o cumprimento destas indicações, especialmente tendo em consideração a existência do turismo de aventura e/ou radical, e, por este motivo, preferimos não aceitar o risco de o incluir. Dessarte, com esta subtração, tematicamente, este conjunto de 11 pontos engloba: 1 lenda sobre corpos de água, 4 lendas sobre criaturas fantásticas, nenhuma lenda sobre formações naturais, 3 lendas históricas, 1 lenda secular, 1 lenda sobre mouros e 1 lenda religiosa, não tendo, como tal, pelo menos uma representante de cada categoria previamente definida, o que não transpõe com fiabilidade os resultados da recolha original.

No que refere à sua dispersão geográfica, este conjunto é, igualmente, significativamente menos representativo da área total da Serra da Estrela do que o conjunto original. Como é possível de verificar através do mapa da Figura 6, este conjunto tem um foco bastante significativo nos concelhos mais a sul e oeste, nomeadamente Seia e a Covilhã (com uma frequência de 4 lendas cada). Outrossim, os municípios Belmonte, Celorico da Beira e Guarda não se encontram de todo representados no mesmo.

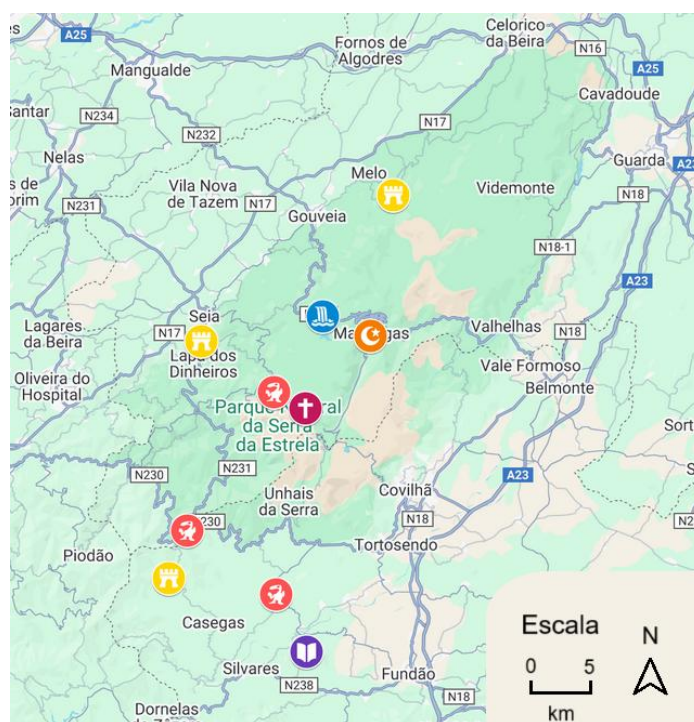


Figura 6 – Distribuição Espacial da Seleção Inicial de Pontos de Interesse Principais

Surgiram, assim, duas possibilidades: eliminar por completo os municípios mais a norte da região e focar o itinerário nos concelhos mais a sul ou optar por resgatar lendas sobre os municípios não incorporados nesta seleção, de modo a rebalancear o itinerário em termos geográficos. A primeira opção permite um maior número de lendas de cada município integrado, dado que a duração do itinerário se divide por um espaço menor. Este fator pode ser entendido como um benefício no sentido do aprofundamento e da imersão cultural dos municípios em questão. Todavia, como mencionado desde o começo, o projeto em desenvolvimento tem um foco geral na Serra da Estrela. Excluir parte da sua cultura através da não inclusão de todos os concelhos com informação disponível é limitador nesse sentido. Ademais, uma vez que os objetivos do mesmo englobam a dispersão da afluência no espaço a fim de mitigar a degradação da região, bem fomentar uma distribuição mais equitativa dos benefícios socioeconómicos advindos da atividade turística, esta opção pareceu-nos ser a menos indicada. Por este motivo, apesar de que a necessidade de resgatar pontos descartados pela seleção inicial complexifica a metodologia utilizada, o alinhamento da segunda opção com os objetivos do projeto foi fulcral para a nossa decisão de envergar por ela. Por consequência, o processo foi bastante semelhante ao anterior.

Primeiramente, foram selecionadas as lendas com a maior frequência de registo. Dado o facto de que na seleção que identificava aquelas referenciadas 3 ou mais vezes não obteve os resultados desejados, foram selecionadas aquelas mencionadas duas vezes. E, considerando que o objetivo desta segunda seleção era resgatar lendas para os municípios com informação registada que tinham sido excluídos durante o processo anterior, foram apenas selecionadas lendas relacionadas com os mesmos (Belmonte, Celorico da Beira e Guarda). O conjunto correspondente a esta seleção foi: 50, 62, 64, 66, 67, 69 e 77. Em seguida, este conjunto foi submetido ao segundo critério: ter sido mencionado durante uma entrevista. Apenas as lendas que corresponderam positivamente ao mesmo foram selecionadas. Esta etapa resultou no seguinte conjunto: 62, 64, 66, 67 e 77. No entanto, este conjunto, embora com contornos muito similares ao conjunto inicial que integrou o conjunto de pontos de interesse principais, continuou a constituir um problema.

Quadro 12 – Distribuição das Lendas da Segunda Seleção por Concelho

Concelho	Lendas (Numeração)
Belmonte	N/A
Celorico da Beira	62; 64; 66; 77
Guarda	67

Como é possível verificar através do Quadro 12, o concelho de Belmonte continuou a encontrar-se fora do escopo da seleção. Colocaram-se, portanto, novamente duas hipóteses: suprimir Belmonte ou resgatar lendas pertencentes ao município através de outro processo de seleção, com a finalidade de o incorporar no itinerário final. Consequentemente, e em coerência com as decisões tomadas na fase de seleção anterior, optámos, como previamente, pelo resgate de lendas excluídas a fim de garantir a inclusão do município de Belmonte.

Deste modo, uma vez que Belmonte, não registou nenhuma lenda com uma frequência superior a 1 e, ao contrário dos restantes concelhos sobre os quais foi possível recolher, no mínimo, uma lenda, registou um número de lendas recolhidas inferior a 5 (2), os critérios de seleção tiveram de ser adaptados. Esta adaptação traduziu-se, então, na utilização apenas do segundo critério (ter sido mencionada em entrevista), dado que o resultado da mesma não corresponde a uma resposta nula e, não obstante, é capaz de distinguir as lendas. O resultado desta seleção foi, como tal, a lenda com a numeração 51.

Das duas etapas de resgate de lendas para a composição do conjunto de pontos de interesse principais, resultou o seguinte conjunto de 6 lendas:

- **Lenda de Nossa Senhora da Esperança** (mencionada uma vez durante a E9);
- **Lenda da Penha de Prados** (mencionada uma vez durante a E3);
- **Lenda da Ponte do Ladrão** (mencionada uma vez durante a E3);
- **Lenda da Praga de Gafanhotos OU da Senhora dos Verdes de Vide-entre-Vinhas** (mencionada uma vez durante a E3);
- **Lenda da Romaria a Santa Ana OU da Ajuda de Prados** (mencionada uma vez durante a E3);
- **Lenda da Truta de Celorico** (mencionada uma vez durante a E3).

Tematicamente, este conjunto acrescentou ao anteriormente selecionado, 2 lendas históricas, 1 lenda secular, 1 lenda sobre mouros e 2 lendas religiosas, porém, novamente nenhuma sobre formações naturais.

Por este motivo, foi necessário resgatar, visando manter a variedade temática da recolha inicial, pelo menos uma lenda deste género. Considerando o método utilizado para resgatar lendas referentes aos concelhos anteriormente ignorados e, considerando que nenhuma foi mencionada em entrevista, foram, também neste caso, selecionadas as lendas sobre formações naturais com uma incidência total de 2. Isto é, as lendas números 19 e 61.

Todavia, para ter acesso ao local correspondente à lenda número 61, devido à sua localização, seria necessário, partindo da lenda 83, a mais próxima a si, realizar, tal como representado na Figura 7, um trajeto de 7km de ida e outros 7km de volta (de acordo com os dados da ferramenta Maps), percorrendo exatamente o mesmo troço duas vezes, o que nos pareceu acrescentar uma monotonia desinteressante ao itinerário, especialmente considerando a curta dimensão da narrativa da lenda (que pode ser resumida na crença de que as formações rochosas particulares do local se multiplicam se transportadas para fora do mesmo) pelo que ficou decidido que esta não seria selecionada.



Figura 7 – Trajeto de Ida e Volta entre as Lendas Números 61 e 83

Assim, o conjunto final correspondente aos pontos de interesse principais constituiu-se por 18 lendas: 1 sobre corpos de água, 4 sobre criaturas fantásticas, 1 sobre formações naturais, 5 históricas, 2 seculares, 2 sobre mouros e 3 religiosas. A sua distribuição geográfica encontra-se representada visualmente no mapa da Figura 8 e contabilizada por concelho na tabela do Quadro 13.

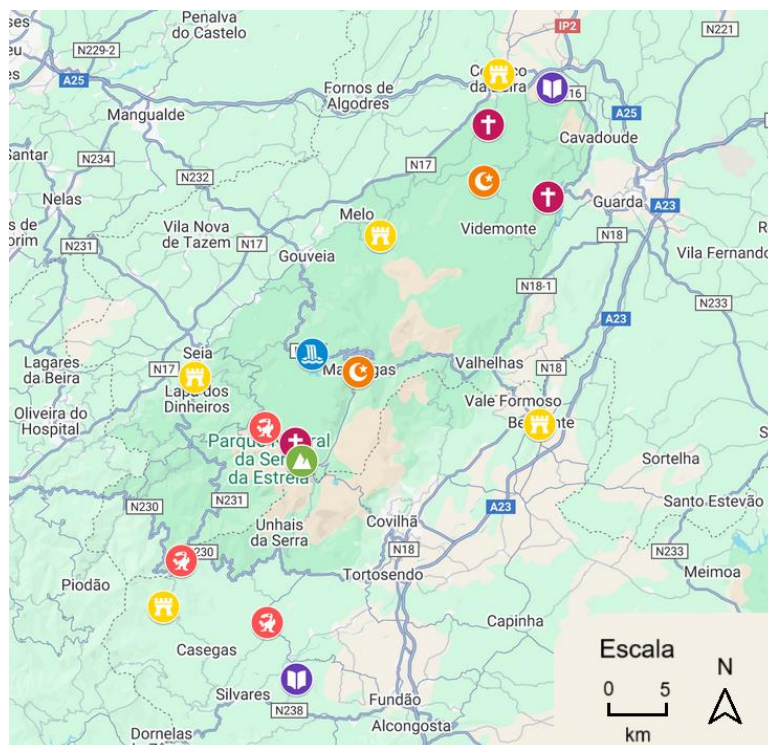


Figura 8 – Distribuição Espacial da Seleção Final dos Pontos de Interesse Principais

Quadro 13 – Distribuição Espacial da Seleção Final dos Pontos de Interesse Principais por Concelho

Concelho	Lendas (Numeração)
Belmonte	51
Celorico da Beira	62; 64; 66; 77
Covilhã	7; 8; 40; 73
Gouveia	44; 83
Guarda	67
Manteigas	19; 48
Seia	35; 36; 45; 52

Como é possível de verificar através do mapa da Figura 8, com os resgates realizados, o norte da Serra da Estrela, recuperou uma importância significativa no itinerário, tornando-o bastante mais equilibrado no respeitante à polaridade norte/sul.

No entanto, como consta no Quadro 13, a distribuição entre municípios não se encontra ainda equilibrada. Comparando Seia e Celorico da Beira, com a frequência mais elevada (4 pontos) e Belmonte e Guarda, com a frequência mais diminuta (1), é possível compreender que, mesmo na seleção final, ainda existe uma disparidade significativa da relevância de alguns concelhos comparativamente a outros. Ademais, se atentarmos novamente sobre a Figura 8, é possível perceber uma enorme área não coberta na conexão de Manteigas, Belmonte, Guarda e Gouveia. É valorizando estes desequilíbrios ainda existentes, bem como a necessidade de tornar o percurso do itinerário mais coeso, que, dentro das limitações impostas pelo volume e características da informação recolhida, se desenvolve o processo de seleção dos pontos de interesse secundários.

6.1.2 Pontos de Interesse Secundários

Tendo em consideração os pontos de interesse principais, não existiram dúvidas de que o itinerário teria de ser pensado, primeiramente, para automóveis. Embora tenhamos consciência de que será, certamente, menos poluente realizá-lo de bicicleta, a área em foque é bastante extensa e implica percorrer terreno bastante acidentado. A distância entre os pontos de interesse principais mais a norte (Castelo de Celorico da Beira) e mais a sul (Serra da Argemela) é de, segundo os dados da ferramenta Maps (Google, s.d) para o percurso mais curto de bicicleta 91,3km, o que corresponde, de acordo com a mesma fonte, a 5 horas e 45 minutos de viagem. Por este motivo, ainda que seja uma opção possível para os ciclistas mais experientes e que procurem um desafio, por não ser, provavelmente a opção mais desejada pela maioria dos turistas e, como tal, não sendo a mais relevante para o objetivo de fomentar a atividade económica local, preferimos focar-nos na realização do itinerário em automóvel. Esta decisão não significa, contudo, um abandono por completo da bicicleta como uma opção na realização do itinerário, coloca-a apenas em segundo plano, como um elemento complementar, com a finalidade de expandir os nichos de público abrangidos pelo itinerário.

Quanto à utilização de transportes públicos, não a descoramos totalmente dentro das localidades, especialmente para utilizadores com mobilidade reduzida, no entanto, para a generalidade do percurso, dada a especificidade dos locais a que este obriga ter acesso, não é sequer possível realizá-lo utilizando essa tipologia de veículo. Deste modo, e como mencionado no capítulo relativo à metodologia, os pontos de interesse secundários foram selecionados, em primeiro lugar, com base numa

avaliação geográfica da proximidade destes relativamente aos pontos de interesse principais, de modo a evitar desvios inoportunos. Isto é: evitar desvios que sejam demasiado extensos e, por esse motivo, causem transtorno à experiência do turística e/ou sejam um fator significativo de aumento de desgaste do local (por exemplo: através da emissão de gases poluentes produzidos pelos automóveis).

Assim, foi criado um percurso que conectasse todos os pontos de interesse principais, começando por um dos pontos das extremidades, neste caso o ponto mais a sul (Lenda número 73, Serra da Argemela), sem repetir nenhum ponto e com a maior eficiência possível. O percurso encontrado definido encontra-se representado na Figura 9.

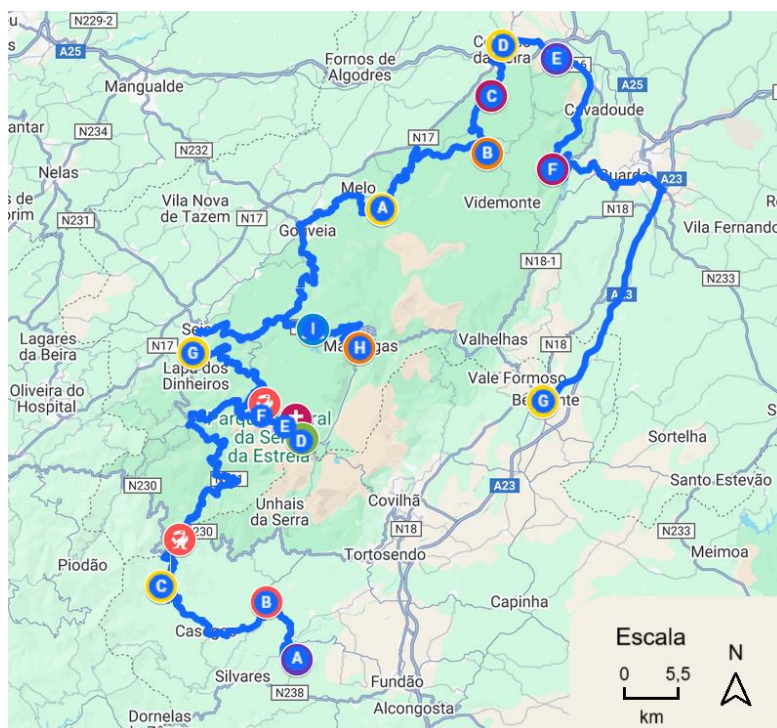


Figura 9 – Percurso Definido para a Distribuição Espacial da Seleção Final dos Pontos de Interesse Principais

Este percurso corresponde, segundo os dados da Maps, a um trajeto de 274km com a duração prevista de 6 horas e 14 minutos, o que significa que a distância média entre os pontos é de 17,125km. Uma vez que os pontos de interesse secundários têm como objetivo complementar o itinerário e não estruturar o mesmo, considerámos que estes deveriam corresponder a um desvio não superior à metade da distância média anteriormente mencionada. Dado que a metade de 17,125km corresponde a 8,5625km, optámos por arredondar o resultado para um número mais simples e, como tal, também mais eficiente, resultando no limite de 9km de distância de um ponto de

interesse secundário para um ponto de interesse principal. Este valor foi calculado, novamente, utilizando a ferramenta Maps da Google, tomando sempre como ponto de partida os pontos de interesse principais e anotando o percurso mais curto encontrado. Os pontos que se enquadraram dentro deste critério encontram-se listados no Quadro 14:

Quadro 14 – Seleção Inicial de Pontos de Interesse Secundário (por Distância)

Lenda (Nº)	Distâncias	Lenda (Nº)	Distâncias	Lenda (Nº)	Distâncias
1	4,3km da lenda número 52	3	2,4km da lenda número 64 8,9km da lenda número 77	10	5,2km da lenda número 48
11	5,2km da lenda número 45	13	6km da lenda número 19 8,6km da lenda número 36	14	7,7km da lenda número 48
15	8,3km da lenda número 52	16	0,9km da lenda número 48	17	Exatamente no mesmo local da lenda número 51
20	0,005km da lenda número 19 5,1km da lenda número 35 8,6km da lenda número 36	21	7,5km da lenda número 44	24	6,1km da lenda número 45
25	0,25km da lenda número 48	26	8,3km da lenda número 52	27	8km da lenda número 64 8,2km da lenda número 65 2km da lenda número 77
28	1,3km da lenda número 48	29	Exatamente no mesmo local da lenda número 48	31	1,8km da lenda número 52
33	0,6km da lenda número 48	34	5,5km da lenda número 35 8km da lenda número 36	37	6,5km da lenda número 35 9km da lenda número 36
38	6,1km da lenda número 48	39	4,5km da lenda número 52	41	6,8km da lenda número 45
43	0,4km da lenda número 8	46	5,5km da lenda número 8 5km da lenda número 40	47	8km de distância da lenda número 62
49	0,4km da lenda número 48	50	8,3km da lenda número 52	54	0,9km da lenda número 48
55	6,9km da lenda número 52	56	6,9km da lenda número 52	57	1,5km da lenda número 19 5,2km da lenda número 35 2,7km da lenda número 36
58	1,4km da lenda número 45	59	3,2km da lenda número 66 6,6km da lenda número 77	63	8,7km da lenda número 48
65	8,3km da lenda número 44	69	6,3km da lenda número 64	71	0,6km da lenda número 48
72	0,6km da lenda número 48	74	0,6km da lenda número 52	76	8,5km da lenda número 64 8,6km da lenda número 66 7,3km da lenda número 77
79	2,4km da lenda número 64 8,9km da lenda número 77	80	6,7km da lenda número 52	82	6,1km da lenda número 45

Considerando que as lendas números 17 e 29 incidiam exatamente nos mesmos locais que os pontos de interesse principais correspondentes às lendas 51 e 48 respetivamente, estas foram adicionadas automaticamente ao conjunto final de pontos de interesse secundários, por não configurarem nenhuma deslocação adicional. Outrossim, em função de que a lenda número 57 se relaciona diretamente com a área correspondente à Torre, isto é, a área que, neste momento, sofre com o elevado fluxo sazonal do turismo de inverno, optámos por não a incluir no conjunto final, a fim de, de acordo com os objetivos deste projeto, não incentivar ainda mais a atividade turística na mesma. No entanto, as restantes 42 lendas, por constituírem um

Como é possível de verificar através do mesmo, esta distribuição ainda é significativamente desequilibrada, com algumas regiões bastante preenchidas com pontos, como é o caso de Manteigas, e outras com quase nenhuns, como ainda se verifica na conexão entre Manteigas, Belmonte, Guarda e Gouveia. Por este motivo, foi necessário começar a estruturar o percurso do itinerário, de modo a perceber, primeiramente, quais pontos deveriam ser excluídos por representarem um desvio incómodo, uma vez que, mesmo estando todos os potenciais pontos de interesse secundários a uma distância razoável de, pelo menos, um ponto principal, as distâncias destes pontos entre si podem configurar-se incómodas, em função de que nem todos se encontram na mesma direção. Isto é, dois pontos podem estar à exata mesma distância de um ponto de interesse principal, mas, estando um, por exemplo, a este e outro a oeste, esta distância pode traduzir-se numa deslocação inconveniente e, no sentido de evitar este problema, um dos dois terá de ser descartado. E, em segundo lugar, também quais pontos deveriam ser registados, objetivando cobrir as áreas com lacunas significativas.

Assim, dado que a área metropolitana de Lisboa é a área com o mais elevado número de residentes no país, e que é a cidade portuguesa com o volume mais elevado de tráfego aéreo (INE, 2025a), o que, do ponto de vista do objetivo de diversificar a origem dos turistas que frequentam a Serra da Estrela, é o mais atrativo, tomamos como ponto de partida novamente o ponto mais a sul (Lenda número 73, Serra da Argemela), visando facilitar a execução do itinerário para os turistas oriundos do sul. Neste mesmo sentido, foi adotado um formato circular para o mesmo, com o objetivo de terminar o mais a sul possível, facilitando de igual modo este regresso. Ademais, tomando como base o percurso anteriormente estabelecido, foram selecionados os trajetos mais curtos (em Km), com o propósito de potencializar a quer a eficiência temporal, quer a eficiência energética do itinerário, de modo a evitar quer o aborrecimento do turista, quer o gasto desnecessário de combustível, especialmente combustível fóssil cuja utilização contribui para a poluição do ar e o aquecimento global.

Finalmente, com objetivo de manter, igualmente, o equilíbrio temático do itinerário, foi também considerado nesta etapa, o tema de cada ponto. Logo, somando novamente o conjunto de 18 pontos de interesse principais com as lendas 17 e 19, considerou-se como base a seguinte distribuição temática: 1 sobre corpos de água, 3 sobre criaturas fantásticas, 1 sobre formações naturais, 5 históricas, 2 seculares, 3 sobre mouros e 4 religiosas.

Existiu, como tal, uma tentativa de privilegiar as lendas sobre corpos de água, formações naturais e seculares, embora outros critérios tenham, em diversos casos,

prevalecido na decisão final. Como resultado, com base nas informações disponibilizadas pela Maps, foram excluídas as lendas números:

- 14 (a inclusão da mesma implicaria, partindo do ponto de interesse principal número 51, seguir um caminho natural acessível a partir da Estrada Nacional (EN) 232 que, passando pelo ponto de partida do percurso pedestre PR13 MTG [Rota das Faias], volta a conectar-se com a EN232 e, utilizando a via da Quinta da Boavista, então, permite o acesso às lendas números 71 e 72, o que equivaleria um desvio de 12km) – Figura 11;
- 41 e 46 (a inclusão das mesmas implicaria seguir o percurso oposto àquele que leva ao ponto de interesse principal 7, pela EN343-1 e, depois pela EN230, o que requereria percorrer o mesmo troço da Estrada Municipal (EM) 511 duas vezes, o que corresponde a 14km) – Figura 12;
- 47 (a inclusão da mesma implicaria não apenas percorrer o troço do caminho que parte da Avenida do Estádio e, passando por Prados, conecta esta lenda à lenda número 64, duas vezes [o que corresponde a 18km], mas também um percurso de 22km de distância até à lenda seguinte [67], através da Estrada Intermunicipal que conecta a Rapa com a EM557 que, por via da EM556 chega até Vila Soeiro) – Figura 13;
- 69 (a inclusão da mesma implicaria um desvio de 16km, desde o ponto anterior [27] até ao ponto seguinte [64], utilizando a ligação a Celorico da Beira da EN102, a Rua do Paço, a Rua da Escola e, novamente, a Rua do Paço como trajeto) – Figura 14.

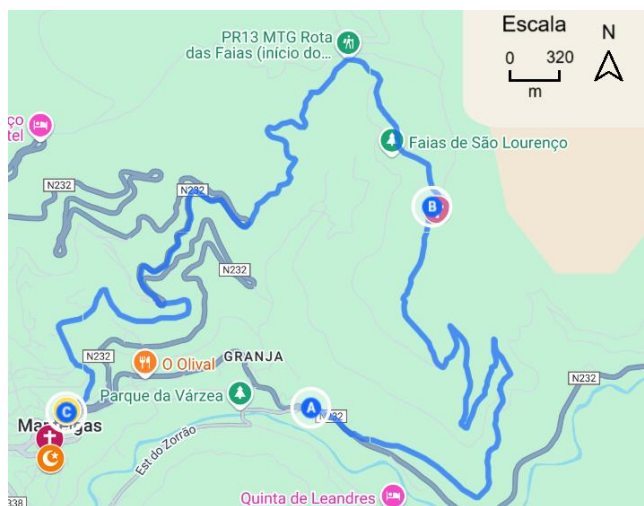


Figura 11 – Trajeto de Inclusão da Lenda Número 14

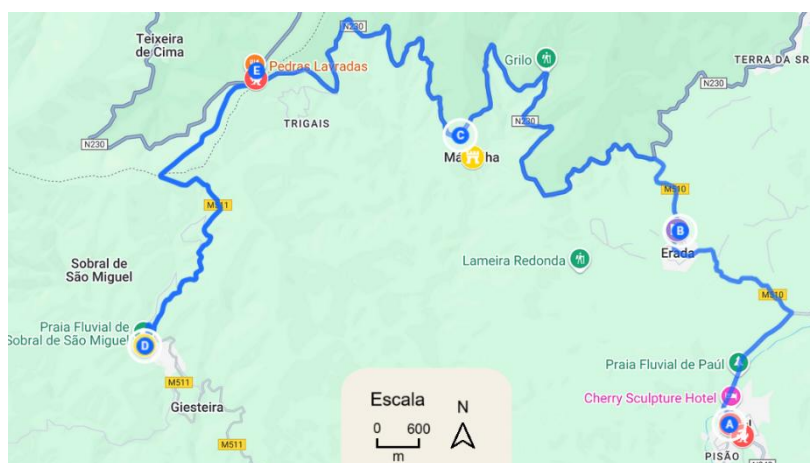


Figura 12 – Trajeto de Inclusão das Lendas Números 41 e 46



Figura 13 – Trajeto de Inclusão da Lenda Número 47

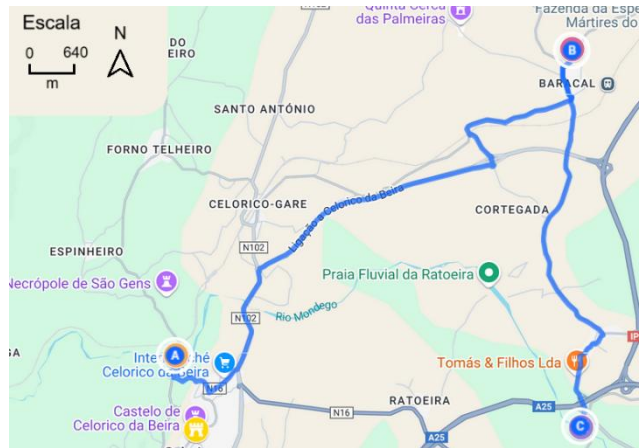


Figura 14 – Trajeto de Inclusão da Lenda Número 69

Ademais, foram adicionadas as seguintes lendas:

- 5 e 30 (tendo em consideração a anteriormente mencionada lacuna na área entre Manteigas, Belmonte, Guarda e Gouveia, acreditamos que o interesse de cobrir esse território de outra forma vazia é mais importante, neste caso, do que a distância adicionada. Deste modo, apesar de estarmos cientes de que se trata de um desvio que acrescenta 9km ao itinerário [o percurso diverge apenas ao atravessar a cidade da Guarda], acreditamos que se justifica a inserção destas lendas no conjunto final) – Figura 15;
- 6 (considerando o objetivo de tornar o itinerário o mais circular possível e, compreendendo que o turista terá de voltar para o ponto de onde partiu, acreditamos que acrescentar esta lenda, não apenas facilita a execução do trajeto quer por estender o mesmo por mais 13km a sudeste [partindo da EN338 que, conectando-se com a Estrada Regional (ER) 339, chega à Covilhã via Rua Montes Hermínios], quer por acrescentar uma paragem que permitirá aos turistas descansar da viagem. O motivo pelo qual esta foi a lenda escolhida e não a lenda número 18, deve-se à temática das mesmas: a lenda número 6 obteve prioridade devido ao número de lendas selecionadas inseridas no mesmo tema que esta [criaturas fantásticas] ser inferior ao número de lendas inseridas no tema da lenda número 18 [históricas]) – Figura 16;
- 15, 56 e 78 (em virtude de ambas incidirem no mesmo local que outras lendas [a lenda número 15 no mesmo local que as lendas números 26 e 50; a lenda número 56 no mesmo local que a lenda número 55 e a lenda número 78 no mesmo local que a lenda número 3] e, dado que

coincidem em tema com, pelo menos, uma dela [as lendas 15 e 26 são ambas lendas religiosas; as lendas 55 e 56 ambas lendas seculares e as lendas 3 e 78 são, novamente, ambas religiosas], foram consideradas adições bastante propícias, por contribuírem para a coesão do itinerário);

- 23 (tendo, como anteriormente, em consideração a lacuna na área entre Manteigas, Belmonte, Guarda e Gouveia, acreditamos que adicionar uma lenda no percurso entre as lendas números 83 e 62 é fundamental para garantir uma melhor cobertura do território. Outrossim, em função de que o percurso, sem a inclusão da mesma, correspondia a 20km [partindo da Avenida do Emigrante, passando pelas ruas do Outeiro, das Escolas, do Pelourinho e do Gorgulhão até chegar à Estrada de Folgoso e, seguidamente, prosseguindo a partir desta até à EM616 passando por Freixo da Serra e Figueiró da Serra] e que, com a inclusão desta lenda se acrescentam apenas 4km a este trajeto, embora o mesmo signifique realizar o mesmo troço 2 vezes, acreditamos que a mesma não configura um incómodo ao turista e que o conteúdo que esta acrescenta ao itinerário a justifica) – Figura 17;
- 34 (uma vez que o percurso escolhido para fazer a conexão entre as lendas números 44 e 35 passaria já pelo local da lenda número 34 e, considerando que apenas uma outra lenda, a lenda número 44, pertence igualmente ao tema de corpos de água, acreditamos que a adição da lenda 34 não representa um incómodo e acrescenta diversidade ao conjunto de lendas final) – Figura 18;
- 79 (o percurso, partindo da lenda número 30, até às lendas números 71 e 72, passando pelas lendas 17 e 51, sem passar pela lenda 79 corresponde a 58km. Dado que o percurso, passando pela lenda 79, acrescenta apenas 4km a esta deslocação, garante uma paragem que quebra a monotonia do trajeto longo e acrescenta conteúdo a uma área praticamente vazia no itinerário, mesmo com o facto de que o troço da EN232 que se conecta à EN18 para fazer a ligação entre Manteigas e Belmonte tem de ser percorrido duas vezes, acreditamos que se justifica a adição da mesma ao conjunto final de pontos de interesse secundários. Ficou excluída a lenda número 70, que se encontra nas proximidades de ambas, por divergir da temática das duas, sendo uma lenda religioso e não histórica e, como tal, também se efetivar um

número mais elevado desta categoria de lenda do que qualquer outra) –
Figura 19.

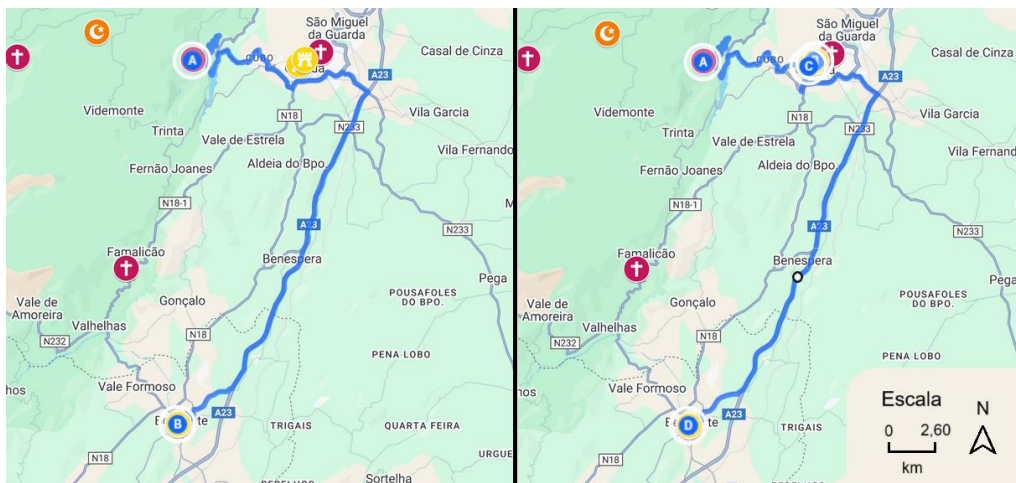


Figura 15 – Comparação entre o Trajeto da Lenda Número 67 às Lendas Número 17 e 51 Sem Passar por Nenhuma Outra Lenda (Esquerda) e Passando pelas Lendas Números 5 e 30 (Direita)

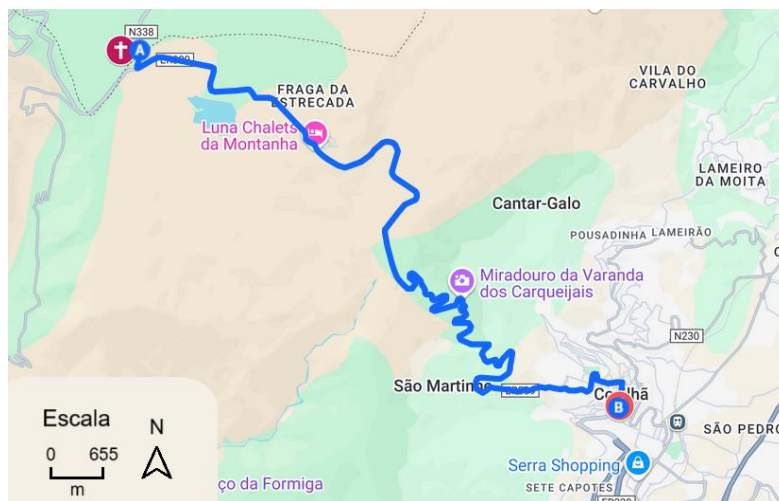


Figura 16 – Trajeto da Lenda Número 13 à Lenda Número 6

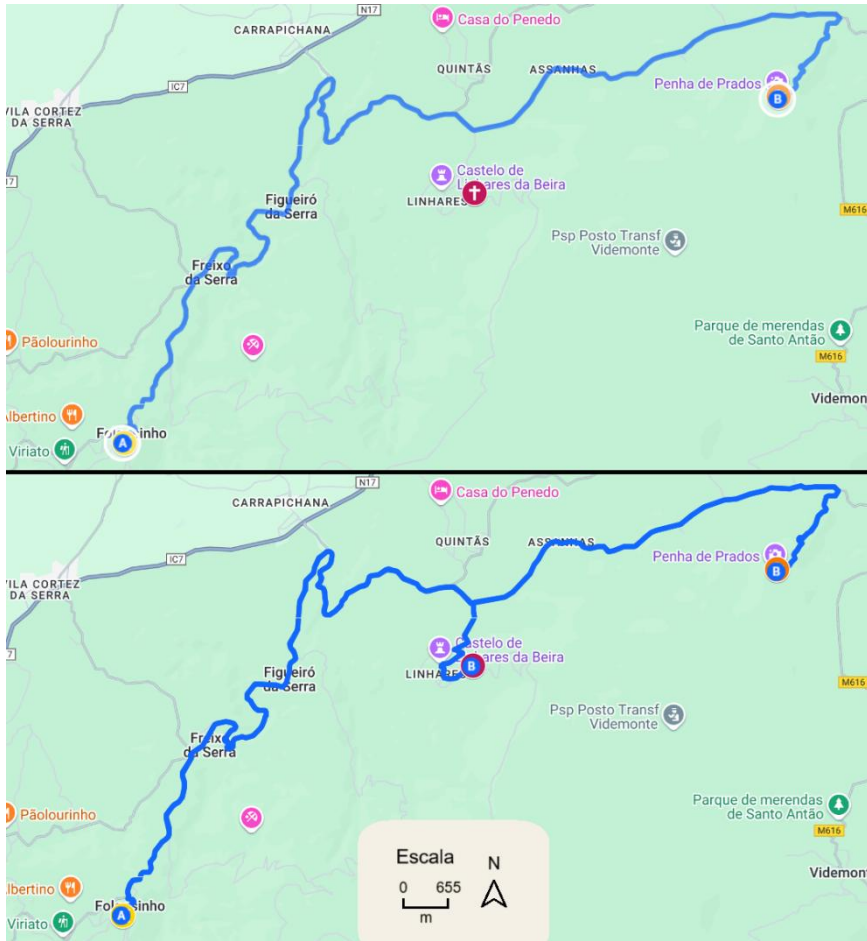


Figura 17 – Comparação entre o Trajeto da Lenda Número 82 à Lenda Número 62 Sem Passar por Nenhuma Outra Lenda (Cima) e Passando pela Lenda Número 23 (Baixo)

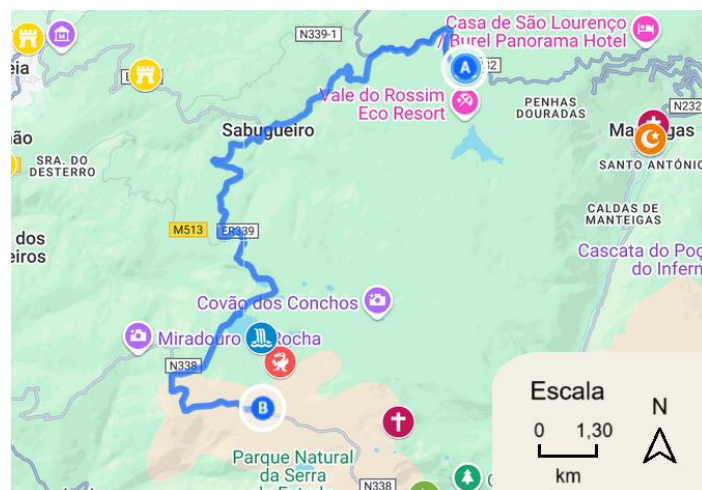


Figura 18 - Trajeto da Lenda Número 44 à Lenda Número 35

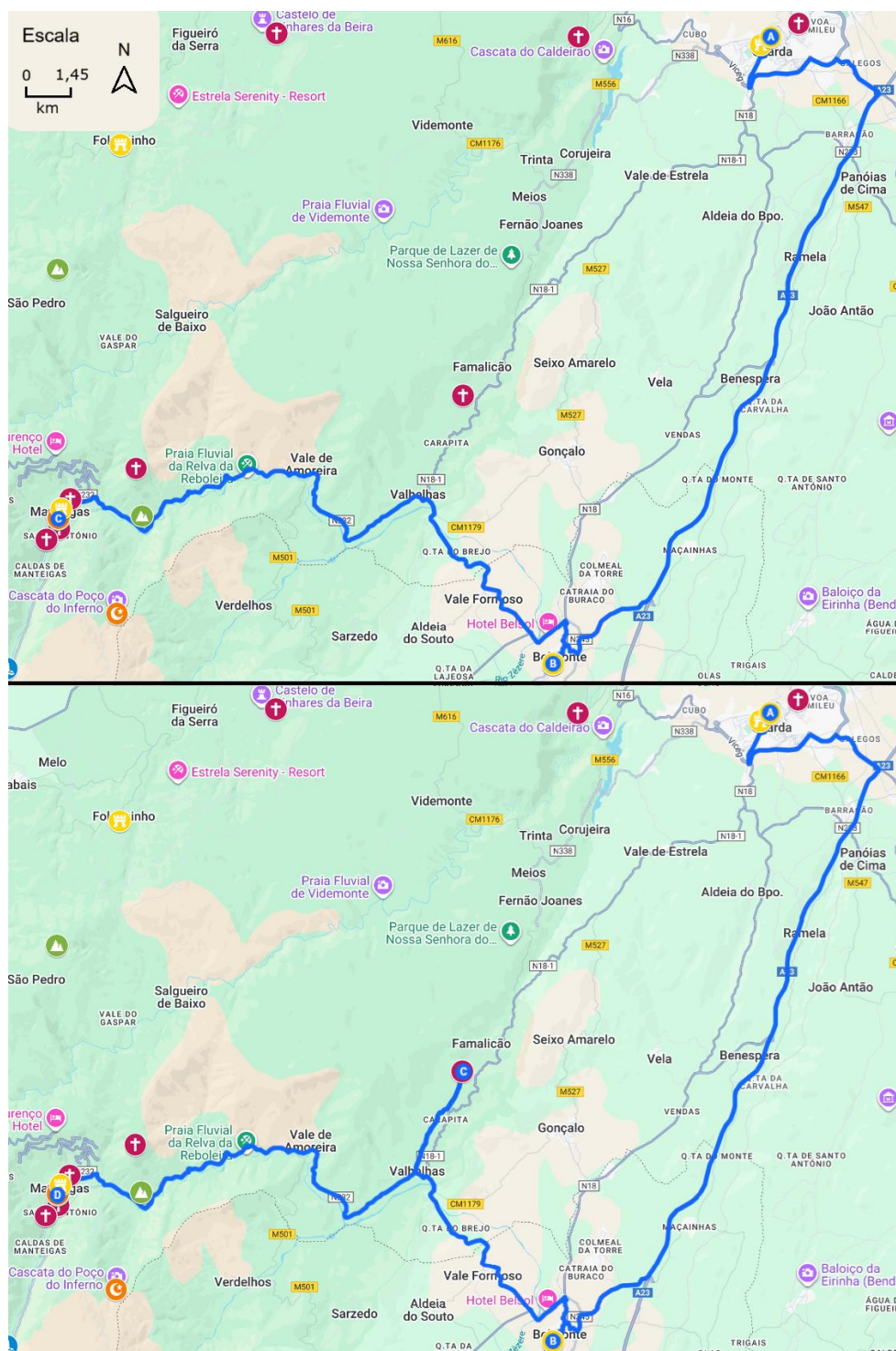


Figura 19 - Comparação entre o Trajeto da Lenda Número 5 às Lendas Números 71 e 72 Passando Apenas pelas Lendas Números 17 e 51 (Cima) e Passando Também pela Lenda Número 79 (Baixo)

Assim, o conjunto final de 22 pontos de interesse secundários foi constituído pelas lendas números: 1, 3, 5, 6, 13, 15, 17, 21, 23, 25, 26, 27, 29, 30, 34, 50, 55, 56, 71, 72, 78 e 79, o que, somado aos pontos de interesse principais, configurou um

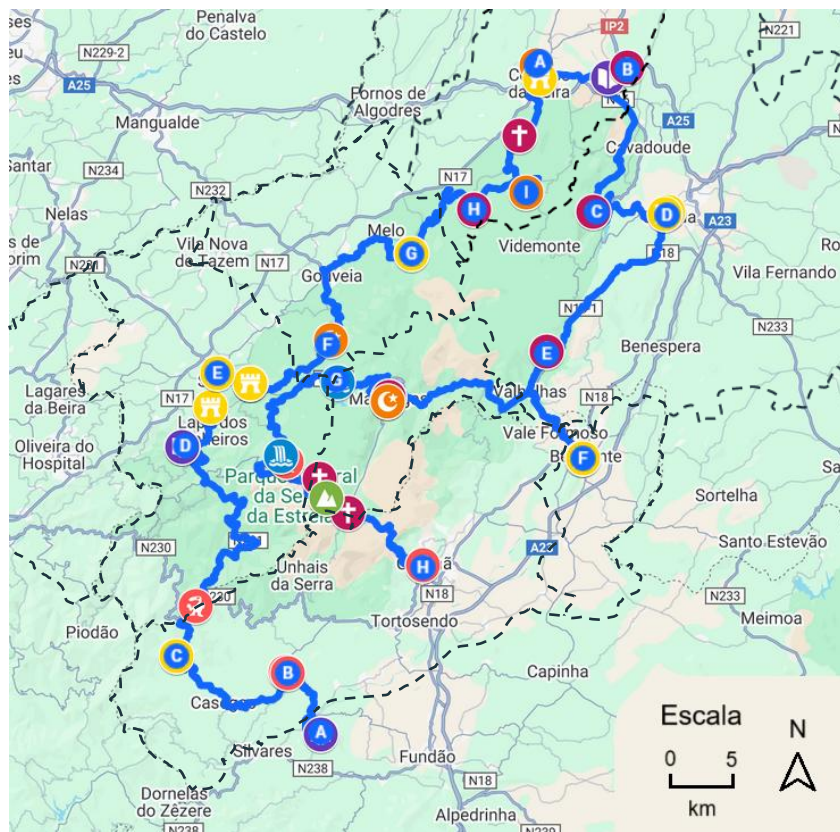
conjunto total de 40 lendas, um número bastante próximo da metade do total de lendas recolhidas (83).

Ademais, configurou igualmente uma adição temática de 1 lenda sobre corpos de água, 1 lenda sobre criaturas fantásticas, 4 lendas históricas, 2 lendas seculares, 3 lendas sobre mouros e 11 lendas religiosas, sendo a única categoria que não sofreu qualquer alteração a categoria de lendas sobre formações naturais. Deste modo, totalizaram-se no itinerário final: 2 lendas sobre corpos de água, 5 lendas sobre criaturas fantásticas, 1 lenda sobre formações naturais, 9 lendas históricas, 4 lendas seculares, 5 lendas sobre mouros e 14 lendas religiosa.

Finalmente, este conjunto adicionou, relativamente à distribuição geográfica dos pontos 1 lenda relativa a Belmonte, 4 lendas relativas a Celorico da Beira, 1 lenda relativa à Covilhã, 1 lenda relativa a Gouveia, 3 lendas relativas à Guarda, 5 lendas relativas a Manteigas e 7 lendas relativas a Seia. No tal das 38 lendas a distribuição geográfica foi, portanto, de: 2 lendas relativas a Belmonte, 8 lendas relativas a Celorico da Beira, 5 lendas relativas à Covilhã, 3 lendas relativas a Gouveia, 4 lendas relativas à Guarda, 7 lendas relativas a Manteigas e 11 lendas relativas a Seia. A tabela do Quadro 15 converge as informações relativas quer à distribuição temática, quer à distribuição geográfica do conjunto total final, de modo a ilustrar mais claramente as características de cada lenda seleccionada. O itinerário final ficou definido tal como representado na Figura 20.

Quadro 15 – Distribuição Temática e Geográfica do Conjunto de Total Pontos Final

Concelho / Tema	Belmonte	Celorico da Beira	Covilhã	Gouveia	Guarda	Manteigas	Seia
Corpos de Água	N/A	N/A	N/A	44	N/A	N/A	34
Criaturas Fantásticas	N/A	N/A	6; 8; 40	N/A	N/A	N/A	35; 45
Formações Naturais	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	19	N/A
Históricas	51	77	7	83	5; 30	N/A	1; 50; 52
Seculares	N/A	64	73	N/A	N/A	N/A	55; 56
Mouros	17	27; 62	N/A	21	N/A	48	N/A
Religiosas	N/A	3; 23; 66; 78	N/A	N/A	67; 79	13; 25; 29; 71; 72	15; 26; 36



--- Delimitação Administrativa dos Municípios

Figura 20 – Itinerário Final (My Maps)

6.2 Duração e Segmentação do Itinerário

De acordo com as informações disponíveis na ferramenta Maps, o trajeto definido é constituído por 320km, o que consiste num aumento de 46km relativamente ao trajeto mais curto definido para conectar apenas os pontos de interesse principais. Outrossim, esta distância corresponde, previsivelmente, a 7 horas e 50 minutos em automóvel, o que significa um aumento de 1 hora e 37 minutos no que se refere a esse mesmo percurso. Considerando estes dados, então, foi necessário definir uma duração recomendada para a execução do itinerário, bem como segmentá-lo com o objetivo de orientar o turista e, como efeito, facilitar a execução do mesmo.

O fundamento utilizado para esta segmentação, teve como base o facto anteriormente mencionado de que de que em 2023, a Região Centro registou uma média de duração da estada de apenas 1,8 noites (Turismo de Portugal, 2024a). Isto é: dado que a média atual de duração da estada é de, aproximadamente, 2 noites, o nosso objetivo foi duplicá-la. Assim sendo, e embora um dos objetivos do projeto seja dispersar a afluência turística, para este efeito, o foco incidiu nas sedes de concelho

onde o itinerário se processa (Belmonte, Celorico da Beira, Covilhã, Gouveia, Guarda, Manteigas e Seia), uma vez que, necessitando os turistas, obrigatoriamente, de um local para pernoitarem por cada noite que permanecerem na Serra, será mais propício que essa noite se conjugue com uma das sedes de concelho que, logicamente, sendo áreas mais urbanas e com um número mais elevado de população, são igualmente mais desenvolvidas ao nível do setor terciário de atividade e, por este motivo, possuem uma oferta turística mais alargada em termos de alojamento, algo que muitas das restantes localidades inseridas no itinerário não possuem de todo.

Como tal, começámos por dividir o comprimento total do itinerário em quatro partes, visando compreender, aproximadamente, qual a dimensão que cada troço deveria ter. O resultado foram 80km por cada segmento. No sentido de cumprir com estes valores e com a lógica supracitada, o itinerário foi dividido da seguinte forma:

- Dia 1: Serra da Argemela – Seia. Este segmento corresponde a 74km, o que se estima ser o equivalente, numa viagem sem pausas, a 1 hora e 50 minutos;
- Dia 2: Seia – Celorico da Beira. Este segmento corresponde a 83km, o que se estima ser o equivalente, numa viagem sem pausas, a 2 hora e 8 minutos;
- Dia 3: Celorico da Beira – Belmonte. Este segmento corresponde a 78km, o que se estima ser o equivalente, numa viagem sem pausas, a 1 hora e 49 minutos;
- Dia 4: Belmonte – Covilhã. Este segmento corresponde a 85km, o que se estima ser o equivalente, numa viagem sem pausas, a 2 hora e 3 minutos.

A recomendação é, portanto, que o turista pernoite em Seia no Dia 1, Celorico da Beira no Dia 2, Belmonte no Dia 3 e Covilhã no Dia 4, de modo a poder realizar todos os troços do itinerário com calma, para que possa explorar os locais por onde transita e, conseqüentemente, usufruir ao máximo da sua estada; mas também a poder realizar todas as deslocções, inclusive a de regresso a casa, em segurança, sem cansaço ou tédio, fator causador de 20% dos acidentes de viação (Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária [ANSR] & Associação Portuguesa de Sono [APS], 2020), que possam potencializar acidentes nas vias íngremes, repletas de curvas e contracurvas, diversas vezes estreitas e a uma altitude elevada que constituem o sistema de estradas da Serra da Estrela. Relativamente aos ciclistas, a sua introdução neste itinerário, como anteriormente afirmado, é secundária, pelo que o percurso pensado para os mesmos é uma adaptação do percurso pensado para os veículos motorizados.

Assim, embora siga a mesma sequência de pontos, sofre uma ligeira alteração devido quer à possibilidade de utilização de outras vias que veículos maiores são incapazes de utilizar, quer à incapacidade dos ciclistas de circular em autoestradas (como é o caso da A25, cujo desvio se configura na utilização da EN16). Como consequência, o itinerário adaptado a ciclistas é o apresentado na Figura 21.

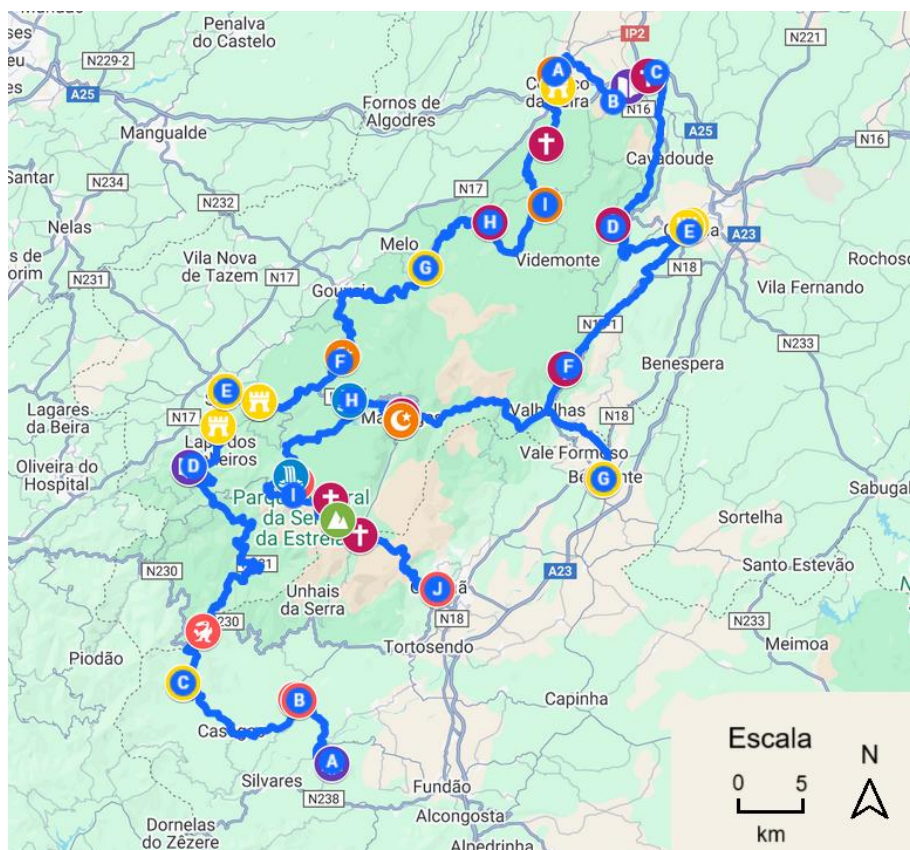


Figura 21 – Itinerário Final Adaptado a Ciclistas

Este percurso corresponde a, aproximadamente, 300km ou, segundo os dados da Maps, 23 horas e 12 minutos a pedalar, o que se traduz, sensivelmente, no triplo da duração do percurso em automóvel.

Dada a secundariedade deste veículo para o itinerário, bem como as divergências das capacidades pessoais de cada indivíduo, não foi pensada uma divisão em dias específica para o mesmo em dias, pelo que é deixado a critério de cada indivíduo que pretenda realizar este itinerário dividir o percurso como lhe for mais conveniente.

6.3 Formatação e Apresentação do Itinerário

6.3.1 Definição do Público-Alvo

Tal como anteriormente estabelecido, o itinerário final foi elaborado recorrendo à ferramenta StoryMaps da ArcGIS e pode ser visualizado através do *link* seguinte: <https://arcg.is/1m5f1L0>. Contudo, antes de ser possível começar a elaborá-lo, foi necessário definir o público ao qual este se destina, objetivando utilizar um esquema de cores, linguagem e disposição adequados ao mesmo. Considerámos, então, as características do itinerário.

Primeiramente, as longas horas de viagem excluem, à partida, as famílias como público-alvo, dado que as crianças terão, possivelmente, dificuldade em manter-se dentro de um veículo pelo tempo desejado. A existência de trilhos mais complexos e caminhada intensa não apenas reforça esta exclusão, como exclui também pessoas idosas, geralmente menos fisicamente capacitadas para este tipo de atividade, bem como pessoas com deficiências motoras severas. Ademais, esta característica implica, para além disso, potencialmente, algum interesse em aventura e em explorar locais pouco visitados e áreas naturais.

Por fim, a necessidade de utilizar um veículo particular para realizar as deslocações, potencialmente impossibilita a inclusão dos jovens, que poderão ainda não possuir habilitação própria para conduzir ou veículo próprio. Compreendemos que o veículo poderia ser alugado, no entanto, é comum que as empresas de aluguer de veículos requeiram por parte do consumidor saldo a crédito, de modo a garantir a cobertura da caução imposta relativamente a danos causados pelos mesmo, algo a que muitos jovens, especialmente estudantes, poderão não ter acesso. Como consequência, consideramos a sua inclusão no público deste itinerário apenas como potenciais acompanhantes de adultos mais velhos e, como tal, não os incorporámos dentro do público-alvo.

O nosso público-alvo apresenta-se, então, como adultos entre os 30 e os 65 anos, solteiros ou casados, mas sem filhos, portugueses ou estrangeiros, com relativo interesse em aventura, bem como em cultura, mais especificamente, a cultura portuguesa ou até a cultura serrana.

6.3.2 Formatação Visual

Seguindo para a formatação visual, começámos por identificar a paleta de cores que deveria ser utilizada neste projeto. Como sistematiza Stoykov (2024), cada cor perceptível pelo olho humano está associada a um conjunto de significados positivos e negativos, pelo que a escolha de uma paleta de cores é um passo importante, no sentido que é um dos primeiros indicadores (visuais) que o utilizar tem, mesmo que inconscientemente, dos valores e características associados ao produto e/ou serviço do qual pretende usufruir. Como resultado, foi escolhida a cor verde como a cor principal da paleta, um a vez que, apesar de poder estar associada a sentimentos mais negativos como a decadência, a monotonia ou a inveja, a ela se associam igualmente não apenas o imaginário da natureza e do meio ambiente (importante para este projeto, no sentido em que este almeja preservar este tipo de espaços), mas também os conceitos de crescimento, esperança e segurança (Singh & Srivastava, 2011; Stoykov, 2024), que se alinham com o conceito de sustentabilidade e, por este motivo, são úteis para transmitir confiança no projeto.

Outrossim, como comprovam Leng (2025) e Perret et al. (2025), a utilização da cor verde no *design*, traduz-se de forma consideravelmente eficaz na associação por parte do consumidor entre o mesmo e sustentabilidade ambiental, uma associação que consideramos desejável para este projeto. Por estar direcionado para um público adulto, a decisão foi de optar por um verde que transmitisse alguma sobriedade, motivo pelo qual se excluíram os verdes mais amarelados, potencialmente mais associados à irracionalidade e incosequência do amarelo (Stoykov, 2024), mas que, ao mesmo tempo, continuasse a transmitir alguma energia, sendo, portanto, priorizada a escolha de um tom mais saturado (Ou, 2015). Deste modo, o tom escolhido foi um verde cujo código hexadecimal é #1E6155, que é um tom mais azulado, podendo assim acarretar também as associações com alguns elementos naturais e o sentimento de confiança atribuídas ao azul (Singh & Srivastava, 2011; Stoykov, 2024).

Em seguida, foi necessário definir uma cor de fundo para a página. Como afirma MacDonald (1999), uma área branca muito extensa, embora seja comum em diversos *websites*, pode levar à fadiga visual do utilizador. Todavia, dado que a intenção é transmitir ao utilizador uma ideia de aventura e descoberta, acreditámos que um tom mais escuro pudesse ser contraproducente. Dessarte, optámos por adotar um tom (código hexadecimal: #F7F5F3) comumente designado como branco-sujo, ligeiramente menos luminoso, a fim de evitar a fadiga supracitada, e com uma tonalidade mais alaranjada.

Foi escolhida esta tonalidade de modo a fugir à frieza do branco puro ou de outros tons menos quentes, que aproximariam o projeto do contexto de neve do qual este se pretende afastar e reforçariam uma ideia mais austera, mas também aproximá-lo da conotação mais acolhedora da cor laranja (Stoykov, 2024). Ademais, ainda que a cor complementar do tom #1E6155 seja #611E2A, uma tonalidade de vermelho escura e não de laranja, que o tom de branco escolhido mantém uma considerável neutralidade, típica da cor (MacDonald, 1999), o que lhe garante harmonia com a generalidade dos tons. Os restantes tons foram decididos com base nestes.

Em função da cor escolhida para o fundo da página, procurando manter uma coesão da paleta, foi definido como tom do texto o castanho-escuro #413326, que, sendo uma cor quente (MacDonald, 1999) e destoante como um tom de preto, tipicamente utilizado como cor do texto, não obstante garante bastante legibilidade à página. Finalmente, foram escolhidos, como tons de realce os beges #DECEBE, utilizado como cor dos botões no final da página e #E7DACF, utilizado como fundo da imagem de capa e como cor do texto das notas e informações adicionais, o *taupe* #7E6D5E, mais escuro do que os beges de realce para uma melhor legibilidade, mas ainda assim diferente do tom do texto principal, com o objetivo de garantir uma distinção mais fácil entre os dois. A paleta de cores final é, como tal, a que se encontra na Figura 22.

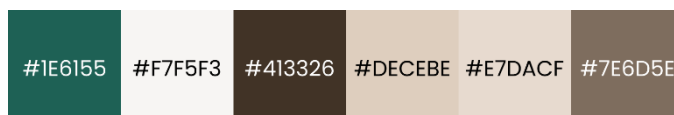


Figura 22 – Paleta de Cores da Página

Em seguida, foram definidas as fontes a utilizar. Como aponta Richardson (2022) alguns estudos apontam para as fontes serifadas transparecerem mais sobriedade, formalidade e antiguidade. Consequentemente, estas são indicadas para projetos destinados a adultos, especialmente adultos mais velhos e vão de encontro ao tema das lendas e da tradição oral do presente projeto. Entretanto, este pretende apresentar-se como uma inovação: uma forma nova de apreciar uma cultura antiga que, como já afirmado, devido ao envelhecimento e desertificação da população local, se tem vindo a perder. Desta forma, pareceu-nos lógico utilizar ambos os tipos de fonte: serifada (para os títulos e cabeçalhos) e não serifada (para o corpo do texto e as notas). Por este motivo, escolhemos a Faustina, serifada, mas não demasiado retilínea e austera; e a DIN Next, sem serifa, mas fina e elegante. Exemplos visuais da utilização de ambas encontram-se nas Figuras 23 e 24, respetivamente.

4 Outros Dias na Serra da Estrela

Figura 23 – Título em Faustina

A Serra da Estrela é um território de planalto montanhoso pertencente ao Sistema Central, situado na Região Centro de Portugal. O seu ponto mais alto encontra-se a 1993 metros de altitude e é popularmente conhecido como Torre. É um local bastante frequentado nos meses mais frios devido à queda de neve.

Figura 24 – Texto em DIN Next

No seguimento desta decisão, e visando equilibrar o corpo do texto e a sua fonte mais jovem, optámos por um aspeto mais antigo para os mapas incorporados na página, uma vez que é neles que estão definidos os pontos de paragem do itinerário, bem como descritas as lendas, pelo que estão diretamente conectados ao conceito de tradição. Como resultado, utilizámos, a predefinição de mapa Contemporâneo Antigo, disponibilizada pela StoryMaps, cujo aspeto pode ser observado na Figura 22.



Figura 25 – Estilo de Mapa *Contemporâneo Antigo* Numa Visão Continental (Direita) e Numa Visão de Ruas (Esquerda)

6.3.3 Formatação do Conteúdo

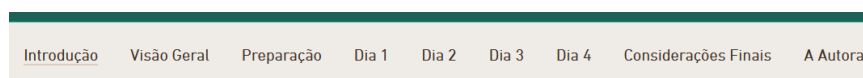


Figura 26 – Barra de Navegação

De modo a facilitar a compreensão do conteúdo, e a possibilitar a utilização do sistema de barra de navegação disponibilizado pelo StoryMaps (Figura 26), o itinerário foi dividido nas seguintes partes: Capa, Introdução, Visão Geral, Preparação, Dia 1, Dia 2, Dia 3, Dia 4, Considerações Finais e A Autora. A generalidade do conteúdo de cada uma destas partes foi apresentado em formato textual com alguma formalidade. O leitor é sempre tratado formalmente, sendo as formas verbais utilizadas para se dirigir ao mesmo sempre conjugadas na terceira pessoa do singular.

Para além disso, o vocabulário utilizado, embora não extremamente complexo ou científico, também nunca assume um tom extremamente coloquial. Não são, como tal, utilizadas nem expressões como bué fixe, nem expressões como fruição dos ativos. Assim, este adequa-se ao público mais intelectual, mas não necessariamente especialista, que Katsikari et al associam quer ao turismo histórico-cultural, quer ao turismo de natureza ou ao ar livre (2020). Todavia, o texto não assume um carácter de seriedade intensiva, utilizando, em alguns momentos, algum humor ou jogos de palavras para transmitir a sua mensagem. Deste modo, o tom não assume um carácter demasiado jovem que possa afastar as camadas mais velhas do mercado, mas também não exclui uma vertente mais divertida que pode ser mais cativante para as camadas mais jovens.

Como complemento ao texto foram adicionados mapas, imagens e áudios consoante as necessidades específicas de cada parte. Todas as imagens utilizadas respeitam os direitos de autor para as mesmas estabelecidas. A informação respetiva ao autor, à fonte e à data de cada uma é acessível através do ícone redondo identificado com um i no canto superior esquerdo da mesma.

6.3.3.1 Capa. Sendo o contacto inicial entre o potencial turista e o itinerário, o objetivo desta foi ser direta e apelativa. Por este motivo, o conteúdo nela apresentado resume-se ao título do itinerário (*4 Outros Dias na Serra da Estrela* – uma referência ao livro *Quatro Dias na Serra da Estrela* de Emygdio Navarro), seguido de uma breve descrição do mesmo e da sua autoria. Como complemento visual e fator de atratividade, foi acrescentada uma fotografia de parte da paisagem serrana, durante o dia e sem a ocorrência de neve, com a finalidade de introduzir a nova imagem da região que este pretende gerar. A totalidade da capa pode ser visualizada abaixo na Figura 27.



Figura 27 – Capa do Itinerário

6.3.3.2 Introdução. A introdução do itinerário tem como função apresentar o contexto em que a sua criação se insere (a sua existência enquanto um projeto de mestrado e a predominância do turismo de neve na Serra da Estrela), bem como os objetivos do mesmo (o desenvolvimento socioeconómico da região e a preservação da cultura e dos espaços naturais da região), pelo que mantém um carácter relativamente informativo e técnico, embora tente promover o interesse do utilizador em executar o itinerário. Ao texto desta parte foi adicionada uma fotografia da paisagem serrana, ilustrativa da ideia pré-concebida da Serra da Estrela como destino de neve, como é possível verificar na Figura 28.

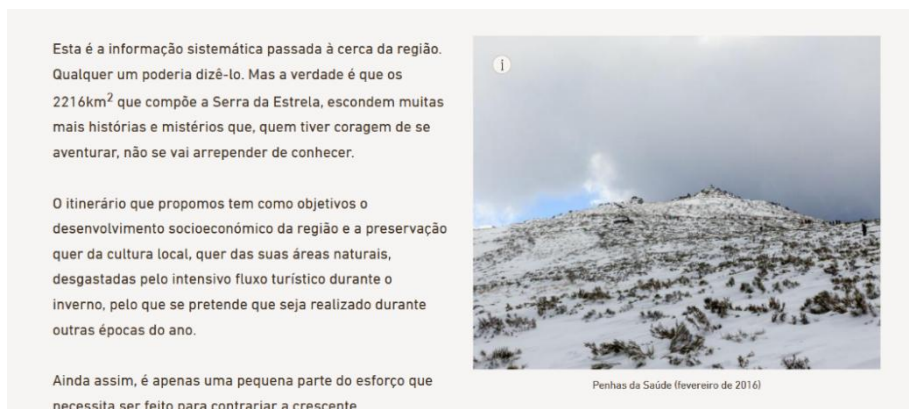


Figura 28 – Segmento da Introdução do Itinerário

6.3.3.3 Visão Geral. Esta secção tem como objetivo apresentar o percurso do itinerário, bem como os temas abordados, de um modo global, permitindo ao utilizador perceber as características da atividade proposta e decidir se deseja realizá-la ou não. Precisamente por isso, para além do texto (Figura 29) que identifica a dimensão e duração do itinerário (com foco nos automóveis, mas mencionando

igualmente as informações relativas à realização do mesmo em bicicleta) e os concelhos por ele abrangidos, esta parte é complementada por um mapa (representado na Figura 30), bem como os *links* onde poderão encontrar o percurso em formato KMZ, a fim de facilitar a sua execução do trajeto.

Visão Geral

Composto por 33 pontos e uma extensão de, aproximadamente, 320km de condução, o itinerário que propomos (que pode descarregar em formato KMZ [aqui](#)) conta 40 lendas de diversos temas por locais dispersos em 7 diferentes concelhos da região: Belmonte, Celorico da Beira, Covilhã, Gouveia, Guarda, Manteigas e Seia que, tal como Emygdio Navarro, autor do célebre livro *Quatro Dias na Serra da Estrela*, o convidamos a explorar durante 4 dias.

Nota: Embora não tenha sido primeiramente assim concebido, acreditamos ser completamente possível realizar o itinerário em bicicleta. O percurso (que pode descarregar em formato KMZ [aqui](#)) seria, neste caso, de, sensivelmente, 300km e a estimativa que obtivemos para o tempo a pedalar de, aproximadamente, 23 horas. Como tal, é inconcebível realizá-lo em apenas 4 dias. O tempo necessário para executar essas 23 horas, porém, depende da capacidade de cada indivíduo e, como tal, optámos por deixar ao critério pessoal a segmentação das mesmas em dias. Portanto, se é este o seu caso, ignore o número de dias e siga apenas a sequência, de acordo com o seu ritmo. Boa sorte!

Figura 29 – Texto (Visão Geral)

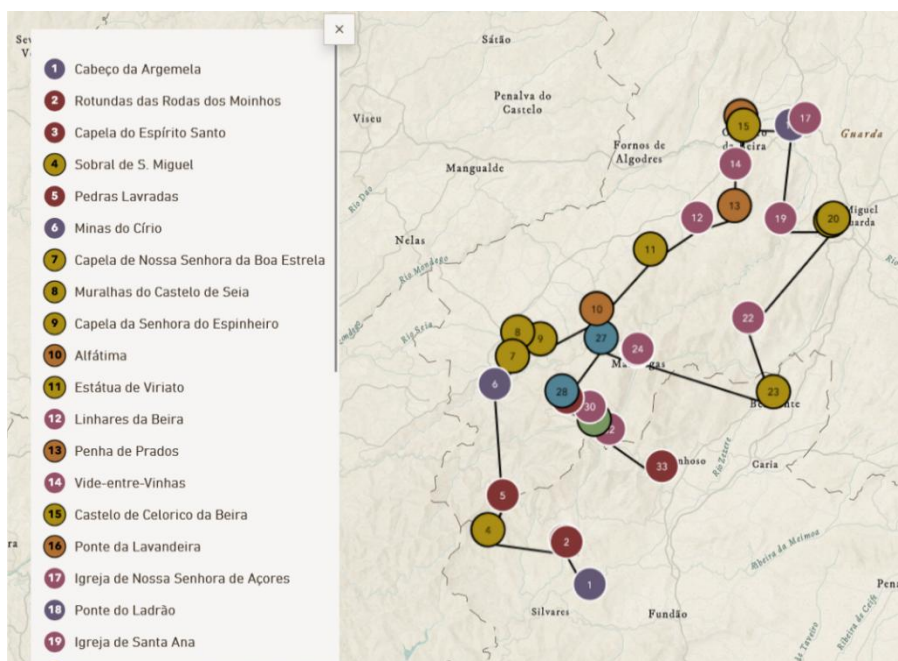


Figura 30 – Mapa (Visão Geral)

Legenda de Cores (Temas)

Azul - Corpos de Água; Roxo - Secularidade; Rosa - Religião; Vermelho - Criaturas Fantásticas; Laranja - Mouros; Amarelo - História; Verde - Formações Naturais.

Figura 31 – Legenda do Mapa (Visão Geral)

O mapa apresentado demonstra não apenas o percurso no seu todo, identificando todos os pontos de passagem (através do seu nome) e a sequência dos mesmos, mas também os distingue em cores diferentes que, através de uma legenda abaixo do mesmo (Figura 31), explicitam os temas de cada um deles, segundo a categorização introduzida durante a exposição dos resultados da recolha de informação relativa às lendas. A fim de manter a harmonia com o *design* do mapa, cuja coloração assume um tom menos saturado, foram, então, escolhidos os tons: #AA8E15 (amarelo), #518395 (azul), #B06F33 (laranja), #945167 (rosa), #645776 (roxo), #7A9661 (verde) e #803434 (vermelho). Esta paleta encontra-se representada na Figura 32.

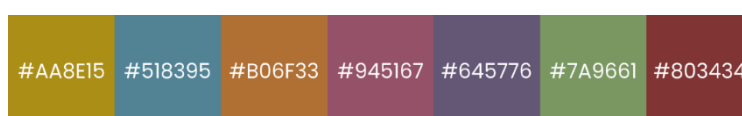


Figura 32 – Paleta de Cores da Legenda do Mapa (Visão Geral)

6.3.3.4 Preparação. A inclusão de uma segmentação dedicada à preparação deveu-se não apenas à necessidade de transmitir ao potencial turista alguma segurança, necessária para a exploração de áreas naturais e/ou pouco habitadas, mas também de o alertar para as características do itinerário, especialmente aquelas que podem representar fatores de risco. Assim, esta foi elaborada como uma enumeração de 5 comportamentos preventivos (quer para os condutores de ligeiros, quer para os ciclistas) adequados à realização do mesmo, como exemplificado na Figura 33. Estes são:

1. Verifique o estado do seu veículo (de modo a garantir que o turista estará seguro no mesmo enquanto percorrer as estradas acidentadas da Serra da Estrela);
2. Abasteça antes de começar a viagem (com a finalidade de prevenir que o turista fique preso num local distante do destino e/ou com pouca rede);
3. Descanse e faça quantas paragens forem necessárias (como precaução contra a fadiga em viagens longas, anteriormente mencionada);
4. Escolha roupa e calçado confortáveis (visando evitar desconforto e lesões);

5. Verifique a previsão meteorológica antes de fazer as malas (com o objetivo de que o equipamento selecionado seja adequado às adversidades meteorológicas que o turista poderá ter de enfrentar).

Foi ainda adicionada uma nota relativa à compra e utilização do Cartão Reflorestar, disponibilizado pelo Estrela Geopark por 10€, que, oferecendo descontos nos produtos e serviços parceiros da instituição, tem como objetivo financiar as ações de reflorestação levadas a cabo pelo Geopark e, como tal, corresponde aos objetivos de sustentabilidade do projeto.

4 - Escolha Roupas e Calçado Confortáveis

Embora grande parte do percurso seja realizado em estrada, diversas paragens exigem alguma caminhada por áreas mais agrestes ou uma exploração mais demorada do local. Por este motivo, é recomendado que escolha roupas e calçado adequados, que lhe garantam mobilidade e suporte.

(E quem escolher a bicicleta como meio de transporte, garanta que leva consigo todo o equipamento de segurança necessário [como o capacete, cotoveleiras ou joelheiras] de modo a que o seu corpo esteja devidamente protegido em caso de queda ou colisão.)

Não é propriamente indicado subir um monte de fato e gravata ou saltos altos... E temos a certeza de que vai continuar a ficar bem nas fotografias!

5 - Verifique a Previsão Meteorológica Antes de Fazer as Malas

Figura 33 – Segmento da Secção *Preparação*

6.3.3.5 Dia 1, Dia 2 Dia 3 e Dia 4. O conteúdo principal do itinerário encontra-se repartido nestas 4 secções, correspondentes à divisão do itinerário em dias anteriormente mencionada. Cada dia tem uma introdução que descreve o percurso do respetivo dia de um modo global, informando o turista sobre o que pode esperar do mesmo. Nela é mencionada a dimensão e duração do mesmo (para automóveis) e são introduzidos quer os concelhos pelos quais o turista passará nesse dia, quer as lendas relativas aos locais que se propõe que este explore (Figura 34).

Dia 1

O primeiro dia inicia-se na intrigante Serra da Argemela, passa pelas terras de Gouveia e termina na acolhedora cidade de Seia.

Com uma extensão de, aproximadamente, 74km em estrada (sensivelmente 2 horas), o percurso deste dia passa por 8 pontos distintos (naturais e fabricados pelas populações que na Serra se foram estabelecendo ao longo dos anos) dispersos entre os concelhos da Covilhã e de Seia.

Utilizando-os como mote da conversa, conta, assim, 9 lendas sobre heroínas e heróis imortalizados quer pela natureza, quer pelo povo; criaturas diabólicas que afrontavam os moradores locais; roubos e achados de bens preciosos; e, até, milagres que, sendo verdade, mudaram a história do país!

Figura 34 – Exemplo de Introdução das Secções Relativas ao Dias (Dia 1)

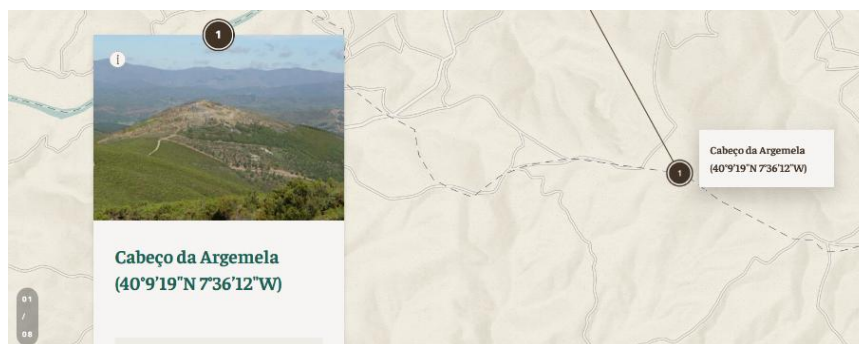


Figura 35 – Mapa Relativo ao Percurso do Dia (Dia 1 - Cabeço da Argemela)

Em seguida, é apresentado um mapa relativo ao percurso do dia (Figura 35), onde os locais de paragem são, como previamente, introduzidos em sequência, agora com um foco individual. Tanto quanto possível, uma vez que os direitos de autor configuraram um entrave, é facultada igualmente uma fotografia do local.

O texto relativo a cada ponto exhibe, primeiramente, o nome e as coordenadas do mesmo e, logo em seguida, o nome das lendas a que este se refere e a narrativa da lenda. Alguns pontos possuem ainda notas iniciais (com avisos relativos aos acessos do local finais) e/ou notas finais (com dicas de outros locais a visitar, a fim de prolongar a visita e aprofundar o conhecimento da região).

As narrativas são uma compilação de toda a informação recolhida relativa às mesmas. O tom utilizado nas mesmas tenta ser, embora não vulgar, um pouco mais informal que o restante do texto e adota, em geral, um estilo próprio da narração de contos. Nesse sentido foram também utilizados tempos compostos (por exemplo: terá sido) e conjugações impessoais dos verbos (por exemplo: diz-se) que denotam uma origem e tempo incertos à ação.

Eis o exemplo do texto utilizado para a Lenda da Serra da Argemela:

Entre as aldeias de Barco (Covilhã), Telhado (Fundão) e Lavacolhos (Fundão), encontra-se a Serra da Argemela. E, no seu Cabeço, um castro que, supostamente, é testemunho da história que a nomeia.

Embora algumas versões relatem invasões mouras, a maior parte das versões a que tivemos acesso assenta na conquista romana.

Diz-se que, em anos antes de Cristo, este povo, liderado por Júlio César, determinado em subjugar os destemidos lusitanos contra vontade, pretendiam fazê-los descer dos montes, para os poderem vigiar.

Porém, rejeitando submeterem-se aos quereres romanos, o povo desta localidade, ter-se-á dividido em dois grupos numa tentativa de fugir.

Os primeiros, que caminhavam em direção à Galiza, traídos pelo jovem Januário, capturado e torturado pelos perversos romanos, foram rapidamente encontrados e executados por desobediência. Os restantes, no entanto, tinham um plano diferente.

Liderados por Mário, herói corajoso tal como Viriato, pretendiam dividir-se novamente em dois grupos para poderem derrotar o inimigo: Mário, de madrugada, partiria com os homens, abrindo caminho; e Brunilde, sua noiva, com quem, em algumas versões se casaria no dia seguinte, lideraria as mulheres e as crianças pelo mesmo caminho assim que o sol estivesse a pino.

Comovida pela confiança nela depositada, mas também preenchida por um mau pressentimento, Brunilde terá começado a chorar, dizendo ao seu amado:

- Para cumprir a nossa missão, darei a vida se necessário! Só não levarei o grupo comigo, se me tirarem!

Despedindo-se o casal e, chegando a sua hora, Mário terá partido prontamente com os homens, a caminho do Douro de onde seguiram, embarcados, até uma ilha, o refúgio dos lusitanos.

À medida que as horas passavam, no entanto, as mulheres iam ficando impacientes e pediam a Brunilde que as levasse ou, se não tivesse coragem de partir, que lhes indicasse antes o caminho.

No entanto, determinada a cumprir a sua promessa e a missão, Brunilde não cedeu.

Apenas chegada, então, a hora de partir terá Brunilde reunido o seu povo. Todavia, no horizonte, subindo o monte, avistavam-se já os soldados romanos. Quem permaneceu não teria já a chance de partir.

As mulheres falavam-lhe, amaldiçoavam-na por não querer ter partido mais cedo. Brunilde, porém, ter-lhes-á dito:

- Irmãs, é verdade que o inimigo se aproxima. Não partiremos mais ao encontro dos nossos homens... Tivéssemos partido mais cedo, nada mudaria, apenas nos encontrariam mais depressa.

O oficial romano que liderava os soldados, percebendo que todas a escutavam, ter-se-á dirigido a ela e questionado a jovem sobre o desaparecimento dos homens da aldeia. Brunilde, no entanto, a nenhuma pergunta respondeu senão com a evasão das mesmas.

- Mulher que comandas as outras! Olham-te como ovelhas num temporal, à procura de abrigo do seu pastor.

- Pudesse o pastor dar-lhes abrigo...

- Então, confessas?

- Confesso? Falo apenas do pastor e das ovelhas, tal qual como as descreveste...

Frustrado, o oficial deu ordem de prisão aos restantes e levou Brunilde consigo.

- Vês o fogo? Vou começar por queimar-te os pés, já que desejavas fugir!

Começando pelos pés, seguidos das pernas, depois o tronco e até quase ao rosto, o oficial foi ordenando subir o fogo a cada questão não respondida pela jovem que, repleta de honra e dignidade, apenas gemia de dor, imóvel.

Isto até que o fogo assumiu o ruído e na boca da mesma só havia silêncio, sendo apenas o vento a carregar os gemidos já findados.

Ordenando que a retirassem da pira, o oficial constatou que Brunilde, pela sua lealdade, morrera pelas suas mãos.

No entanto, na túnica que vestia, o oficial encontrou a resposta que procurava: o mapa que o noivo lhe havia entregue com o caminho a seguir.

Informando César, não demorou até os soldados romanos chegarem à ilha onde se preparavam os lusitanos e, desembarcando, foram mortos um a um até restar apenas o oficial, de quem Mário exigiu ouvir o relato detalhado de tudo o que ocorrera para, em vez das suas irmãs, mães e esposas, terem chegado até eles os soldados.

- Vai, então! Segue de volta p'ra terra! Dou-te a liberdade pois de alguém precisará César ouvir o que se sucedeu e, certamente, ninguém o fará melhor que tu que sabes que as mulheres deste povo preferem morrer a atraiçoar a sua causa!

Reza a lenda, e os habitantes das aldeias próximas, que ainda hoje se podem escutar os gemidos de Brunilde:

- No ar geme ela!

Ou, como o tempo e o boca a boca terão transformado: Argemela.

Todas as lendas possuem, para além deste texto, um áudio com a leitura desta narrativa, possibilitando ao turista conhecer as lendas locais e explorar a área em simultâneo, garantindo uma experiência mais imersiva. No final de cada dia é divulgado um *website* oficial do município (com inclusão dos respetivos *links*) onde o turista poderá encontrar alojamento, restauração e outras atividades a realizar no concelho (Figura 36). Ademais, é sempre acrescentada uma nota relativa aos postos de abastecimento mais próximos da localidade sugerida para pernoitar.

Findado o Dia 1, é necessário recuperar as energias.

Se não souber onde ficar, não se preocupe! O *site* oficial da Câmara Municipal de Seia, Visit Seia, encontra-se ao seu dispor com todas as informações que necessita e que pode consultar nas abas [Empreendimentos Turísticos](#) e [Alojamento Local](#).

E, se por ventura chegar com tempo de sobra, não deixe de verificar também a [Agenda de Eventos](#) do município!

Nota: Se precisar de parar num posto de gasolina, tem à sua disposição, a sul, entre a cidade de Seia e a vila de S. Romão, na EN231, um posto BP e a norte, também na EN231, um posto Repsol.

Figura 36 – Exemplo de Conclusão das Secções Relativas ao Dias (Dia 1)

6.3.3.6 Considerações Finais. As considerações finais, apresentadas na sua totalidade na Figura 37, pretendem ser uma despedida entre o itinerário e o turista, de uma forma calorosa. Outrossim, estas mencionam igualmente a enorme quantidade de outras lendas e regiões a explorar e urgem o turista a procurar outras aventuras, nomeadamente através dos percursos do Estrela Geopark, cujo link se encontra destacado num botão. Outro botão, por sua vez, incita o utilizador a partilhar o itinerário, de modo a propagar a sua realização.

Considerações Finais

40 lendas e 7 municípios depois, damos por terminada esta viagem, não apenas pelas terras serranas, mas também pela sua cultura que esperamos ter estado à altura de promover.

No entanto, embora seja aqui que termina este trajeto, há muitos mais ainda por descobrir e percorrer, envoltos em tantas outras lendas que não foram contadas aqui ou sequer recolhidas durante o processo que nos levou à amostra inicial de 83 lendas, de onde estas foram selecionadas.

Esperemos que tenha gostado desta aventura e, como tal, o nosso convite é de que, no futuro, embarque noutras, por esta ou outras regiões, em busca de se envolver nas culturas portuguesas que, esperamos, sejamos todos capazes de ajudar a preservar.

Partilhe Este Itinerário

Conheça os Percursos do Geopark

Figura 37 – Considerações Finais

6.3.3.7 A Autora. Finalmente, o itinerário possui, no final da página, informação sobre a autora e sobre as colaborações que permitiram a sua concretização, tendo todas elas um *link* que redirecionada para as páginas oficiais de cada uma das instituições (Figura 38).



Figura 38 – A Autora

6.3.4 Acessibilidade

Em termos de acessibilidade, por ser este ser um projeto também pensado no sentido de expandir o fluxo turístico na área da Serra da Estrela para o mercado internacional, todo o conteúdo se encontra disponível adicionalmente em inglês sob o título *Another 4 Days at Serra da Estrela*. Esta versão é, essencialmente, uma tradução da versão portuguesa, mas possui algumas explicações adicionais, acrescentadas tendo em consideração alguns conhecimentos que o público português conhece, mas que se prevê que o público estrangeiro não saiba. Um exemplo de uma destas situações é durante a narrativa da Lenda dos 12 de Inglaterra, em que foi necessário explicar, na versão em inglês, o significado do cargo alcaide: “*a military and/or administrative position, existing during the Medieval Ages in the Iberian Peninsula, usually referring to the governor of a fortified city or town.*”

Os nomes das localidades e dos espaços não foram traduzidos, pois não possuem tradução ou traduzi-los representaria uma dificuldade acrescida para o turista em encontrá-los, dado que não estão sinalizados assim e os residentes locais não os conhecem por esse nome. As únicas exceções a esta regra deram-se quando o nome atribuído ao local corresponde apenas a uma descrição não oficial do mesmo elaborada pela mestranda (exemplo: as rotundas em Paúl, descritas como as rotundas das rodas dos moinhos). Explicações sobre os nomes foram apenas adicionadas quando relevantes para a compreensão da narrativa, como é o caso da Lenda da Ponte do Ladrão, que pretende justificar o nome do local. Os nomes das personagens das lendas também não foram traduzidos, excetuando as figuras históricas e/ou religiosas que possuem uma versão estandardizada do seu nome em inglês. Isto é: Mário, personagem da Lenda da Serra da Argemela continua a chamar-se Mário em inglês. Todavia, o ditador romano Júlio César, também presente nessa narrativa, passa a designar-se Julius Caesar.

Finalmente, quando disponível esta opção, os *links* adicionados foram trocados para redirecionar o utilizador para os *websites* em inglês. Todo o conteúdo da versão em inglês pode ser visualizado através do seu *link* específico (<https://arcg.is/1qnzm81>) ou do botão de seleção de idioma localizado no canto superior direito da página.

Por se tratar de uma página *web*, a grande preocupação foi torná-la acessível aos utilizadores invisuais. Como tal, para além da funcionalidade dos áudios relativamente à possibilidade de exploração do espaço simultânea à narrativa, estes servem igualmente como forma de incluir e imergir os turistas invisuais na sua experiência do itinerário. Embora o restante do texto continue a necessitar de leitores de ecrã para se tornar acessível, a narrativa está disponível para estes através de uma voz humana, tornando-a, desta forma, mais acolhedora.

Outrossim, todas as imagens possuem uma descrição clara e sucinta, de modo a não sobrecarregar o utilizador e tornar-se confusa. Estas descrições são apenas acessíveis através de leitores de ecrã e possibilitam aos utilizadores invisuais, ter acesso ao conteúdo fotográfico disponibilizado. Um exemplo de descrição é a da imagem apresentada na capa da página, que em português é: Vista do terreno montanhoso (com rochas e vegetação) a partir de uma elevação num dia de céu limpo em Manteigas. A versão em inglês desta descrição é, por sua vez: View of the mountain terrain (with rocks and vegetation) from a hill on a clear day in Manteigas.

7. Avaliação do Projeto

7.1 Interesse dos Mercados

Como anteriormente mencionado, entre dia 4 de dezembro de 2025 e 4 de janeiro de 2026 foi implementado um inquérito por questionário (Anexo 6) com o intuito de que os mercados nacional e internacional avaliassem o itinerário elaborado. Este obteve um total de 138 respostas.

7.1.1 Caracterização dos Inquiridos

Dado o método de amostragem escolhido (amostragem por conveniência através da estratégia de bola de neve), as características demográficas dos inquiridos, que partiram inicialmente de pessoas conhecidas pela mestranda, não se encontram igualmente representadas. Sabendo que estas desigualdades podem significar um viés na resposta, salientamo-las a seguir, para que sejam tomadas em consideração aquando da avaliação das respostas referentes ao itinerário. A totalidade da informação a seguir mencionada encontra-se sistematizada no Quadro 16

A maioria (63,8%) dos respondentes são indivíduos do género feminino e a menor percentagem dos mesmos corresponde a pessoas que se identificam com um género fora da polaridade feminino/masculino. Relativamente à idade dos inquiridos, a faixa etária mais representada são os indivíduos entre os 30 e os 39 anos (31,9%), seguida da faixa dos 20 aos 29 anos (26,8%). A faixa com menos expressão é a faixa correspondente aos idosos, maiores de 65, cuja percentagem é de apenas 5,1%. Assim, embora a faixa referente aos adultos menores de 20 anos corresponda apenas a 7,2% dos participantes, é possível afirmar que a maioria das respostas registadas foram obtidas de uma população jovem.

A grande maioria (76,8%) dos respondentes são cidadãos portugueses. Da minoria estrangeira, a maior parte são cidadãos de outros países da UE (União Europeia) e a menor parte de outros países de língua oficial portuguesa. No respeitante à região de residência, a região da Grande Lisboa é mais representada na amostra (62,3%). Todas as outras regiões portuguesas têm uma expressão não superior a 5%, sendo a única não representada de todo na amostra final a Região Autónoma dos Açores. A segunda maior percentagem corresponde a indivíduos residentes fora de Portugal (16,7%).

No que se refere ao nível de escolaridade dos inquiridos embora apenas 1,4% tenham concluído um doutoramento, uma vez que 32,6% são licenciados e 24,6% obtiveram o grau de mestre, infere-se que a maioria dos mesmos correspondem a indivíduos com um alto nível de educação. Ademais, não foram selecionadas nenhuma vez para esta questão as respostas referentes a níveis de educação inferiores ao 3º Ciclo do ensino básico português (que equivale a apenas 9,4% das respostas), pelo que se depreende que a grande maioria dos participantes cessou o seu vínculo à escolaridade obrigatória de acordo com o Decreto-Lei nº 176/2012 (de 2 de agosto), em vigor em 2025.

Quanto à ocupação dos inquiridos, 58,7% trabalham por conta de outrem; 10,1% trabalham por conta própria e 7,2% são trabalhadores-estudantes o que significa que a maioria são trabalhadores ativos. As situações ocupacionais menos representadas são os pensionistas e os desempregados, ambas correspondendo apenas a 5,1% de todas as respostas. A categoria *Rendimentos Pessoais Mensais*, cujos dados de resposta se encontram é a categoria com a distribuição mais equilibrada entre os respondentes.

10,9% dos participantes recebe menos de 410€ mensalmente e apenas 5,1% entre os 435€ e os 869€, o que se traduz num total de 16% de inquiridos com um rendimento mensal inferior à retribuição mínima mensal garantida (RMMG) em Portugal, comumente designada por ordenado mínimo, em vigor no ano de 2025: 870€ (Decreto-Lei nº 112/2024, de 19 de dezembro). Entre aqueles com um rendimento igual ou superior a este valor, destacam-se os que possuem um rendimento entre os 2001€ e os 3000€ (20,3%), seguidos daqueles cujo rendimento se situa entre os 870€ e os 1000€ (18,8%) como os mais representados neste inquérito. Inversamente, os escalões menos representados dentro deste parâmetro foram os seguintes: entre 3001-4000€ (2,9%) e 4001-5000€ (0,7%). O único escalão sem expressão alguma na amostra final foi o que se refere a rendimentos mensais superiores a 5000€. 10,1% dos inquiridos selecionou a opção *Prefiro Não Responder*.

Quadro 16 – Características Demográficas dos Respondentes

Categoria	Respostas	Frequência	Percentagem
Género	Feminino	88	63,8%
	Masculino	45	32,6%
	Outro	5	3,6%
Idade	<20	10	7,2%
	21 – 29	37	26,8%
	30 – 39	44	31,9%
	40 – 49	13	9,4%
	50 – 59	17	12,3%
	60 - 64	10	7,2%
	>65	7	5,1%
Nacionalidade	Portuguesa (Incluindo Múltipla Nacionalidade)	106	76,8%
	Outro(s) País(es) da UE	14	10,1%
	Outro(s) Países de Língua Oficial Portuguesa	8	5,8%
	Outra(s)	10	7,2%
Região de Residência	Norte	5	3,6%
	Centro	8	5,8%
	Oeste e Vale do Tejo	5	3,6%
	Grande Lisboa	86	62,3%
	Península de Setúbal	6	4,3%
	Alentejo	2	1,4%
	Algarve	2	1,4%
	Região Autónoma dos Açores	0	0%
	Região Autónoma da Madeira	1	0,7%
	Não Resido em Portugal	23	16,7%
Nível de Escolaridade	Inferior ao 1º Ciclo	0	0%
	1º Ciclo (1º - 4º Ano)	0	0%
	2º Ciclo (5º e 6º Anos)	0	0%
	3º Ciclo (7º - 9º Ano)	13	9,4%
	Ensino Secundário (10º - 12º Ano)	33	23,9%
	Ensino Pós-Secundário Não Superior	11	8%
	Licenciatura ou Equivalente	45	32,6%
	Mestrado ou Equivalente	34	24,6%
	Doutoramento ou Equivalente	2	1,4%
Ocupação	Estudante	19	13,8%
	Trabalhador-Estudante	10	7,2%
	Trabalhador por Conta Própria	14	10,1%
	Trabalhador por Conta de Outrem	81	58,7%
	Desempregado	7	5,1%
	Pensionista	7	5,1%
Rendimentos Pessoais Mensais	Menos de 410€	15	10,9%
	435-869€	7	5,1%
	870-1000€	26	18,8%
	1001-1500€	24	17,4%
	1501-2000€	19	13,8%
	2001-3000€	28	20,3%
	3001-4000€	4	2,9%
	4001-5000€	1	0,7%
	Mais de 5000€	0	0%
	Prefiro Não Responder	14	10,1%
Total		138	100%

No que se refere ao tema do itinerário, entre as 4 opções na escala de resposta (1, 2, 3 ou 4, sendo 1 *Nenhum* e 4 *Bastante*), a maior parte das respostas (apresentadas abaixo no Quadro 17) refletiu interesse quer na tipologia de turismo, que no local em que o itinerário se insere. A opção mais selecionada relativamente não apenas ao nível de Interesse em turismo histórico-cultural, mas também ao nível de interesse em participar em atividades turísticas em Portugal e ao nível de interesse em participar em atividades turísticas na área da Serra da Estrela foi, em todos os casos, a opção 3 (45,7%; 44,2% e 43,5%, respetivamente). Novamente em todos os casos, a segunda opção mais selecionada foi a alternativa 4 (40,6%; 38,4% e 28,3%, respetivamente).

Na situação específica da questão relativa ao nível de interesse em participar em atividades turísticas na área da Serra da Estrela, esta percentagem ficou bastante próxima da percentagem registada para a opção 2, selecionada por 23,2% dos participantes. A menor percentagem de seleção em todos os casos foi a opção 1 (5,1%; 6,5% e 5,1%, respetivamente). Ademais, como demonstrado no Quadro 18, a área de aplicação (Serra da Estrela) era, anteriormente à resposta a este inquérito, conhecida pela grande maioria dos inquiridos (84,8%).

Quadro 17 – Nível de Interesse dos Respondentes Relativamente à Tipologia Turística do Projeto

Nível de Interesse	Respostas	Frequência	Percentagem
Nível de Interesse em Turismo Histórico-cultural	1	7	5,1%
	2	12	8,7%
	3	63	45,7%
	4	56	40,6%
Nível de Interesse em Participar em Atividades Turísticas em Portugal	1	9	6,5%
	2	15	10,9%
	3	61	44,2%
	4	53	38,4%
Nível de Interesse em Participar em Atividades Turísticas na Área da Serra da Estrela	1	7	5,1%
	2	32	23,2%
	3	60	43,5%
	4	39	28,3%
Total		138	100%

Quadro 18 – Conhecimento dos Respondentes Relativamente à Serra da Estrela

Questão	Respostas	Frequência	Percentagem
Ouvir Falar da Serra da Estrela, Anteriormente a Este Questionário?	Sim	117	84,8%
	Não	21	15,2%
Total		138	100%

7.1.2 Análise dos Resultados

Quadro 19 – Classificação e Probabilidade de Realizar o Itinerário de Acordo com os Respondentes

Questão	Respostas	Frequência	Porcentagem
Classificação do Itinerário	1	0	0%
	2	1	0,7%
	3	16	11,6%
	4	59	42,8%
	5	62	44,9%
Probabilidade de Realizar o Itinerário	1	4	2,9%
	2	22	15,9%
	3	58	42%
	4	54	39,1%
Total		138	100%

7.1.2.1 Apreciação Geral. A questão relativa à classificação do itinerário disponibilizou como opções de resposta, uma escala de 1 (*Péssimo*) a 5 (*Excelente*). Como é possível de verificar através do Quadro 19, a maioria dos inquiridos avaliou o itinerário proposto com as duas classificações mais positivas: 5 (44,9%) ou 4 (42,8%). Outrossim, nenhum selecionou a opção 1 e apenas 1 destes selecionou a opção 2. Esta opinião refletiu-se ainda, embora de forma menos acentuada, na probabilidade de realizar o itinerário, dado que, tendo como opções de resposta uma escala de 1 (*Nada Provável*) a 4 (*Muito Provável*), os participantes escolheram maioritariamente as opções 3 (42%) e 4 (39,1%). Deste modo, conclui-se que a maioria dos participantes acredita que este o projeto intitulado *4 Outros Dias na Serra da Estrela* é um itinerário muito bom e que estes consideram provável realizar.

7.1.2.2 Aspectos Positivos e Negativos. No que se refere aos aspetos positivos e negativos, foram, para cada um destes parâmetros, duas questões: 1 questão de escolha múltipla em que foi permitido aos respondentes selecionar tantas opções quanto as que fossem de encontro ao parecer de cada um; 1 questão aberta, de resposta não obrigatória, para que os inquiridos que pretendessem referir um aspeto não mencionado anteriormente, tivessem a oportunidade de o fazer. Ademais, foi ainda colocada uma questão, igualmente facultativa e de resposta aberta, para que os inquiridos pudessem registar as suas sugestões de melhoria. Abaixo, no Quadro 20 encontram-se as respostas obtidas para cada uma das perguntas de escolha múltipla destes parâmetros, organizadas de acordo com o aspeto em avaliação, de modo a facilitar a comparação entre ambas as questões.

Quadro 20 – Aspectos Positivos e Negativos do Itinerário (Escolha Múltipla)

Aspectos Positivos	Frequência	Porcentagem	Aspectos Negativos	Frequência	Porcentagem
Acessibilidade da Página	85	61,6%	Falta de Acessibilidade da Página Web	8	5,8%
Design (Cores, Tipo de Letra, Estrutura, etc...) da Página Web	70	50,7%	Design (Cores, Tipo de Letra, Estrutura, etc...) da Página Web	16	11,6%
Acessibilidade do Percurso	62	44,9%	Falta de Acessibilidade do Percurso	8	5,8%
Distância do Percurso (Km)	48	34,8%	Distância do Percurso (Demasiado Curta)	6	4,3%
			Distância do Percurso (Demasiado Longa)	16	11,6%
Divisão do Percurso (Dias)	59	42,8%	Divisão do Percurso (Demasiados Dias)	8	5,8%
			Divisão do Percurso (Dias Insuficientes)	5	3,6%
Duração do Percurso (Horas)	42	30,4%	Duração do Percurso (Demasiado Curto)	3	2,2%
			Duração do Percurso (Demasiado Longo)	14	10,1%
Estrutura do Percurso	67	48,7%	Estrutura do Percurso	2	1,4%
Design (Cores, Tipo de Letra, Estrutura, etc...) dos Mapas	48	34,8%	Design (Cores, Tipo de Letra, Estrutura, etc...) dos Mapas	10	7,2%
Diversidade das Lendas	51	37%	Falta de Diversidade das Lendas	2	1,4%
Interesse das Lendas	60	43,5%	Desinteresse das Lendas	2	1,4%
Quantidade de Lendas	34	24,6%	Quantidade de Lendas (Demasiadas)	13	9,4%
			Quantidade de Lendas (Poucas)	3	2,2%
Diversidade dos Locais	61	44,2%	Falta de Diversidade dos Locais	3	2,2%
Interesse dos Locais	71	51,4%	Desinteresse dos Locais	2	1,4%
Quantidade de Locais	51	37%	Quantidade dos Locais (Demasiados)	4	2,9%
			Quantidade dos Locais (Poucos)	3	2,2%
Interesse das Imagens	39	28,3%	Desinteresse das Imagens	4	2,9%
Quantidade das Imagens	31	22,5%	Quantidade das Imagens (Demasiadas)	1	0,7%
			Quantidade das Imagens (Poucas)	19	13,8%
Linguagem do Itinerário	56	40,6%	Linguagem do Itinerário (Demasiado Complexa)	4	2,9%
			Linguagem do Itinerário (Demasiado Simples)	2	1,4%
Tom da Mensagem	35	25,4%	Tom da Mensagem (Demasiado Formal)	2	1,4%
			Tom da Mensagem (Demasiado Informal)	0	0%
Qualidade da Narrativa (Áudio)	35	25,4%	Falta de Qualidade da Narrativa (Áudio)	6	4,3%
Qualidade da Narrativa (Texto)	54	39,1%	Falta de Qualidade da Narrativa (Texto)	3	2,2%
Relevância da Informação Adicional	36	26,1%	Irrelevância da Informação Adicional	24	17,4%

Comparando os dados, é facilmente perceptível que os respondentes verificaram bastantes mais aspectos positivos do que negativos no projeto. Enquanto o aspecto positivo menos selecionado (*Quantidade das Imagens*) foi selecionado 31 vezes (22,5%), o aspecto negativo menos selecionado (*Tom da Mensagem [Demasiado Informal]*) não foi selecionado nenhuma vez e, entre aqueles que foram selecionados, o menos selecionado (*Quantidade das Imagens [Demasiadas]*) foi selecionado apenas 1 vez (0,7%). Inversamente, a característica positiva mais apontada pelos participantes (*Acessibilidade da Página Web*) foi selecionada 85 vezes (61,6%) e a sua contraparte negativa (*Irrelevância da Informação Adicional*) apenas 24 (17,4%).

Nenhum aspeto foi avaliado mais vezes como negativo do que positivo. Os dois aspetos com menor diferença na sua perceção são os conjuntos: *Relevância da Informação Adicional* e *Irrelevância da Informação Adicional*; e *Quantidade das Imagens* e *Quantidade das Imagens (Poucas)*, ambos apresentando uma divergência na sua seleção de apenas 8,7 pontos percentuais entre os aspetos que os constituem. Isto significa que são estes os aspetos do itinerário com a avaliação menos consensual entre os respondentes.

Contudo, acreditamos ser necessário ter em consideração ambos os parâmetros de avaliação, de modo que os projetos futuros possam desenvolver-se progressivamente mais conformes às necessidades e expectativas do público. Assim, destacamos as 5 características que os inquiridos mais apontaram como positivas:

1. *Acessibilidade da Página Web* (61,6%);
2. *Interesse dos Locais* (51,4%);
3. *Design (Cores, Tipo de Letra, Estrutura, etc...) da Página Web* (50,7%);
4. *Estrutura do Percurso* (48,6%);
5. *Acessibilidade do Percurso* (44,9%).

E também as 5 mais seleccionadas como negativas:

1. *Irrelevância da Informação Adicional* (17,4%);
2. *Quantidade das Imagens (Poucas)* (13,8%);
3. *Design (Cores, Tipo de Letra, Estrutura, etc...) da Página Web* (11,6%);
4. *Distância do Percurso (Demasiado Longa)* (11,6%);
5. *Duração do Percurso (Demasiado Longo)* (10,1%).

Prosseguindo com as 3 questões de resposta aberta, a frequência de resposta às mesmas foi relativamente baixa. A questão *Outros Aspetos Positivos* obteve 10 respostas (7,2% dos inquiridos); a questão *Outros Aspetos Negativos* obteve 11 respostas (8% dos inquiridos); e, finalmente, a questão *Sugestões de Melhorias Adicionais* obteve 17 respostas (12,3% dos inquiridos). Os Quadros 21 e 22 detalham a informação recolhida através de cada uma delas.

Quadro 21 – Aspetos Positivos e Negativos do Itinerário (Resposta Aberta)

Questão	Respostas	Código de Identificação
	Entretenimento	OAP#1
	Tudo muito interessante!	OAP#2
	nada a dizer	OAP#3
	interesting pictures	OAP#4
	Globalmente bem estruturado e apelativo para pessoas jovens.	OAP#5
Outros Aspetos Positivos	I found the design of the website very dynamic and nice. Especially how the stops zoom in and out to the relevant ones. I also like how easily available and visible the languages section is (as well as the print preview).	OAP#6
	I liked how despite the literal distance some of the stories called back to other stories which gives the traveler a moment to reflect on their literal journey as well as the cultural story based one reminding us how interconnected everything truly can be	OAP#7
	É espetáculo digo eu!	OAP#8
	simplicidade	OAP#9
	Really Well Made !	OAP#10
Outros Aspetos Negativos	Na verdade nenhum mas obrigava a selecionar um e não tem opção de selecionar que nenhum	OAN#1
	Não houve!	OAN#2
	nada	OAN#3
	Poderia ser mais interativo	OAN#4
	Nada a referir	OAN#5
	none	OAN#6
	Para pessoas mais velhas (superior a 60) apesar do interesse é difícil fazer o percurso.	OAN#7
	I overall liked the itinerary, I would just ask for more pictures (excited to see more!) and more information on accessibility in the different locations (ramps for wheelchairs, temporary resting spots, etc) where not everyone has the ability to travel like this (but also acknowledging therefore that in itself is a luxury)	OAN#8
	Muito longo.	OAN#9
	Pressupõe o uso de carro pessoal	OAN#10
	While I understand you want to tell a story through the legends, it's quite a long read to get through.	OAN#11

Quadro 22 – Sugestões de Melhoria Adicionais

Questão	Respostas	Código de Identificação
Sugestões de Melhoria Adicionais	<p>Antes de mais quero dizer que o conceito está muito interessante o resultado final também é é de louvar a informação que foi recolhida e adaptada à páginas mas há alguns elementos que acabam por ser negativos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - barra de navegação: texto pequeno, pouco espaçamento entre palavras, pouco contraste (cor e espessura da letra). Uma navegação em slide horizontal poderá não ser a melhor opção. - quantidade de texto: a mancha de texto, especialmente considerando a versão web, pode ser um elemento demotivante pois as pessoas estão muito saturadas de informação e precisam de identificar facilmente o conteúdo (eu li mais porque estava a analisar para responder ao formulário mas nunca situação normal teria tentado arranjar uma alternativa). Dividir o conteúdo em secções "acordeão"/colapsadas - onde se consegue ter um título e depois carregar para ver a informação - permite absorver mais informação mais facilmente e também ler apenas aquilo que realmente interessa em determinada fase do percurso sem estar dependente de scrolls "infinitos" - texto (estrutura): a pontuação pareceu -me um bocadinho desorganizada nomeadamente no que diz respeito à vírgulas (umas vezes demasiadas pausas, outras menos). Isso também dificulta a interpretação das histórias - imagens: com a informação organizada de outra maneira talvez se pudessem apresentar mais imagens para suscitar o interesse no local, quer seja numa página/ popup dedicado ou até uma galeria com scroll horizontal - acessibilidade geral: os botões no fundo da página não são acessíveis não só pela falta de contraste com a cor do fundo mas também com a cor da letra do texto que está no seu interior. Não existe hierarquia (não guia o utilizador para a ação que se pretende que faça) e parecem os dois quase que desativados; nunca próxima versão (isto é mais uma evolução da página atual e não uma coisa que seja menos bem agora) é ter uma opção de "texto -para-áudio" para ajudar com problemas de acessibilidade. Nessa altura ter o teto organizado por secções them ajudará Percurso/mapa: a nível de acessibilidade também podem surgir algumas questões pelas cores pelo que ter os números é importante mas, na legenda da imagem principal, só estão explicadas as cores. Eu carreguei na imagem porque estou habituada a testar coisas assim e abri a tal legenda secundária com a descrição de cada número. Talvez seja interessante colocar um "botão"/indicador algures para as pessoas saberem que há mais informação. Novamente, isto são opiniões técnicas/ profissionais e não de conteúdo ou de interesse do/no projeto. Este tipo de páginas têm de ter uma forte vertente de de acessibilidade porque: as pessoas podem estar à pendura no carro/andar enquanto estão a ver a página e isso dificulta a percepção da informação, a organização do conteúdo, a organização das páginas, contrastes de cores e tamanhos de letras, etc etc Posto isto, fiquei com vontade de conhecer os percursos e de me aventurar pela Serra da Estrela pois não sabia que havia tanta coisa para descobrir, desde os locais à histórias, por isso parabéns. 	SMA#1
	Informação sobre os km entre os vários locais;	SMA#2
	Não necessita	SMA#3
	poder gravar o itinerario para a conta do WhatsApp	SMA#4
	nada	SMA#5
	Ter um assistente virtual ou ferramentas que criassem o ambiente da lenda com recurso a inteligencia virtual	SMA#6
	My main suggestion is to the webpage itself. The length it takes to scroll and read makes it hard to properly process all the information and read through the entire itinerary Makes it hard for a reader to come to a complete conclusion on if they really want to participate in the activities.	SMA#7
	Talvez fraccionando o percurso com sugestão para os " maiores de" 65?	SMA#8
	I think it would maybe be nice to have an option of making the text portion of the site wider when scrolling through the stops. As it is it takes quite a lot of scrolling. I do not believe this is a very pressing issue though, as one can use the printout if one wants to focus on the text. It could be nice to have some notes on possible available public transportation. (But I have to assume that it is not available on a lot of the route, so it probably is not very possible).	SMA#9
	Not really an improvement, but the survey mentions "Quality of the Narrative (Audio)", but i did not find any audio in the webpage, so I am kind of confused.	SMA#10
	Mais imagens seria uma mais valia.	SMA#11
	There is a lot of cultural, theological, and historical elements. Unless I missed it (and as someone who lives outside Portugal) having an attached appendix (or more footnotes like we saw in italics) would be helpful but as short as the stories were in some cases I never the less could follow along and enjoy the legends	SMA#12
	Poderia sugerir excursões que não necessitem ter carro pessoal	SMA#13
	Os textos a explicar os locais e as lendas são demasiado grandes, e torna -se chata a navegação da pagina (colocaria em sub paginas e as pessoas poderiam ir acedendo a medida que tivessem interesse. O itinerario é bastante completo contudo tentaria fazer de forma a que as pessoas pudessem "escolher" se querem visitar todos os pontos ou quantos dias teriam disponíveis. Ser algo mais dinâmico nesse sentido.	SMA#14
	Sabendo que poderá ser difícil, mas talvez tentar resumir todo o conteúdo um pouco mais para não se tornar um pouco maçador.	SMA#15
	Posso não ter visto bem mas no roteiro não vi Covão D'Ametade, que no meu ponto de vista é um dos locais mais bonitos da Serra da Estrela.	SMA#16
	Based on my previous answer I suggest a short summary for every day to get people interested without having to read through all the legends first to know what you're going to see. Maybe a dropdown tab or something like that.	SMA#17

Para facilitar a compreensão dos dados, estes foram organizados antes de serem analisados. Por se tratar de uma questão de resposta aberta, os resultados obtidos foram categorizados indutivamente de acordo com o tema, utilizando a ferramenta Excel. As respostas foram classificadas como pertencentes a um tema sempre que este foi compreendido dentro das mesmas e, como consequência, algumas respostas foram contabilizadas em de mais de um tópico. A organização final foi a seguinte:

1. Acessibilidade (OAN#7, OAN#8, OAN#10, SMA#1, SMA#8, SMA#13);
2. *Design* (OAP#5, OAP#6, SMA#1, SMA#7, SMA#9, SMA#14, SMA#17);
3. Imagens (OAP#4, OAN#8, SMA#1, SMA#11);
4. Informação Adicional (OAN#8, SMA#2);
5. Interatividade (OAN#4, SMA#6);
6. Narrativa (#OAP#7, OAN#11, SMA#1, SMA#10, SMA#12, SMA#15);
7. Percurso (SMA#16);
8. Recursos Adicionais (SMA#4, SMA#6);
9. Opinião Geral (OAP#2, OAP#10, SMA#1);
10. Outros (OAP#1, OAP#9, OAN#9).

A resposta OAN#9 foi categorizada como *Outros*, uma vez que é impossível saber a que aspeto(s) do itinerário esta se refere. Ademais, 9 respostas foram classificadas como nulas por não acrescentarem qualquer informação. Estas foram: OAP#3, OAP#8, OAN#1, OAN#2, OAN#3, OAN#5, OAN#6, SMA#3 e SMA#5. Depreende-se, dessarte, que o tema mais mencionado foi o *design* (7 comentários), seguido da acessibilidade e da narrativa (6 comentários cada).

Embora existam comentários positivos tanto relativamente ao *design* (OAP#5, que elogia a estrutura; e OAP#6 que elogia o dinamismo do *website* e a visibilidade de algumas funções) como à narrativa (OAP#7, que comenta sobre o benefício das conexões entre as diferentes lendas para a jornada narrativa do turista), um aspeto transversal a ambas, quer por dificultar a navegação no *website*, quer por dificultar a apreciação das lendas, é a mancha de texto, que foi referida diversas vezes por ser demasiado extensa.

No que diz respeito à acessibilidade, verificaram-se dois temas mais referidos: a acessibilidade para idosos e/ou pessoas com mobilidade reduzida, mas também a preferência do itinerário pela utilização do automóvel pessoal como meio de transporte. Ambos são referidos como aspetos negativos.

Outros comentários que sobressaem são a carência de imagens (SMA#1 e SMA#11); a necessidade de referir a distância entre cada um dos locais (SMA#2); a necessidade de mais e melhores formas de interação do turista para com o itinerário

(OAN#4), nomeadamente a criação de ambientações virtuais que aumentem a imersão do turista na narrativa (SMA#6); e a utilização de recursos adicionais como uma conexão do itinerário com o WhatsApp (SMA#4) ou assistentes virtuais que ajudem o turista na sua exploração (SMA#6).

7.1.3 Discussão

Os resultados obtidos através do inquérito realizado apontam para um interesse significativo do mercado no projeto elaborado. Todavia, é imprescindível compreender que uma amostra de 138 respondentes, recolhida através do método de bola de neve, partindo da mestrandia pode traduzir-se num viés de proximidade em algumas respostas. Outrossim, o desequilíbrio entre as características demográficas dos inquiridos, que afetam as suas escolhas de vida e de lazer e, como tal são determinantes nos seus perfis enquanto turistas, é igualmente capaz de criar um viés na resposta, pois nem todos os grupos relevantes para este estudo se encontram uniformemente nele representados. Assim, ainda que seja possível retirar uma conclusão geral positiva quanto ao interesse dos mercados no projeto apresentado, são necessários estudos com amostras maiores, mais diversificadas e mais equilibradas a fim de podermos efetuar afirmações mais abrangentes sobre a presente tipologia de oferta turística.

No respeitante aos aspetos positivos e negativos do itinerário, embora seja favorável a comparação entre os aspetos identificados como positivos e os aspetos identificados como negativos, os mesmos vieses anteriormente mencionados podem estar presentes neste segmento da avaliação e, por conseguinte, é necessária igual caução na interpretação destes dados. Não obstante, conclui-se que os aspetos negativos mais referidos são aspetos não centrais do itinerário (*Irrelevância da Informação Adicional, Quantidade das Imagens [Poucas] e Design [Cores, Tipo de Letra, Estrutura, etc...] da Página Web*) ou aspetos que, ainda que centrais deste itinerário, não são centrais da tipologia (*Distância do Percurso [Demasiado Longa] e Duração do Percurso [Demasiado Longo]*), o que indica que, com equipas multidisciplinares e mais experientes, estes podem ser corrigidos em projetos futuros. Esta qualidade não apenas reforça a avaliação geral dos inquiridos, como aponta novamente para a viabilidade desta tipologia de projeto no contexto da atividade turística atual.

7.2 Efetividade no Alcance dos Objetivos de Sustentabilidade

A despeito do itinerário estar disponível para a generalidade do público através da página *web* concebida para tal e, como consequência, possa ser realizado por qualquer pessoa que assim decida, por ser autónomo, é difícil contabilizar o número efetivo de pessoas que já o realizaram, se é que alguma o realizou. Uma possível solução seria implementar outro inquérito para este efeito, disponibilizado talvez no final da página *web* do itinerário. Entretanto, seria, ainda assim, impossível ter uma perceção correta das consequências desse comportamento aquando da redação desta dissertação, uma vez que, para se verificarem alterações quer ao nível socioeconómico, quer ao nível ambiental significativas, seria necessário que este tivesse sido implementado e observado durante, pelo menos, alguns anos. Seria, possivelmente, também necessário promovê-lo através de campanhas de marketing, visando gerar conhecimento sobre o mesmo no público e motivar a sua realização para além dos respondentes do inquérito de avaliação implementado que demonstraram interesse no mesmo através das suas respostas.

Por estes motivos, não nos foi possível avaliar com precisão a eficácia do itinerário relativamente aos seus objetivos de sustentabilidade, através de nenhum procedimento metodológico que fosse compatível com os tempos previstos para a execução e entrega da presente dissertação. O que sustentamos, portanto, é apenas a possibilidade de, com a aderência do público a este itinerário, se verificarem as alterações previstas pelas justificações que a ele levaram e, conseqüentemente, a sua contribuição para os objetivos de sustentabilidade que este pretende auxiliar a atingir.

8. Conclusões

8.1 Contributos e Implicações

O presente projeto foi elaborado a fim de responder à pergunta de investigação: é possível criar um itinerário sobre lendas que promova a sustentabilidade e seja viável de implementar na região da Serra da Estrela? A fim de definir qual resposta obtida, analisámos a seguir como e a que nível foram efetivamente alcançados os objetivos criados a fim de auxiliar a jornada até à resposta.

Em primeiro lugar, dado que, através de entrevistas 9 com 14 residentes e/ou naturais da região, bem como de bibliografia disponibilizada pelos mesmos, por fontes oficiais e, adicionalmente, por pesquisa autónoma da mestranda, foram recolhidas 83 lendas, acreditamos ter alcançado com sucesso o objetivo 1 (identificar quais as lendas/os mitos existentes relativamente à região da Serra da Estrela de modo a possibilitar a elaboração do itinerário). Esta crença mantém-se ainda que, provavelmente, estas não configurem o total de lendas relativas à região da Serra da Estrela.

No que se refere ao objetivo 2 (elaborar um itinerário de turismo histórico-cultural para a região da Serra da Estrela), acreditamos igualmente que o itinerário proposto corresponde à definição pretendida. Esta conclusão deve-se ao facto que, tal como planeado no ponto 2.1 (utilize as lendas anteriormente identificadas como fio condutor do percurso sugerido, com a finalidade de auxiliar na preservação desse património), o itinerário foi construído inteiramente com base nas narrativas das lendas recolhidas, utilizando 40 delas na sua composição.

Todavia, existe alguma ambiguidade no respeitante ao alcance quer do ponto 2.2 (auxilie na mitigação da afluência turística no espaço) e dos seus subpontos (2.2.1 - descongestionando a área do planalto da Torre e fomentando a afluência em outras áreas da serra, com o objetivo de promover uma distribuição mais equitativa dos benefícios socioeconómicos do turismo por toda a região, bem como diminuir o desgaste ambiental na área do planalto da Torre; e 2.2.2 - incentivando estadas de maior duração na região, de modo a permitir aos turistas explorar uma área maior e aumentar o lucro gerado pela atividade turística). Esta mesma ambiguidade também se verifica relativamente ao objetivo 2.3 (estímule a dispersão da afluência turística no tempo, desconcentrando a afluência das estações mais propícias à queda de neve, em especial o inverno; e dispersando-a para o resto do ano, objetivando colmatar a disparidade dos benefícios socioeconómicos do turismo obtidos na região ao longo do

ano quer através do redirecionamento do mercado atual, quer através da atração de novos mercados).

Esta incerteza deve-se à impossibilidade de realizar um estudo a longo prazo sobre os efeitos da implementação do projeto, uma consequência das limitações impostas quer pela falta de recursos humanos disponíveis, quer pela carência do tempo necessário para o realizar. Não obstante, continuamos a defender que a hipótese testada, apesar de não se encontrar confirmada sem margem para dúvidas, pode constituir uma parte importante da solução para os problemas da região no que se refere à degradação ambiental causada pelo turismo, à instabilidade económica da atividade turística e, potencialmente, também à diminuição e envelhecimento da população que leva à perda da cultura que o projeto pretende igualmente ajudar a preservar.

Esta crença sustenta-se no facto do itinerário ter sido alicerçado nos contornos da sustentabilidade e do turismo sustentável, que, como tal, guiaram as decisões tomadas na sua elaboração e, assim, garantiram que este tivesse sempre em atenção as vertentes ambiental (por exemplo: ignorando as lendas referentes à área da torre, por, como descrito no enquadramento do projeto, se tratar de uma área com *overtourism*), a socioeconómica (por exemplo: tentando ao máximo dispersar o roteiro pelos concelhos da região, de modo a que todas beneficiem dos gastos económicos dos turistas durante a sua estada) e a sociocultural (por exemplo: escolhendo não ignorar nenhuma versão de nenhuma lenda, mas reunindo-as todas na narrativa que é dada a conhecer aos turistas, de modo a preservar ao máximo todos os aspetos da cultura nelas presente), priorizando o equilíbrio na resposta às necessidades entre todas as partes interessadas no roteiro final. Como resultado, consideramos que, embora sejam necessárias investigações mais aprofundadas, tanto quanto nos foi possível averiguar, também estes objetivos foram alcançados.

Finalmente, no que se refere ao objetivo 3 (identificar a viabilidade do itinerário no que se refere ao interesse dos mercados, principalmente o doméstico, cujos hábitos turísticos se pretendem alterar, quanto a executá-lo enquanto turista), a presente pesquisa conclui que, ainda que a análise de mercado realizada possa conter vieses importantes que condicionam a generalização dos resultados positivos (em género, idade, nacionalidade, região de residência, rendimentos, etc...), e mesmo tendo sido reconhecidos alguns aspetos negativos no itinerário final, os inquiridos demonstraram interesse na oferta proposta e na tipologia de turismo em que esta se insere, pelo que foi identificada uma forte viabilidade. Isto significa, portanto, que o objetivo 3 foi igualmente alcançado.

Deste modo, depreende-se, com relativo grau de certeza, que a resposta à pergunta de investigação é: sim, é possível criar um itinerário sobre lendas que promova a sustentabilidade e seja viável de implementar na região da Serra da Estrela, motivo pelo qual esta pode ser uma tipologia de oferta turística a equacionar neste contexto, mas também a testar em contextos semelhantes.

8.2 Limitações e Pesquisa Futura

Todavia, os contributos deste projeto não eliminam as suas falhas e lacunas, que, como tal, não podemos ignorar. Por este motivo, e reconhecendo-as na sua plenitude e o modo como afetam os resultados obtidos, procedemos à sua listagem.

Em primeiro lugar, reconhecemos, como anteriormente mencionado, a potencial existência de lendas que não foi possível, através do método de amostragem intencional escolhido, recolher, pelo que, naturalmente, reconhecemos também possibilidade de que a informação em falta fosse necessária para elaborar um itinerário final ainda mais eficiente e capaz no que se refere ao alcance dos objetivos para ele definidos. Constatamos, do mesmo modo, o potencial viés presente quer no modo de obtenção da amostra que respondeu aos inquéritos por questionário (bola de neve), como no desequilíbrio das características demográficas que constituem a amostra final.

Em segundo lugar, realçamos os aspetos negativos referidos pelos inquiridos, dentre os quais se destacam:

1. A irrelevância das informações adicionais disponibilizadas;
2. A falta de informação sobre as distâncias entre os diferentes locais;
3. A insuficiência de imagens na página; o tamanho excessivo dos textos e a dificuldade de navegação entre os mesmos e entre os diferentes dias;
4. A falta de acessibilidade no percurso para idosos, pessoas com deficiências e condições motoras e aqueles que carecem de carro pessoal;
5. A extensão excessiva da duração e da distância pensadas para o itinerário;
6. A inexistência de recursos adicionais que facilitam a experiência do utilizador;
7. A carência de interatividade entre o itinerário e os turistas.

E, por fim, destacamos novamente a carência de um estudo a longo prazo sobre as consequências e potenciais alterações geradas pela adesão do público a esta oferta, extremamente necessário para compreender a relevância da implementação desta tipologia de projeto para a resolução dos problemas de sustentabilidade existentes dentro e fora da atividade turística.

Deste modo, as nossas recomendações para as pesquisas e projetos futuros são:

1. A recolha de informação a partir de um número mais amplo de fontes humanas e bibliográficas, a fim de obter um conjunto final de lendas mais alargado que, conseqüentemente, potencialize a efetividade do itinerário final, através de escolhas ainda mais propícias ao alcance dos objetivos de sustentabilidade que justificam a criação do mesmo;
2. A realização da avaliação dos projetos com recurso a amostras maiores e mais equilibradas, selecionadas através de processos de amostragem com um grau menor de proximidade dos pesquisadores relativamente às mesmas;
3. A criação e aplicação desta tipologia de oferta a outras áreas com características semelhantes à Serra da Estrela e/ou que se especule que possam beneficiar da mesma;
4. Um foco maior na compreensão das conseqüências da implementação desta tipologia de oferta a longo prazo, aumentando a duração da pesquisa e os elementos da equipa, procurando conseguir uma abordagem multidisciplinar que analise eficazmente os resultados nos diferentes setores afetados pelo projeto, não apenas através dos dados fornecidos pelas entidades oficiais locais e nacionais, mas também no terreno;
5. A utilização de meios de elaboração e divulgação do projeto com *design* e estrutura acessíveis e fáceis de navegar (nomeadamente no que se refere à fonte e às cores utilizadas, mas também à extensão da mancha de texto e às ajudas de navegação do *website*), com mais dinamismo e informação visual, bem como recursos que aumentem a imersão e a interação do turista para com a narrativa (por exemplo: ilustrações das lendas ou animações 3D com recurso a realidade aumentada, que podem ser, inclusivamente, disponibilizadas no local com recurso a códigos QR (Quick Response); ou assistentes virtuais que ajudem a guiar o utilizador e sejam capazes de fornecer informação adicional);
6. A criação de rotas alternativas ou de uma ferramenta que permita ao utilizador escolher os locais por onde pretende e não pretende passar, possibilitando a cada turista definir o número de dias e a distância exata que pretende percorrer, bem como a personalização da sua jornada narrativa;

7. O estabelecimento de parcerias com empresas de transporte turístico de modo a possibilitar a execução dos itinerários como uma excursão, facilitando o planejamento da viagem e tornando-a acessível ao público que não possui meios de transporte pessoais com os quais seja capaz de realizar o percurso;
8. O estabelecimento de parcerias com entidades locais e/ou governamentais que sejam capazes de divulgar e promover com competência os projetos elaborados, de modo que as consequências da sua implementação sejam relevantes.

A inovação é fundamental para responder às necessidades e aos problemas das sociedades contemporâneas, nomeadamente no que se refere à atividade turística que assume um papel progressivamente mais importante para a economia e cultura globais. O presente estudo representa apenas uma ínfima parte da pesquisa necessária para encontrar as soluções mais apropriadas e, como tal, esperamos que estas e outras linhas de investigação sejam exploradas num futuro próximo.

Referências

Abekah-Nkrumah, G., Assuming, P. O., Abor, P. A. & Mohammed, J. I. (2021). Financing sustainable development: new insights for the present and the future. In J.Y. Abor, C. K. D. Adjasi & R. Lensink (Eds.). *Contemporary issues in development finance* (pp. 318-350). Routledge.

Academia das Ciências de Lisboa. (s.d.). *Lenda*. Dicionário da Língua Portuguesa. Consultado em maio de 2025, de <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=lenda>

Adedoyin, F. F., Alola, U. V. & Bekun, F. V. (2022). On the nexus between globalization, tourism, economic growth, and biocapacity: Evidence from top tourism destinations. *Environmental Science and Pollution Research*, 29(17), 24995–25005. <https://doi.org/10.1007/S11356-021-17651-8/TABLES/10>

Adeoye-Olatunde, O. A., & Olenik, N. L. (2021). Research and scholarly methods: Semi-structured interviews. *Journal of the American College of Clinical Pharmacy*, 4(10), 1358–1367. <https://doi.org/10.1002/JAC5.1441>

Aguiló, E., Rosselló, J., & Vila, M. (2017). Length of stay and daily tourist expenditure: A joint analysis. *Tourism Management Perspectives*, 21, 10–17. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2016.10.008>

Almeida, A., Machado, L. P., & Xu, C. (2021). Factors explaining length of stay: Lessons to be learnt from Madeira Island. *Annals of Tourism Research Empirical Insights*, 2(1), 100014. <https://doi.org/10.1016/j.annale.2021.100014>

Associação Geopark Estrela. (s.d.). *Localização*. Estrela Geopark. Consultado em dezembro de 2024, de <https://www.geoparkestrela.pt/geopark/localizacao>

Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária & Associação Portuguesa de Sono. (2020). *Não dê boleia ao sono*. <http://www.ansr.pt/SegurancaRodoviaria/Informacao/Documents/Folhetos/N%C3%83O%20D%C3%8A%20BOLEIA%20AO%20SONO%20-%20BROCHURA%20-%20ANSR-APS.pdf>

Azevedo, P. A. L. (2021). *A emergência do geoturismo enquanto estratégia de valorização turística no Estrela Geopark Mundial da UNESCO* [Dissertação de Mestrado]. Departamento de Geografia e Turismo da Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

Barbosa, G. S., Drach, P. R., & Corbella, O. D. (2014). A conceptual review of the terms sustainable development and sustainability. *International Journal of Social Sciences*, 3(2), 2014. https://www.iises.net/download/Soubory/soubory-puvodni/pp-01-15_ijossV3N2.pdf

Batista, J. D. L. (1994). *Toponímia do concelho de Manteigas* (Câmara Municipal de Manteigas & Parque Natural da Serra da Estrela, Eds.).

Bigotte, J. Q. (1992). *Monografia da cidade e concelho de Seia: História e Etnografia* (3ª ed.).

Bosak, K. (2016). Tourism, development, and sustainability. In S. F. McCool & K. Bosak (Eds.). (2016). *Reframing sustainable tourism* (pp. 33-44). Springer.

Bryman, A. (2012). *Social research methods* (4ª ed.). Oxford University Press.

Budok. (s.d.). *José Rabaça Gaspar*. Consultado em maio de 2025, de <https://www.bubok.pt/autores/joraga>

Butler R.W. (2001). Seasonality in tourism: Issues and implications. In T. Baum & S. Lundtorp (Eds.). *Seasonality in tourism* (pp. 5-21). Elsevier Science.

Büyüközkan, G., & Karabulut, Y. (2018). Sustainability performance evaluation: Literature review and future directions. *Journal of Environmental Management*, 217, 253–267. <https://doi.org/10.1016/j.jenvman.2018.03.064>

Canh, N. P., & Thanh, S. D. (2020). Domestic tourism spending and economic vulnerability. *Annals of Tourism Research*, 85. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2020.103063>

Cardoso, J. P. (1997). *Memórias de Corgas (Seia)*. Grabifeira.

Chasin, F. (2014). Sustainability: Are we all talking about the same thing? State-of-the-art and proposals for an integrative definition of sustainability in information systems. *Proceedings of the 2014 Conference ICT for Sustainability*, 342–351. <https://doi.org/10.2991/ict4s-14.2014.42>

- Cheshmehzangi, A. (2016). City enhancement beyond the notion of “sustainable city”: introduction to integrated assessment for city enhancement (iACE) toolkit. *Energy Procedia*, 104, 153–158. <https://doi.org/10.1016/j.egypro.2016.12.027>
- Chiu, H. C., Hsieh, Y. C., & Kuo, Y. C. (2012). How to align your brand stories with your products. *Journal of Retailing*, 88(2), 262–275. <https://doi.org/10.1016/j.jretai.2012.02.001>
- Cisneros-Martínez, J. D., & Fernández-Morales, A. (2015). Cultural tourism as tourist segment for reducing seasonality in a coastal area: The case study of andalusia. *Current Issues in Tourism*, 18(8), 765–784. <https://doi.org/10.1080/13683500.2013.861810>
- Coelho, A. (1993). *Obra etnográfica (I): Festas, costumes e outros materiais para uma etnologia de Portugal*. Etnográfica Press.
- Costa, C. A. F. (2015). *Turismo na serra da estrela - impactos, transformações recentes e caminhos para o futuro*. [Tese de Doutoramento]. Departamento de Geografia e Turismo da Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- Costa, C., & Santos, N. (2018). A paisagem enquanto produto turístico e património natural e cultural. O caso da serra da estrela. *Cadernos de Geografia*, 38, 23–41. https://doi.org/10.14195/0871-1623_38_4
- Da Rosa, N. L. (2017). *Manteigas no outro lado do tempo: Décadas de 1950 e de 1960* (R. Costa, Ed.). Chiado Editora.
- De Abreu, A. (1905). *Serra da Estrela - Guia do touriste*. Livraria Ferreira & Oliveira.
- Decreto-Lei nº 176/2012, de 2 de agosto. *Diário da República*, 1ª série- nº 149. Ministério da Educação e Ciência.
- Decreto-Lei nº 112/2024, de 19 de dezembro. *Diário da República*, 1ª série- nº 246. Presidência do Conselho de Ministros.
- Destek, M. A., & Aydın, S. (2022). An empirical note on tourism and sustainable development nexus. *Environmental Science and Pollution Research*, 29, 34515–34527. <https://doi.org/10.1007/S11356-021-18371-9/TABLES/7>
- Dias, A. (1946). *Vista Bela: Ensaio monográfico das terras de Seia - Freguesia da Teixeira*. Tipográfica das Boiras.

- Dijk, M. (2015). From government to multi-stakeholder governance for sustainable mobility. In F. Mancebo & I. Sachs (Eds.), *Transitions to sustainability* (131-140). Springer.
- Ditlev-Simonsen, C. D. (2022). *A guide to sustainable corporate responsibility: From theory to action*. Palgrave Macmillan.
- Dos Anjos, J. M. T. (2010). Capela de Nossa Senhora da Estrela. Consultado em maio de 2025, de <https://sao-romao.blogspot.com/2010/04/capela-de-nossa-senhora-da-estrela.html?m=1>
- Do Zêzere, H. (2006). *Manteigas: Uma terra da serra enovelada de lendas*. E-libro.
- Dragičević, D. (2024). *A bibliometric examination of domestic tourism literature: Unveiling research patterns and trends*. 139–149. <https://doi.org/10.20867/thi.27.23>
- Dwyer, L. (2015). Globalization of tourism: Drivers and outcomes. *Tourism Recreation Research*, 40(3), 326–339. <https://doi.org/10.1080/02508281.2015.1075723>
- Echendu, A. J. (2021). Critical appraisal of an example of best practice in urban sustainability. *Central European Journal of Geography and Sustainable Development*, 3(2), 26–41. <https://doi.org/10.47246/cejgsd.2021.3.2.3>
- Elhami, A., & Khoshnevisan, B. (2022). Conducting an interview in qualitative research: The modus operandi. *Mextesol Journal*, 46(1), 2022. <https://doi.org/10.61871/mj.v46n1-3>
- Elkington, J. (1997). *Cannibals with forks: The triple bottom line of 21st century business*. Capstone.
- Farley, H. M., & Smith, Z. A. (2020). *Sustainability: If it's everything, is it nothing?* (2^a ed.). Routledge.
- Fennell, D. A., & Cooper, C. (2020). *Sustainable tourism: Principles, contexts and practices*. Channel View Publications.
- Ferreira, L. F. M. (1883). Secção de ethnographia. In Sociedade de Geografia de Lisboa, *Expedição Científica à Serra da Estrela em 1881*. Imprensa Nacional.
- Filho, W. L. (2019). Sustainability in university campuses: The way forward. In W. L. Filho & U. Bardi (Eds), *Sustainability on university campuses: Learning, skills building and best practices* (577-580). Springer.

Folclore de Portugal (s.d.a). *A lenda de Fátima, filha do rei mouro de Manteigas*. Consultado em maio de 2025, de <https://folclore.pt/a-lenda-de-fatima/#gsc.tab=0>

Folclore de Portugal (s.d.b). *Lenda de Nossa Senhora do Espinheiro – Seia*. Consultado em maio de 2025, de <https://folclore.pt/lenda-de-nossa-senhora-do-espinheiro/#gsc.tab=0>

Gabinete de Estratégia e Estudos. (s.d.a). *Estatísticas regionais - concelho: Belmonte*. <https://www.gee.gov.pt/pt/publicacoes/estatisticas-tematicas/estatisticas-regionais>

Gabinete de Estratégia e Estudos. (s.d.b). *Estatísticas regionais - concelho: Celorico da Beira*. <https://www.gee.gov.pt/pt/publicacoes/estatisticas-tematicas/estatisticas-regionais>

Gabinete de Estratégia e Estudos. (s.d.c). *Estatísticas regionais - concelho: Covilhã*. <https://www.gee.gov.pt/pt/publicacoes/estatisticas-tematicas/estatisticas-regionais>

Gabinete de Estratégia e Estudos. (s.d.d). *Estatísticas regionais - concelho: Fornos de Algodres*. <https://www.gee.gov.pt/pt/publicacoes/estatisticas-tematicas/estatisticas-regionais>

Gabinete de Estratégia e Estudos. (s.d.e). *Estatísticas regionais - concelho: Guarda*. <https://www.gee.gov.pt/pt/publicacoes/estatisticas-tematicas/estatisticas-regionais>

Gabinete de Estratégia e Estudos. (s.d.f). *Estatísticas regionais - concelho: Gouveia*. <https://www.gee.gov.pt/pt/publicacoes/estatisticas-tematicas/estatisticas-regionais>

Gabinete de Estratégia e Estudos. (s.d.g). *Estatísticas regionais - concelho: Manteigas*. <https://www.gee.gov.pt/pt/publicacoes/estatisticas-tematicas/estatisticas-regionais>

Gabinete de Estratégia e Estudos. (s.d.h). *Estatísticas regionais - concelho: Oliveira do Hospital*. <https://www.gee.gov.pt/pt/publicacoes/estatisticas-tematicas/estatisticas-regionais>

Gabinete de Estratégia e Estudos. (s.d.i). *Estatísticas regionais - concelho: Seia*. <https://www.gee.gov.pt/pt/publicacoes/estatisticas-tematicas/estatisticas-regionais>

Google. (s.d.). *Maps*. Consultado em junho de 2025, de <https://www.google.com/maps>

Goswami, S., & Ha-Brookshire, J. (2015). From compliance to a growth strategy: Exploring historical transformation of corporate sustainability. *Journal of Global Responsibility*, 6(2), 246–261. <https://doi.org/10.1108/JGR-04-2015-0005>

Gonçalves, J. L. (2001). *Histórias de uma aldeia: Valezim, Serra da Estrela* (J. L. M. Gonçalves, Ed.). Hugin.

Grizane, T. (2016). Measuring tourism seasonality in regions of latvia. *Economic Science for Rural Development*, 42, 59–64. [https://lufb.ltu.lv/conference/economic science rural/2016/Latvia ESRD 42 2016-59-64.pdf](https://lufb.ltu.lv/conference/economic%20science%20rural/2016/Latvia%20ESRD%2042%2016-59-64.pdf)

Hartmann, R. (1986). Tourism, seasonality and social change. *Leisure Studies*, 5(1), 25–33. <https://doi.org/10.1080/02614368600390021>

Hereu-Morales, J., & Valderrama, C. (2022). Towards a sustainability-based society: An analysis of fundamental values from the perspective of economics and philosophy. *Sustainability*, 14(14). <https://doi.org/10.3390/su14148722>

Higgins-Desbiolles, F. (2010). The elusiveness of sustainability in tourism: The culture-ideology of consumerism and its implications. *Tourism and Hospitality Research*, 10(2), 116–129. <https://doi.org/10.1057/thr.2009.31>

Higgins-Desbiolles, F. (2018). Sustainable tourism: Sustaining tourism or something more? *Tourism Management Perspectives*, 25, 157–160. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2017.11.017>

Higgins-Desbiolles, F., Carnicelli, S., Krolkowski, C., Wijesinghe, G., & Boluk, K. (2019). Degrowing tourism: Rethinking tourism. *Journal of Sustainable Tourism*, 27(12), 1926–1944. <https://doi.org/10.1080/09669582.2019.1601732>

Hong, Y. (2009). A dynamic constructivist approach to culture: Moving from describing culture to explaining culture. In R. S. Wyer, C. Chiu, & Y. Hong (Eds.), *Understanding culture: Theory, research, and application* (pp. 3-23). Psychology Press.

Instituto Nacional de Estatística. (2014a). *Índice de envelhecimento (n.º) por local de residência (NUTS - 2002); anual*. Consultado em dezembro de 2024, de [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine indicadores&indOcorrCod=0000603&contexto=bd&selTab=tab2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0000603&contexto=bd&selTab=tab2)

Instituto Nacional de Estatística. (2014b). *População residente (n.º) por local de residência (NUTS - 2002), sexo e grupo etário (por ciclos de vida); anual*. Consultado em dezembro de 2024, de https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0000611&contexto=bd&selTab=tab2

Instituto Nacional de Estatística. (2024a). *Estatísticas do Turismo 2023*. https://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=675610086&att_display=n&att_download=y

Instituto Nacional de Estatística. (2024b). *Proporção de hóspedes não residentes (%) por localização geográfica (NUTS - 2024); anual*. Consultado em dezembro de 2024, de https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0013209&contexto=bd&selTab=tab2

Instituto Nacional de Estatística. (2025a). *Atividade dos transportes - Estatísticas rápidas do transporte aéreo (abril 2025)*. Instituto Nacional de Estatística. (2025). *Atividade dos Transportes - Estatísticas Rápidas do Transporte Aéreo (Abril 2025)*. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaquas&DESTAQUESdestboui=707075275&DESTAQUESmodo=2

Instituto Nacional de Estatística. (2025b). *Proporção de Hóspedes Não Residentes (%) por Localização Geográfica (NUTS - 2024); Anual*. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0013209&contexto=bd&selTab=tab2

Katsikari, C., Hatzithomas, L., Fotiadis, T., & Folinas, D. (2020). Push and pull travel motivation: Segmentation of the greek market for social media marketing in tourism. *Sustainability (Switzerland)*, 12(11), 4770. <https://doi.org/10.3390/su12114770>

Kemper, J. A., Hall, M. C., & Ballantine, P. W. (2019). Marketing and sustainability: Business as usual or changing worldviews? *Sustainability*, 11(3), 780. <https://doi.org/https://doi.org/10.3390/su11030780>

Kim, J.-H., & Youn, H. (2017). How to design and deliver stories about tourism destinations. *Journal of Travel Research*, 56(6), 808–820. <https://doi.org/10.1177/0047287516666720>

Lageosa do Mondego (s.d). *Ponte do ladrão* [Publicação do Facebook]. Facebook. Consultado em maio de 2025, de

<https://www.facebook.com/lageosamondego/posts/ponte-do-ladr%C3%A3oreza-a-lendano-seu-termo-a-meio-caminho-de-a%C3%A7ores-est%C3%A1-a-pontedo/1275794332452450/>

Leng, H. K. (2025). Greenwashing with green: Product packaging color and perception of environmental sustainability. *Business and Society Review*, 1(15), 1–14. <https://doi.org/10.1111/basr.70014>

Marques, G. (2003). *A lenda da Guarda* (Núcleo de Animação Cultural da Câmara Municipal da Guarda, Ed.). Tondelgráfica.

Marques, G. (2006a). *Lendas de Portugal: Lendas de mouras e mouros parte I*. Beta - Projectos Editoriais.

Marques, G. (2006b). *Lendas de Portugal: Lendas de mouras e mouros parte II*. Beta - Projectos Editoriais.

Marques, G. (2006c). *Lendas de Portugal: Lendas heróicas parte I*. Beta - Projectos Editoriais.

Marques, G. (2006d). *Lendas de Portugal: Lendas heróicas parte II*. Beta - Projectos Editoriais.

Marques, G. (2006e). *Lendas de Portugal: Lendas religiosas parte I*. Beta - Projectos Editoriais.

Martin, J. M. M., Aguilera, J. D. D. J., & Moreno, V. M. (2014). Impacts of seasonality on environmental sustainability in the tourism sector based on destination type: An application to spain's andalusia region. *Tourism Economics*, 20(1), 123–142. <https://doi.org/10.5367/te.2013.0256>

MacDonald, L. W. (1999). Using color effectively in computer graphics. *IEEE Computer Graphics and Applications*, 19(4), 20–35. <https://doi.org/10.1109/38.773961>

Mika, M. (2015). Sustainable tourism: A critique of the academic feasibility of the concept. *Tourism*, 25(1), 9–17. <https://doi.org/10.2478/tour-2014-0015>

Moscardo, G., & Murphy, L. (2014). There is no such thing as sustainable tourism: Re-conceptualizing tourism as a tool for sustainability. *Sustainability*, 6(5), 2538–2561. <https://doi.org/10.3390/su6052538>

Mota, A. M. M. (2022). *O turismo de saúde e bem-estar na economia e desenvolvimento regionais: Uma análise ao território do Estrela Geopark Mundial da UNESCO* [Dissertação de Mestrado]. Departamento de Geografia e Turismo da Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

Município de Celorico da Beira. (s.d.). *Lenda a lenda*. Consultado em maio de 2025, de https://www.cm-celoricodabeira.pt/lenda_a_lenda/

Murray, I., Fletcher, R., Blázquez-Salom, M., Blanco-Romero, A., Cañada, E., & Sekulova, F. (2023). Tourism and degrowth. *Tourism Geographies*, 1–11. <https://doi.org/10.1080/14616688.2023.2293956>

Navarro, E. (1884). *Quatro dias na Serra da Estrela* (E. da C. Santos, Ed.). Livraria Civilização.

Nepal, S. K. (2000). Tourism in protected areas: The Nepalese Himalaya. *Annals of Tourism Research*, 27(3), 661–681. [https://doi.org/https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(99\)00105-X](https://doi.org/https://doi.org/10.1016/S0160-7383(99)00105-X)

Oliveira, E., & Manso, J. R. P. (2010). Turismo sustentável: Utopia ou realidade? *Tékhnē - Revista de Estudos Politécnicos*, 14(14), 235–253. <https://bdigital.ipg.pt/dspace/handle/10314/2635>

ONU. (s.d.). *Goal 16*. Consultado em dezembro de 2024, de https://sdgs.un.org/goals/goal16#targets_and_indicators

ONU. (2024). *Progress Towards the Sustainable Development Goals*. <https://sdgs.un.org/goals>

Ou, L. (2015). Color emotion and color harmony. In A. J. Elliot, M. D. Fairchild & A. Franklin (Eds.). (2015). *Handbook of color psychology* (pp. 401-418). Cambridge UP.

Owens, S. (2003). Is there a meaningful definition of sustainability? *Plant Genetic Resources*, 1(1), 5–9. <https://doi.org/10.1079/pgr20034>

Pavlović, S., Đurđić, S., Radin, M. B., Filipović, D., & Todorović, N. (2022). Seasonality and sustainability of tourism – case study: Protected mountain areas in Serbia. *Dela*, 2022(57), 137–153. <https://doi.org/10.4312/DELA.57.137-153>

Perret, J. K., Velázquez, A. G., & Mehn, A. (2025). Green cosmetics—The effects of package design on consumers' willingness-to-pay and sustainability perceptions. *Sustainability*, 17(6), 2581. <https://doi.org/https://doi.org/10.3390/su17062581>

Ratner, B. D. (2004). "Sustainability" as a dialogue of values: Challenges to the sociology of development. *Sociological Inquiry*, 74(1), 50–69. <https://doi.org/10.1111/j.1475-682X.2004.00079.x>

Rebello, M. V., & Rebello, J. (2008). A penha. In Comissão Fabriqueira da Igreja de Prados (Ed.), *As igrejas de Prados*. Indugráfica.

Richardson, J. T. E. (2022). *The legibility of serif and sans serif typefaces: Reading from paper and reading from screens*. Springer. <https://link.springer.com/bookseries/8914>

Rodrigues, J. (2016). *As origens, os vestígios romanos, a lenda*. Consultado em maio de 2025, de <https://memoriasdacovilha.blogs.sapo.pt/29o-transcricao-de-covilha-8494>

Rudež, H. N., & Vodeb, K. (2010). Perceived tourism impacts in municipalities with different tourism concentration. *Tourism: An International Interdisciplinary Journal*, 58(2), 161–172. https://www.academia.edu/73705150/Perceived_tourism_impacts_in_municipalities_with_different_tourism_concentration

Salas-Zapata, W. A., & Ortiz-Muñoz, S. M. (2019). Analysis of meanings of the concept of sustainability. *Sustainable Development*, 27(1), 153–161. <https://doi.org/10.1002/sd.1885>

Santos, A. (2007). *Vila Verde: Terra de samarreiros - Peles, curtumes, gentes e costumes*. Porta Estrela.

Santos, F. A. S. (2017). *Ecoturismo - desenvolvimento turístico e sustentabilidade social no Parque Natural Serra da Estrela (concelho de Seia - estudo de caso)* [Tese de Doutoramento]. Departamento de Geografia e Turismo da Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

Santos, G. E. O., Ramos, V., & Rey-Maqueira, J. (2015). Length of stay at multiple destinations of tourism trips in Brazil. *Journal of Travel Research*, 54(6), 788–800. <https://doi.org/10.1177/0047287514532370>

Scoones, I., Stirling, A., Abrol, D., Atela, J., Charli-Joseph, L., Eakin, H., Ely, A., Olsson, P., Pereira, L., Priya, R., van Zwanenberg, P., & Yang, L. (2020). Transformations to sustainability: Combining structural, systemic and enabling approaches. *Current Opinion in Environmental Sustainability*, 42, 65–75. <https://doi.org/10.1016/j.cosust.2019.12.004>

- Singh, N., & Srivastava, S. K. (2011). Impact of Colors on The Psychology of Marketing-A Comprehensive Over View. *Management and Labour Studies*, 36(2), 199–209. <https://doi.org/10.1177/0258042X1103600206>
- Stoykov, D. (2024). Impact of the colour perception of graphic design on promoting tourist destinations of Southeast Europe. *Journal of Graphic Engineering and Design*, 15(3), 21–29. <https://doi.org/10.24867/JGED-2024-3-021>
- Stuckey, H. L. (2014). The first step in data analysis: Transcribing and managing qualitative research data. *Journal of Social Health and Diabetes*, 2(1), 006–008. <https://doi.org/10.4103/2321-0656.120254>
- Sutcliffe, A., & Hart, J. (2016). Analyzing the role of interactivity in user experience. *International Journal of Human–Computer Interaction*, 33(3), 229–240. <https://doi.org/10.1080/10447318.2016.1239797>
- Taherdoost, H. (2016). Sampling methods in research methodology; how to choose a sampling technique for research. *International Journal of Academic Research in Management (IJARM)*, 5(2), 18–27. <https://doi.org/10.2139/SSRN.3205035>
- Throsby, D. (2017). Culturally sustainable development: Theoretical concept or practical policy instrument? *International Journal of Cultural Policy*, 23(2), 133–147. <https://doi.org/10.1080/10286632.2017.1280788>
- Thullah, A., & Jalloh, S. A. (2021). A review of the economic, social and environmental impacts of tourism development. *American Journal of Theoretical and Applied Business*, 7(2), 39–46. <https://doi.org/10.11648/j.ajtab.20210702.12>
- Tøllefsen, T. O. (2021). Sustainability as a “magic concept.” *Cuadernos Europeos de Deusto*, 64, 29–52. <https://doi.org/10.18543/CED-64-2021PP29-52>
- Turismo de Portugal. (2024a). *Turismo no Centro 2023*. <https://travelbi.turismodeportugal.pt/turismo-em-portugal/turismo-em-portugal-2023>
- Turismo de Portugal. (2024b). *Turismo em Portugal 2023*. <https://travelbi.turismodeportugal.pt/turismo-em-portugal/turismo-em-portugal-2023>
- Turismo de Portugal. (s.d.a). *Análise Regional*. Consultado em dezembro de 2025, de https://travelbi.turismodeportugal.pt/turismo-portugal/analise-regional/?returnUrl=https%3A%2F%2Ftravelbi.turismodeportugal.pt%2Fpesquisa%3Ft%3D1155%26type%3DIndicadores%26term%3D*

Turismo de Portugal. (s.d.b). *Turismo em Números 2024*.

UN Tourism. (s.d). *Sustainable Development*. UNWTO. Consultado em dezembro de 2024, de <https://www.unwto.org/sustainable-development>

UN Tourism. (2018). *Tourism and Cultural Synergies*. <https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284418978>

UNESCO. (2024). *UNESCO Global Geoparks*. Consultado em dezembro de 2024, de <https://www.unesco.org/en/igpp/geoparks/about>

Varga, S., & Guignon, C. (2014). Authenticity. In E. N. Zalta, U. Nodelman, & C. Allen (Eds.), *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Stanford University Press. <https://www.academia.edu/6275828/Authenticity>

Veal, A. J. (2018). *Research methods for leisure and tourism* (5^a ed.). Pearson.

Vieira, G. B. G. T. (2004). *Geomorfologia dos planaltos e altos vales da Serra da Estrela: ambientes frios do plistocénico superior e dinâmica atual* [Tese de Doutoramento]. Departamento de Geografia da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

Vieira, I. C. (2013). A Serra da Estrela e a origem do movimento sanatorial português (1881-1907). *Cultura, Espaço & Memória*, 4. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/CITCEM/article/view/4810>

Vieira, G., & Nieuwendam, A. (2020). Glacial and periglacial landscapes of the Serra da Estrela. In G. Vieira, J. L. Zêzere, & C. Mora (Eds.), *Landscapes and landforms of Portugal* (pp. 185–198). Springer.

Vogt, M., & Weber, C. (2019). Current challenges to the concept of sustainability. *Global Sustainability*, vol. 2. <https://doi.org/10.1017/sus.2019.1>

Waddock, S. (2020). Achieving sustainability requires systemic business transformation. *Global Sustainability*, 3(e12). <https://doi.org/10.1017/sus.2020.9>

Washington, H. (2015). *Demystifying sustainability: Towards real solutions*. Routledge.

Withisuphakorn, P., Batra, I., Parameswar, N., & Dhir, S. (2019). Sustainable development in practice: Case study of l'oréal. *Journal of Business and Retail Management Research*, 13 (Special Issue), 35–47. <https://doi.org/https://doi.org/10.24052/JBRMR/V13ISSP/ART-4>

World Commission on Environment and Development. (1987). *Report of the World Commission on Environment and Development: Our common future*. <https://digitallibrary.un.org/record/139811?v=pdf>

World Travel and Tourism Council. (s.d.). *Travel & Tourism Economic Impact Research (EIR)*. Consultado em abril de 2026, de <https://wttc.org/research/economic-impact>

Zanzi, A., Vaglia, V., Spigarolo, R., & Bocchi, S. (2021). Assessing agri-food start-ups sustainability in peri-urban agriculture context. *Land*, 10(4), 384. <https://doi.org/10.3390/land10040384>

Zhang, J., Yu, Z., Miao, C., Li, Y., & Qiao, S. (2022). Cultural tourism weakens seasonality: Empirical analysis of chinese tourism cities. *Land*, 11(2). <https://doi.org/10.3390/LAND11020308>

Zvaigzne, A., Litavniece, L. & Dembovska, I. (2022). Tourism seasonality: The causes and effects. *Worldwide Hospitality and Tourism Themes*, 14(5), 421–430. <https://doi.org/10.1108/WHATT-07-2022-0080>

Anexos

Anexo 1 – PARECER DA COMISSÃO DE ÉTICA DO IGOT (ENTREVISTAS)

PARECER DA COMISSÃO DE ÉTICA DO
INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

PARECER 20/2024

A Comissão de Ética do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (IGOT-ULisboa), certifica, a pedido da investigadora Ana Marta Figueiredo de Castro que o projeto de investigação intitulado “Redescobrir a Serra da Estrela: Um itinerário sustentável contado através de lendas” no âmbito do mestrado em Turismo e Comunicação, que tem por objetivo identificar as lendas e os mitos existentes relativamente à Serra da Estrela e elaborar um itinerário de turismo histórico-cultural para esta região através da aplicação de entrevistas semi-estruturadas, orientado por Inês Portugal e Carla Mora, foi objeto de apreciação por esta Comissão. Tendo em consideração os compromissos assumidos pela investigadora, o conteúdo da informação relativa às condições de recolha, acesso, tratamento e armazenamento da informação que nos foi comunicado, e após análise supletiva dos instrumentos de pesquisa fornecidos, concluímos que as questões éticas envolvidas no projeto estão em conformidade com os princípios que regem a investigação desenvolvida no IGOT/CEG, da Universidade de Lisboa.

Adicionalmente, a metodologia de inquirição, bem como o armazenamento, processamento e acesso à informação recolhida, estão conformes com as normas éticas aplicáveis, garantindo a proteção do anonimato e a integridade dos dados dos participantes. Não foram identificadas questões de ordem ética que possam comprometer a identidade, os valores ou a liberdade dos participantes.

A realização deste estudo é justificada pelo seu interesse científico, o que está em alinhamento com os objetivos de formação e investigação desenvolvidos no âmbito do IGOT e do CEG da Universidade de Lisboa. A dimensão ética da investigação, especialmente no que concerne à utilização dos dados recolhidos, está assegurada pelo compromisso do IGOT/CEG com o respeito ao Código de Conduta e Melhores Práticas da Universidade de Lisboa, às normas estabelecidas pela Comissão Nacional de Proteção de Dados (CNPd), e às disposições do Regulamento Geral de Proteção de Dados da União Europeia (Regulamento UE 2016/679 - GDPR).

Lisboa, 30 de Dezembro de 2024



Jorge Malheiros Paula Matos

Comissão de Ética do Instituto de Geografia e Ordenamento
do Território da Universidade de Lisboa

Anexo 2 – GUIÃO DAS ENTREVISTAS

GUIÃO DAS ENTREVISTAS

PREPARAÇÃO

1. Introdução Pessoal

- a. Nome
 - i. Ana Marta Figueiredo de Castro
- b. Instituição
 - i. Instituto de Geografia e Ordenamento do Território
- 2. Explicação da Motivação da Entrevista
 - a. Mestrado
 - i. Turismo e Comunicação
 - b. Trabalho de Projeto
 - i. Tema
 - 1. Fruição turística do património cultural referente às lendas da região da Serra da Estrela de modo sustentável.
 - ii. Objetivos Gerais
 - 1. Identificar quais as lendas/os mitos existentes relativamente à região da Serra da Estrela;
 - 2. Elaborar um itinerário de turismo histórico-cultural para a região da Serra da Estrela que:
 - a. utilize as lendas anteriormente identificadas como fio condutor do percurso sugerido, de modo a auxiliar na preservação desse património;
 - b. auxilie na mitigação da afluência turística no espaço (descongestionando a área do planalto da Torre e fomentando a afluência em outras áreas da serra), de modo a fomentar uma distribuição mais equitativa dos benefícios económicos do turismo por toda a região, bem como diminuir o desgaste ambiental na área do planalto da Torre;
 - c. estimule a dispersão da afluência turística no tempo (desconcentrando a afluência das estações mais propícias à queda de neve, em especial o inverno, e dispersando-a para o resto do ano), de modo a colmatar a disparidade dos benefícios económicos do turismo obtidos na região ao longo do ano;
 - 3. Identificar a viabilidade do itinerário no que se refere ao interesse do público nacional relativamente a executá-lo enquanto turista.
 - iii. Objetivos da Entrevista
 - 1. Identificar e descrever as lendas existentes relativamente à região da Serra da Estrela, de modo a viabilizar a construção do itinerário.
- 3. Explicação do Funcionamento da Entrevista
 - a. Tipo de Questões
 - i. Identificação
 - 1. Garantir a autenticidade e a fiabilidade dos dados obtidos.
 - ii. Tema de Pesquisa
 - 1. Nomear as lendas existentes;
 - 2. Localizar geograficamente as lendas existentes;
 - 3. Localizar temporalmente as lendas existentes;
 - 4. Descrever as lendas existentes;
 - 5. Identificar a origem/modo de obtenção das lendas existentes por parte dos participantes.
 - b. Duração da Entrevista
 - i. 1 Sessão
 - ii. Aproximadamente 60 minutos.

- c. Modo de Registo
 - i. Gravação
 - 1. Ficheiros de Áudio;
 - 2. Gravação realizada com recurso a telemóveis.
 - ii. Transcrição
 - 1. Através da gravação;
 - 2. Realizada pela entrevistadora (Ana Marta de Castro).
- 4. Garantia de Anonimato
 - a. Tratamento de Dados
 - i. Responsável
 - 1. Ana Marta Figueiredo de Castro
 - ii. Acesso
 - 1. Inês Boavida-Portugal
 - 2. Carla Andreia Silva Mora
 - 3. Ana Marta Figueiredo de Castro
 - iii. Anonimização dos Dados
 - 1. Período de Retenção
 - a. 2 Anos
 - iv. Consentimento
 - 1. Informado
 - 2. Livre
 - 3. Pode ser retirado a qualquer momento.
 - a. Não afeta a legalidade dos procedimentos anteriores à retirada de consentimento.

QUESTÕES

1. Identificação
 - Identifique-se relativamente ao seu género e idade, por favor.
 - Qual é o concelho de onde é natural?
 - E qual o seu concelho de residência?
 - NÃO LOCAIS: Há quanto tempo reside em [NOME DO RESPETIVO CONCELHO]?
2. Tema do Estudo
 - Quebra de Gelo
 - Conhece algum itinerário ou rota relativo à Serra da Estrela?
 - Conhece algum outro projeto turístico que utilize as lendas como base?
 - O que acha da ideia de criar um itinerário para a Serra da Estrela baseado em lendas?
 - Lendas e/ou Mitos
 - Sabe dizer-me se existem lendas relativamente à Serra da Estrela?
 - SE SIM: Como é que conhece essas lendas?
 - LOCAIS: Pode contar-me alguma lenda relativa ao [NOME DO CONCELHO DE NATURALIDADE]?
 - Informação a Recolher
 - Nome da Lenda
 - Localização Geográfica da Lenda
 - Localização Temporal da Lenda
 - Descrição da Lenda
 - Relação da Lenda com a Realidade Local
 - LOCAIS (SE DIVERGIR DO CONCELHO DE NATURALIDADE) + NÃO LOCAIS (SEMPRE): E sobre [NOME DO CONCELHO DE RESIDÊNCIA], existe alguma lenda que possa partilhar?
 - Informação a Recolher
 - Nome da Lenda

- Localização Geográfica da Lenda
- Localização Temporal da Lenda
- Descrição da Lenda
- Relação da Lenda com a Realidade Local
- Finalmente, existe alguma outra lenda relativa a algum outro local da Serra da Estrela que conheça e consiga partilhar?
 - Informação a Recolher
 - Nome da Lenda
 - Localização Geográfica da Lenda
 - Localização Temporal da Lenda
 - Descrição da Lenda
 - Relação da Lenda com a Realidade Local
 - Existe alguma informação relevante para o tema de que se tenha esquecido anteriormente e que queira acrescentar?
 - SE SIM:
 - O que deseja acrescentar?
 - Esta informação é relativa a que lenda?
 - SE NÃO:
 - Não havendo mais a informação relevante a partilhar, dou por terminada a entrevista. Mais uma vez, agradeço a sua participação, que é fundamental para este projeto.
 - Em caso de dúvidas sobre o projeto, sobre o tratamento de dados ou retirada de consentimento, pode sempre entrar em contacto comigo, que eu responderei em tempo útil.

Anexo 3 – DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO



CONSENTIMENTO INFORMADO

Este estudo enquadra-se no trabalho projeto final de mestrado *Redescobrir a Serra da Estrela: Um Itinerário Sustentável Contado Através de Lendas*, que decorre no IGOT - Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa ao âmbito do mestrado em Turismo e Comunicação. Este projeto tem como objetivos:

1. Identificar quais as lendas/os mitos existentes relativamente à região da Serra da Estrela de modo a possibilitar a elaboração do itinerário;
2. Elaborar um itinerário de turismo histórico-cultural para a região da Serra da Estrela que:
 - 2.1 utilize as lendas identificadas como fio condutor do percurso sugerido para a auxiliar na preservação desse património;
 - 2.2 auxilie na atenuação da afluência turística no espaço:
 - 2.2.1 descongestionando a área do planalto da Torre e estimulando a afluência em outras áreas da serra, de modo a promover uma distribuição mais equitativa dos benefícios socioeconómicos do turismo por toda a região, bem como diminuir o desgaste ambiental na área do planalto da Torre;
 - 2.2.2 incentivando estadas de maior duração na região, de modo a permitir aos turistas explorar uma área maior e aumentar o lucro gerado pela atividade turística;
 - 2.3 estimule a dispersão da afluência turística no tempo, desconcentrando a afluência das estações mais propícias à queda de neve, em especial o inverno, e dispersando-a para o resto do ano), de modo a atenuar a disparidade dos benefícios socioeconómicos do turismo obtidos na região ao longo do ano quer através da redirecionamento dos consumidores atuais, quer através da atração de novos consumidores.
3. Identificar a viabilidade do itinerário no que se refere ao interesse dos consumidores domésticos, cujos hábitos turísticos se prendem alterar, relativamente a executá-lo enquanto turista.

O IGOT será responsável pelo tratamento dos dados pessoais recolhidos, que serão tratados e utilizados exclusivamente para fins científicos em resposta aos objetivos deste estudo, de acordo com o seu consentimento, e sujeitos ao Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (RGPD) art. 6º, nº1, alínea a).

O estudo é realizado por uma equipa coordenada por Inês Boavida-Portugal e Carla Andreia Silva Mora (professoras orientadoras do projeto) e será conduzido pela mestrande Ana Marta Figueiredo de Castro (ana-castro@edu.ulisboa.pt - +351 910 290 625), que poderá contactar caso tenha dúvidas, perguntas ou comentários sobre o estudo ou sobre os seus direitos relativamente ao tratamento dos dados pessoais. Poderá utilizar este contacto para exercer o seu direito de acesso, retificação, apagamento, e limitação do tratamento dos seus dados pessoais.

A sua participação neste estudo é confidencial e os seus dados pessoais serão apenas tratados pelos membros da equipa do projeto, que têm como dever manter o sigilo e confidencialidade. A equipa responsável por este estudo, e o IGOT enquanto instituição responsável, garantem a utilização de medidas técnicas, de organização e de segurança adequadas à proteção dos dados. O IGOT, enquanto instituição responsável, exige a todos os investigadores do estudo a confidencialidade dos dados.

A sua participação neste estudo é inteiramente voluntária, podendo escolher se quer ou não participar. Da mesma forma, poderá a qualquer momento exercer o seu direito de desistência e retirar o seu consentimento para o tratamento dos dados pessoais sem qualquer justificação. Caso retire o seu consentimento, isso não afetará a legalidade dos tratamentos anteriormente feitos com base no consentimento concedido.

Os dados serão conservados durante dois anos, findados os quais serão anonimizados. Nos resultados deste estudo será garantido o seu anonimato e os resultados serão utilizados exclusivamente para fins estatísticos, de ensino, ou para comunicação em publicações ou conferências científicas.

A sua participação neste estudo tem um grande valor já que permitirá avançar o nosso conhecimento científico relativamente à fruição turística do património cultural referente às lendas da região da Serra da Estrela de modo sustentável. A sua participação consiste em ser entrevistado relativamente ao seu conhecimento do tema em análise, durante uma única sessão com a duração de, aproximadamente, 60 minutos. A participação neste estudo não tem associado nenhum risco ou desconforto previsível esperados durante e após a participação, nem a dá direito a compensação.



Relembramos os dados de contacto do responsável pelos seus dados pessoais, caso tenha dúvidas, perguntas, comentários: Inês Boavida Portugal (iboavida-portugal@edu.ulisboa.pt), Carla Andreia Silva Mora (carlamora@edu.ulisboa.pt) e Ana Marta Figueiredo de Castro (ana-castro@edu.ulisboa.pt).

Confirmo que entendi e compreendi o conteúdo do que me foi explicado, e que me foi dada oportunidade de colocar dúvidas ou questões sobre o estudo e a minha participação, e que estas foram esclarecidas na totalidade. Compreendo que posso desistir e cancelar a minha participação a qualquer momento, sem necessidade de qualquer justificação. Desta forma, aceito participar no estudo e consinto que os meus dados pessoais sejam utilizados nos termos que me foram descritos.

Sim

Não

Tomei conhecimento de que os seus dados serão guardados pelo período de tempo fixado, em lei, regulamento ou o estritamente necessário às finalidades para que foram recolhidos.

Tomei conhecimento de que, nos termos da legislação aplicável, é garantido, a todo o tempo, o exercício dos direitos de acesso, retificação, atualização e apagamento dos seus dados pessoais (direito a ser esquecido), podendo ainda opor-se ao tratamento dos mesmos, mediante pedido escrito dirigido aos IGOT-Ulisboa, para o endereço de correio eletrónico: rgpd@igot.ulisboa.pt.

Declaro ter 16 ou mais anos de idade e prestar o presente consentimento de forma livre e voluntária.

_____ (local), _____ / ____ / ____ (data)

NOME:

ASSINATURA:

Anexo 4 – EXPLICAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO



EXPLICAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

Agradecemos a sua participação neste estudo. Tal como o/a informamos antes de aceder em participar, este estudo, *Redescobrir a Serra da Estrela: Um Itinerário Sustentável Contado Através de Lendas* visa explorar a fruição do património cultural referente às lendas da região da Serra da Estrela, tendo como objetivo promover um panorama turístico mais sustentável na região da Serra da Estrela aos níveis ambiental, socioeconómico e sociocultural, através dessa mesma fruição. Mais especificamente pretende:

1. Identificar quais as lendas/os mitos existentes relativamente à região da Serra da Estrela de modo a possibilitar a elaboração do itinerário;
2. Elaborar um itinerário de turismo histórico-cultural para a região da Serra da Estrela que:
 - 2.1 utilize as lendas identificadas como fio condutor do percurso sugerido para a auxiliar na preservação desse património;
 - 2.2 auxilie na atenuação da afluência turística no espaço:
 - 2.2.1 descongestionando a área do planalto da Torre e estimulando a afluência em outras áreas da serra, de modo a promover uma distribuição mais equitativa dos benefícios socioeconómicos do turismo por toda a região, bem como diminuir o desgaste ambiental na área do planalto da Torre;
 - 2.2.2 incentivando estadas de maior duração na região, de modo a permitir aos turistas explorar uma área maior e aumentar o lucro gerado pela atividade turística;
 - 2.3 estimule a dispersão da afluência turística no tempo, desconcentrando a afluência das estações mais propícias à queda de neve, em especial o inverno, e dispersando-a para o resto do ano), de modo a atenuar a disparidade dos benefícios socioeconómicos do turismo obtidos na região ao longo do ano quer através da redirecionamento dos consumidores atuais, quer através da atração de novos consumidores.
3. Identificar a viabilidade do itinerário no que se refere ao interesse dos consumidores domésticos, cujos hábitos turísticos se pretendem alterar, relativamente a executá-lo enquanto turista.

A sua participação neste estudo não possui nenhum risco associado.

Indicamos novamente os dados de contacto caso tenha dúvidas, perguntas, comentários, ou pretenda receber informação sobre os resultados e conclusões do estudo: Inês Boavida Portugal (iboavida-portugal@edu.ulisboa.pt), Carla Andreia Silva Mora (carlamora@edu.ulisboa.pt) e Ana Marta Figueiredo de Castro (ana-castro@edu.ulisboa.pt / +351 910 290 625).

Agradecemos mais uma vez a sua participação neste estudo.

Anexo 5 - PARECER DA COMISSÃO DE ÉTICA DO IGOT (QUESTIONÁRIO)



PARECER DA COMISSÃO DE ÉTICA DO INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

PARECER 27/2025

A Comissão de Ética do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (IGOT-ULisboa), certifica, a pedido do investigador Ana Marta Figueiredo de Castro que o projeto de investigação intitulado “Redescobrir a Serra da Estrela: Um Itinerário Sustentável Contado Através de Lendas”, que tem por objetivo identificar as lendas e os mitos existentes relativamente à Serra da Estrela e elaborar um itinerário de turismo histórico-cultural para esta região através da aplicação de inquéritos online, orientado por Inês Portugal e Carla Mora, foi objeto de apreciação por esta Comissão. Tendo em consideração os compromissos assumidos pelo investigador, o conteúdo da informação relativa às condições de recolha, acesso, tratamento e armazenamento da informação que nos foi comunicado, e após análise supletiva dos instrumentos de pesquisa fornecidos, concluímos que o trabalho está em conformidade com os princípios que regem a investigação desenvolvida no IGOT/CEG, da Universidade de Lisboa.

Adicionalmente, a informação recolhida é anónima, e sem questões de ordem ética que possam comprometer a identidade, os valores ou a liberdade dos participantes.

A realização deste estudo é justificada pelo seu interesse científico, o que está em alinhamento com os objetivos de formação e investigação desenvolvidos no âmbito do IGOT e do CEG da Universidade de Lisboa. A dimensão ética da investigação, especialmente no que concerne à utilização dos dados recolhidos, está assegurada pelo compromisso do IGOT/CEG com o respeito ao Código de Conduta e Melhores Práticas da Universidade de Lisboa, às normas estabelecidas pela Comissão Nacional de Proteção de Dados (CNPD), e às disposições do Regulamento Geral de Proteção de Dados da União Europeia (Regulamento UE 2016/679 - GDPR).

Lisboa, 6 de dezembro de 2025

Assinado com Assinatura Digital Qualificada por:
FERNANDO ANTONIO CERQUEIRA DIAS PERFEITO
BENEDITO
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território
da Universidade de Lisboa
Com poderes de representação da entidade de
acordo com o Despacho nº181/2025
Data: 04-12-2025 10:51:29

Assinado por: **Paula Sofia Antunes Matos**
Num. de Identificação: 11286411
Data: 2025.12.04 11:37:53+00'00'

Fernando Benedito

Paula Matos

Comissão de Ética do Instituto de Geografia e Ordenamento
do Território da Universidade de Lisboa

Anexo 6 – INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Avaliação do Itinerário 4 Outros Dias na Serra da Estrela - Another 4 Days at Serra da Estrela: Itinerary Feedback

O texto será sempre primeiramente apresentado em português e, só depois, em inglês.

The text will be presented first in Portuguese and only after in English.

PORTUGUÊS

Este inquérito enquadra-se no *Redescobrir a Serra da Estrela: Um Itinerário Sustentável Contado Através de Lendas*, um trabalho final de mestrado que decorre no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa, no âmbito do mestrado em Turismo e Comunicação, uma parceria com a Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.

Este inquérito tem como objetivo identificar a viabilidade do itinerário elaborado para a Serra da Estrela (criado a fim de auxiliar na mitigação da afluência turística no espaço e estimular a dispersão da afluência turística no tempo) no que se refere ao interesse dos mercados, principalmente o doméstico, cujos hábitos turísticos se pretendem alterar, relativamente a executá-lo enquanto turista. Pode encontrar o itinerário em: <https://arcg.is/1m5f1LQ>.

O projeto é realizado pela mestranda Ana Marta Figueiredo de Castro, com a orientação das professoras Inês Sousa e Silva Boavida Portugal e Carla Andreia da Silva Mora. O inquérito será conduzido, como tal, pela mestranda que poderá contactar através do email ana-castro@edu.ulisboa.pt, caso tenha dúvidas, perguntas ou comentários sobre o estudo ou os seus direitos.

A sua participação neste estudo tem um grande valor já que permitirá avançar o nosso conhecimento científico neste tema, nomeadamente pois permite a avaliação de uma possível contribuição na procura por um setor turístico mais sustentável.

A sua participação consiste em responder ao questionário seguinte, com honestidade e apenas uma vez. A duração deste inquérito é de, sensivelmente, 15

minutos, não contando com o tempo despendido por cada participante a explorar o itinerário e as suas funcionalidades.

A participação neste estudo não tem associado nenhum risco ou desconforto previsível esperados durante e após a participação, nem dá direito a compensação.

A decisão de participar neste estudo é inteiramente voluntária, podendo escolher se quer ou não participar. Da mesma forma, poderá a qualquer momento exercer o seu direito de desistência, sem qualquer justificação. Caso desista, os seus dados serão apagados.

Os dados recolhidos são anónimos e confidenciais e apenas utilizados para fins científicos. Durante este estudo, não necessita de se identificar, nem serão recolhidos dados que permitam de forma alguma identificá-lo(a). Não serão analisadas respostas individuais, os dados serão analisados exclusivamente para fins estatísticos.

ENGLISH

This survey is part of *Redescobrir a Serra da Estrela: Um Itinerário Sustentável Contado Através de Lendas*, a final master's thesis project being conducted at Instituto de Geografia e Ordenamento do Território of Universidade de Lisboa, as part of the Master's in Turismo e Comunicação (Tourism and Communication), developed partnership with Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.

This research aims to identify the feasibility of the itinerary developed for Serra da Estrela entitled *Another 4 Days at Serra da Estrela* (created to help mitigate tourist influx in the area and encourage the dispersion of tourist influx over time) in terms of the interest of markets, particularly domestic markets whose tourism habits are intended to be changed, in following it as a tourist. You can find the itinerary at: <https://arcg.is/1qnzm81>.

The project is being led by master's student Ana Marta Figueiredo de Castro, under the supervision of professors Inês Sousa e Silva Boavida Portugal and Carla Andreia da Silva Mora. The survey will, thus, be conducted by the master's student, who you may contact via email at ana-castro@edu.ulisboa.pt if you have any questions, concerns, or comments about the study or your rights.

Your participation in this study is invaluable as it will advance the scientific knowledge on this topic, particularly by allowing the evaluation of a touristic option that aims to contribute to a more sustainable tourism sector.

Your participation consists of answering the following questionnaire only once and with honesty. It will take approximately 15 minutes to complete, not accounting for the time each participant spends exploring the itinerary and its features.

Participation in this study does not involve any foreseeable risks or discomfort during or after participation, nor does it entitle you to compensation.

The decision to participate in this study is entirely voluntary, and you can choose whether or not to participate. You may also exercise your right to withdraw at any time, without providing any justification. If you choose to withdraw, your data will be deleted. The data collected is anonymous and confidential and will exclusively be used for scientific purposes.

During this study, you are not required to identify yourself. No data collected by this survey will allow for any participant to be identified in any way. Individual responses will not be analysed. The data will be analysed exclusively for statistical purposes.

Confirmo que li e entendi o conteúdo que me foi explicado. Compreendo que posso desistir e cancelar a minha participação a qualquer momento, sem necessidade de qualquer justificação, pelo que aceito participar neste estudo.

I confirm that I have read and understood the content explained to me. I understand that I may withdraw and cancel my participation at any time, without needing to provide any justification, and therefore agree to participate in this study.

Sim - Yes

Caracterização do Respondente - Respondent Characterization

As questões seguintes pretendem caracterizar o respondente, de modo a possibilitar uma melhor compreensão da percepção do itinerário por cada uma das diferentes camadas do público, consoante diferentes características. NENHUMA DAS RESPOSTAS SERÁ UTILIZADA PARA TENTAR IDENTIFICAR QUALQUER RESPONDENTE. O QUESTIONÁRIO É, COMO ANTERIORMENTE AFIRMADO, ANÓNIMO.

The following questions are intended to characterize the respondent, thus enabling a better understanding of how each segment of the public perceives the

itinerary, based on their specific characteristics. NONE OF THE ANSWERS PROVIDED HERE WILL BE USED TO ATTEMPT TO IDENTIFY ANY RESPONDENT. THE QUESTIONNAIRE IS, AS PREVIOUSLY STATED, ANONYMOUS.

Género - Gender

- Masculino - Male
- Feminino - Female
- Outro - Other

Idade (Anos) - Age (Years)

- <20
- 21 - 29
- 30 - 39
- 40 - 49
- 50 - 59
- 60 - 64
- >65

Nacionalidade - Nationality

- Portuguesa (Incluindo Múltipla Nacionalidade) - Portuguese (Including Multiple Citizenship)
- Outro(s) País(es) da UE - EU Nationality(ies) Other than Portuguese
- Outro(s) País(es) de Língua Oficial Portuguesa - Portuguese-speaking Country(ies) Other Than Portugal
- Outra(s) - Other(s)

Região de Residência - Region of Residence

- Norte
- Centro
- Oeste e Vale do Tejo
- Grande Lisboa
- Península de Setúbal

- Alentejo
- Algarve
- Região Autónoma dos Açores
- Região Autónoma da Madeira
- Não Resido em Portugal - I Do Not Live in Portugal

Nível de Escolaridade - Education Level

- Inferior ao 1º Ciclo - Lower than Primary School
- 1º Ciclo (1º - 4º Anos) - Primary School (1st to 4th Grades)
- 2º Ciclo (5º e 6º Anos) - Middle School (5th and 6th Grades)
- 3º Ciclo (7º - 9º Anos) - Middle School (7th to 9th Grades)
- Ensino Secundário (10º - 12º Anos) - High School (10th to 12th Grades)
- Ensino Pós-Secundário Não Superior - Post-Secondary Non-Tertiary Education
- Licenciatura ou Equivalente - Bachelor's Degree or Equivalent
- Mestrado ou Equivalente - Master's Degree or Equivalent
- Doutoramento ou Equivalente - Doctorate or Equivalent

Ocupação - Occupation

- Estudante - Student
- Trabalhador-Estudante - Worker-Student
- Trabalhador por Conta Própria - Self-Employed
- Trabalhador por Conta de Outrem - Paid Employee
- Desempregado - Unemployed
- Pensionista - Retired

Rendimentos Pessoais Mensais - Personal Monthly Income

- Menos de 410€ - Less than 410€
- 435-869€
- 870-1000€
- 1001-1500€

- 1501-2000€
- 2001-3000€
- 3001-4000€
- 4001-5000€
- Mais de 5000€ - More than 5000€
- Prefiro Não Responder - I'd Rather Not Say

Nível de Interesse em Turismo Histórico-cultural

Level of Interest in Historical-Cultural Tourism

Nenhum - None 1 2 3 4 Bastante - A Lot

Nível de Interesse em Participar em Atividades Turísticas em Portugal

Level of Interest in Participating in Touristic Activities in Portugal

Nenhum - None 1 2 3 4 Bastante - A Lot

Ouviu Falar da Serra da Estrela, Anteriormente a Este Questionário?

Have You Heard About Serra da Estrela Before Taking this Survey?

- Sim - Yes
- Não - No

Nível de Interesse em Participar em Atividades Turísticas na Área da Serra da Estrela
Level of Interest in Participating in Touristic Activities in Serra da Estrela

Nenhum - None 1 2 3 4 Bastante - A Lot

Avaliação do Itinerário - Itinerary Feedback

Esta secção destina-se à avaliação do itinerário tal como apresentado na página web correspondente ao mesmo, pelo que NÃO É NECESSÁRIO ter realizado o percurso do itinerário para responder às questões. É, no entanto, OBRIGATÓRIO ter visualizado a página do itinerário na sua totalidade, bem como explorado as suas funcionalidades. Para este efeito o itinerário encontra-se disponível aqui: <https://arcg.is/1m5f1L0>.

This section is intended for evaluating the itinerary as presented on its webpage. Therefore, it is NOT NECESSARY to have completed the itinerary to answer the questions. However, it is MANDATORY to have viewed the entire itinerary webpage and explored its features. For this purpose, the itinerary can be found here: <https://arcg.is/1qnzm81>.

Confirmando que visualizei a página web do itinerário na sua totalidade.

I viewed the entire itinerary webpage and explores its features. *

Sim - Yes

Classificação do Itinerário - Rating of the Itinerary

Péssimo - Terrible 1 2 3 4 Excelente - Excellent

Probabilidade de Realizar o Itinerário Probability of Following the Itinerary

Nada Provável - Not at All Likely 1 2 3 4 Muito Provável - Very Likely

Aspectos Positivos do Itinerário Positive Aspects of the Itinerary

- Acessibilidade da Página Web - Accessibility of the Web Page
- Design (Cores, Tipo de Letra, Estrutura, etc...) da Página Web - Design (Colours, Fonts, Structure, etc...) of the Web Page
- Acessibilidade do Percurso - Accessibility of the Route
- Distância do Percurso (Km) - Distance of the Route (Km)
- Divisão do Percurso (Dias) - Division of the Route (Days)
- Duração do Percurso (Horas) - Length of the Route (Hours)
- Estrutura do Percurso - Structure of the Route
- Design (Cores, Tipo de Letra, Estrutura, etc...) dos Mapas - Design (Colours, Fonts, Structure, etc...) of the Maps
- Diversidade das Lendas - Diversity of the Legends
- Interesse das Lendas - Interest of the Legends
- Quantidade de Lendas - Quantity of the Legends
- Diversidade dos Locais - Diversity of the Stops

- Interesse dos Locais - Interest of the Stops
- Quantidade de Locais - Quantity of the Stops
- Interesse das Imagens - Interest of the Pictures
- Quantidade das Imagens - Quantity of the Pictures
- Linguagem do Itinerário - Language Used in the Itinerary
- Tom da Mensagem - Tone of the Message
- Qualidade da Narrativa (Áudio) - Quality of the Narrative (Audio)
- Qualidade da Narrativa (Texto) - Quality of the Narrative (Text)
- Relevância da Informação Adicional - Pertinence of the Additional Information

Outros Aspectos Positivos - Other Positive Aspects

Aspectos Negativos do Itinerário Negative Aspects of the Itinerary

- Design (Cores, Tipo de Letra, Estrutura, etc...) da Página Web - Design (Colours, Fonts, Structure, etc...) of the Web Page
- Falta de Acessibilidade da Página Web - Lack of Accessibility of the Web Page
- Design (Cores, Tipo de Letra, Estrutura, etc...) dos Mapas - Design (Colours, Fonts, Structure, etc...) of the Maps
- Distância do Percorso (Demasiado Curta) - Distance of the Route (Too Short)
- Distância do Percorso (Demasiado Longa) - Distance of the Route (Too Long)
- Divisão do Percorso (Demasiados Dias) - Division of the Route (Too Many Days)
- Divisão do Percorso (Dias Insuficientes) - Division of the Route (Insufficient Days)
- Duração do Percorso (Demasiado Curto) - Duration of the Route (Too Short)
- Duração do Percorso (Demasiado Longo) - Duration of the Route (Too Long)
- Estrutura do Percorso - Structure of the Route
- Falta de Acessibilidade do Percorso - Lack of Accessibility of the Route
- Desinteresse das Lendas - Lack of Interest of the Legends

- Falta de Diversidade das Lendas - Lack of Diversity of the Legends
- Quantidade de Lendas(Demasiadas)- Quantity of the Legends(Too Many)
- Quantidade de Lendas(Poucas)- Quantity of the Legends(Too Few)
- Desinteresse dos Locais - Lack of Interest of the Stops
- Falta de Diversidade dos Locais - Lack of Diversity of the Stops
- Quantidade dos Locais(Demasiados)- Quantity of the Stops(Too Many)
- Quantidade dos Locais(Poucos)- Quantity of the Stops(Too Few)
- Desinteresse das Imagens - Lack of Interest of the Pictures
- Quantidade das Imagens(Demasiadas)- Quantity of the Pictures(Too Many)
- Quantidade das Imagens(Poucas)- Quantity of the Pictures(Too Few)
- Falta de Qualidade da Narrativa(Áudio)- Lack of Quality of the Narrative(Audio)
- Falta de Qualidade da Narrativa(Texto)- Lack of Quality of the Narrative(Text)
- Linguagem do Itinerário (Demasiado Simples) - Language Used in the Itinerary (Too Simple)
- Linguagem do Itinerário (Demasiado Complexa) - Language Used in the Itinerary (Too Complex)
- Tom da Mensagem (Demasiado Formal) - Tone of the Messas (Too Formal)
- Tom da Mensagem (Demasiado Informal) - Tone of the Message (Too Informal)
- Irrelevância da Informação Adicional - Lack of Pertinence of the Additional Information

Outros Aspetos Negativos - Other Negative Aspects

Sugestões de Melhoria Adicionais - Additional Improvement Suggestions

Agradecimentos Finais - Final Remarks

PORTUGUÊS

Agradecemos mais uma vez a sua participação e relembramos que, em caso de qualquer dúvida sobre a política de tratamento de dados aplicada a este inquérito, pode contactar a mestranda responsável pelo mesmo através do email: ana-castro@edu.ulisboa.pt.

Pedimos-lhe ainda que partilhe este questionário, de modo que este obtenha o maior número de respostas possível e, assim, os seus resultados possam ser considerados confiáveis.

Depois de defendido, o trabalho final será publicado no repositório online da ULisboa correspondente ao IGOT que poderá ser consultado em: https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/147?locale=pt_PT.

ENGLISH

We'd like to thank you once again for your collaboration and remind you as well that, in case of doubts about the data treatment policy applied to this survey, you can contact the master's student in charge of it through the following email: ana-castro@edu.ulisboa.pt.

We also ask that you share this survey so that it gets as many responses as possible and, thus, its results can be considered trustworthy.

Once defended, the final thesis will be published in the ULisboa online repository corresponding to IGOT, which can be consulted at: <https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/147?locale=en>.

Anexo 7 – RESUMOS DAS LENDAS PARA EFEITOS DE SELEÇÃO

1 - Lenda dos 12 de Inglaterra:

12 donzelas inglesas escrevem ao Duque de Lencastre, D. João de Gand, para lhe pedir ajuda relativamente ao facto de que alguns cavaleiros, também ingleses, as injuriaram publicamente de feias e mal-amadas e ninguém ousa batalhar com eles para as defender.

D. João de Gand, fala-lhes dos cavaleiros portugueses que viu batalhar contra Castela e nomeia 12 (um deles supostamente natural de Seia e outros dos arredores) que, juntamente com as damas, pede ao seu genro, D. João I, rei de Portugal, que autorize a partir para as defender.

D. João I autoriza a partida e os 12 reúnem-se em Seia antes de se deslocarem ao Porto, de onde partem para Inglaterra. 11 vão embarcados, mas Álvaro Gonçalves Coutinho, conhecido como Magriço, vai por terra, por França.

Os embarcados chegam primeiro e temem que o Magriço não chegue a tempo, por isso comprometem-se a defender a dama correspondente ao mesmo em conjunto.

O Magriço surpreende todos e chega a tempo e, então, juntos, os 12 lutam arduamente numa batalha da qual saem vitoriosos. Restaurada a honra das donzelas, 9 regressam a Portugal e 3 permanecem no estrangeiro, um dos quais em Avranches, condado oferecido ao mesmo pelo rei de França.

3 - Lenda do Açor e do Príncipe OU da Nossa Senhora de Açores:

Um rei, supõe-se de Espanha, e a sua esposa queriam muito ter um filho e, portanto, pediram à Nossa Senhora do Açor que os ajudasse, pelo que ela lhes concedeu o desejo.

Entretanto, o rapaz sofreu um acidente que colocou a sua vida em perigo e, crente na Nossa Senhora, a rainha sugeriu que rumassem os 3 a Açores, Celorico da Beira. Todavia, antes que conseguissem chegar, o príncipe faleceu.

O rei quis enterrá-lo, mas a rainha não permitiu e insistiu em levá-lo ao colo a ver a santa.

O rei partiu, então, para uma caça com aves de rapina. Entretanto, um dos tratadores perdeu uma delas e, por esse motivo, o rei ameaçou cortar-lhe a mão.

Nesse preciso instante chegava a rainha ao altar com o filho e, rezando o tratador também por ajuda da santa, tanto retornou a ave como o rapaz, sem qualquer problema de saúde.

Assim, o rei retirou a ameaça e mandou construir a Igreja de Nossa Senhora de Açores.

10 - Lenda do Cabeço de Satanás:

O diabo apareceria neste local.

11 - Lenda dos Cacas OU da Brigada de Vermelho:

Grupos de homens armados e montados a cavalo, conhecidos como Cacas, atacavam as aldeias para roubar vinho das barricas até serem derrotados na sequência de uma espera que lhes fizeram na Barriosa.

Durante um encontro com os mesmos, um homem da Teixeira, tentando acertar um tiro num deles, desviou-se por muito pouco de ser alvejado ele mesmo, sendo, como tal, vaiado por um dos Cacas que lhe disse que se ele não se tivesse recolhido tão depressa, já não se recolheria.

13 - Lenda da Capela de Santo António da Argenteira:

Antes de ir para Pádua, Santo António foi pregar para a Serra e, a caminho da Covilhã, parou para descansar na Argenteira, onde estava um pastor e o seu rebanho.

Vendo-o passar já quase de noite, o pastor oferece-lhe abrigo e o santo aceita.

De noite, já deitados, o pastor começa a ouvir os badalos das ovelhas, os latidos dos cães de guarda e alguns uivos misteriosos e vai espreitar, deparando-se com uma alcateia de lobos.

Não sabendo o que fazer, o pastor decide acordar o peregrino e os dois resolvem que a única coisa a fazer é rezar.

A meio da reza, perdendo a esperança, o pastor cobre o rosto de tristeza por perder as suas ovelhas, porém, ao nascer do sol, quando acorda, o pastor não encontra o santo já ao seu lado.

Saindo para a rua, encontra, então, a alcateia morta, o rebanho a salvo e Santo António afastando-se no caminho coberto por uma auréola.

Contudo, só após os relatos dos milagres em Pádua é que este se apercebe que o peregrino era um santo e, assim, é erguida a Capela de Santo António da Argenteira.

14 - Lenda da Capela de São Lourenço:

Supostamente existia um vulcão em Manteigas que entrou em erupção e, esta era tão forte que, tal como aconteceu com Pompeia, ameaçava erradicar a vila.

Aterrorizados, os habitantes começaram a rezar a Deus e prometeram erguer uma capela para S. Lourenço caso Deus os salvasse.

Deus acudiu-os e, como prometido, eles cumpriram a promessa, construindo a capela.

Porém, uma vez que o local onde tinham feito a promessa era de difícil acesso, decidiram construí-la na Sicó, cujos acessos eram melhores.

Contudo, a imagem do santo, por diversas vezes, desapareceu dessa capela e foi aparecer no local onde a promessa tinha sido feita, o que levou à construção de uma nova capela e da transferência do santo para a mesma, ficando a mais antiga dedicada a S. Gabriel.

Reedificada em 1612 pelo ermitão Domingos Dias, esta capela passou a ser a sua residência.

Vivendo daquilo que lhe davam, o ermitão agradecia sempre os donativos com a frase “quem bem faz, para si é”, o que irritou uma família em particular que viu ofensa nela.

Por este motivo, a família decidiu envenenar o ermitão através de um bolo, que este levou consigo para a capela.

No entanto, começando uma trovoada muito forte, um caçador filho da família passa pela capela para se abrigar e pede comida ao ermitão que lhe oferece com muita segurança o bolo confeccionado pela mãe do rapaz, que o come.

Começando a sentir-se mal, o rapaz volta a casa e relata a mãe o ocorrido, que logo percebe que acaba de condenar à morte o próprio filho e, confessando-lhe este crime, finalmente compreende a frase do ermitão.

15 - Lenda do Capitãozinho:

O convento de Vinhó morava a Sórora Baptista do Céu Custódia, que, seja pela sua devoção ao menino Jesus ou pela saudade de um namorado que deixara para trás, o imaginou vestido com trajes mais ricos, e logo o vestiu de capitão do exército: casaca de alamares, chapéu alto, botas de montar com esporas, espada no cinturão e globo na mão.

Morando também no convento a Sórora Maria de Jesus, natural de Seia, diz-se que foi ela que trouxe a tradição para o concelho que ainda hoje, durante a Romaria da Senhora do Espinheiro, clama pelo menino Jesus a gritar: Viva o Capitãozinho!

16 - Lenda da Carvalha de Nossa Senhora dos Verdes:

Durante a construção da Capela de Nossa Senhora dos Verdes, no dia da bênção da primeira pedra, alguém colocou um vaso de flores com um ramo de carvalho em cima dela e, enquanto as flores foram murchando, o carvalho foi crescendo cada vez mais, sendo, então, plantado ao lado do local da construção.

Reza a lenda que a carvalha é impossível de derrubar, dado que qualquer tentativa de o fazer fará com que a ferramenta utilizada se quebre ao tocar na árvore, permanecendo esta intacta.

20 - Lenda da Cova dos Santões Nus:

Em tempos remotos, um general e os seus filhos sobem aos pontos altos da Serra para verificar a veracidade da lenda de que num alto está um santão nu de joelhos.

Ao chegarem a um dos pontos altos, encontram uma cova coberta de neve, onde, dentro, estão, não um, mas 22 santões nus que há, pelo menos, 50 anos, não descem ao sopé.

21 - Lenda do Coruto de Alfátima OU da Princesa Fátima:

Existia um Emir mouro em Manteigas, cuja filha, Fátima, era muito bonita e, como tal, cobiçada pelos cristãos que planeavam tomar de volta a vila.

Alguns acreditam que um cavaleiro cristão, Ataúlfo, conseguiu encantar a donzela e o casal planeava fugir.

Entretanto, nesta versão, a madrinha da princesa, a Fada da Lua, conspirou com os Velhos Deuses da Montanha, para que Ataúlfo não conseguisse alcançar a sua amada à hora combinada para a fuga, matando-o através de uma queda num penhasco, que surgira devido ao sacrifício do mais feio e triste dos Deuses.

Assim, Fátima foi obrigada a fugir sozinha.

Outros acreditam que, sendo iminente que o local seria tomado pelos cristãos, esta fugiu com o seu pai.

Independentemente, diz-se que ao parar no topo do cabeço, seja por cansaço ou por ordem da Fada da Lua, surgiu, através de um caminho iluminado, então, um belo palácio, de onde, durante dias, saíram mouros disfarçados de pastores, e onde se acredita que Fátima permanece até hoje, ou esperando tempos de paz para os mouros, sobre a proteção da sua madrinha; ou sozinha, aprisionada, esperando algum cavaleiro a salvar, tendo apenas como consolo poder, uma vez por ano, chorar o seu amado no penhasco onde este morreu.

Conta-se ainda que, certo dia, uma rapariga ou uma mulher muito pobre, passando a madrugada de S. João no local, sentou-se para comer um pedaço de broa velha e, de repente, se deparou com figos secos que decidiu roubar, comendo alguns e levando outros para casa.

Porém, chegando a casa e apercebendo-se que os figos que trouxera se tinham tornado em ouro, retornou ao local em busca de mais, não encontrando, todavia, nem mais um.

Foi nesse momento que ouviu uma voz suave dizendo-lhe:

“Era teu tudo o que viste: agora tornas-te em vão! Não passes mais neste sítio na manhã de S. João. Não te perdeu a pobreza, pode matar-te a ambição!”

O conto, supostamente, só foi conhecido depois da senhora começar a prosperar graças às riquezas recolhidas.

Dizem alguns que, de vez em quando, ainda veem Fátima, de branco, a chorar no local do penhasco.

24 - Lenda das Duas Teixeira:

2 pastores zangaram-se, um ficou na Teixeira de Cima e outro mudou-se e fundou a Teixeira de Baixo.

25 - Lenda do Exorcismo do Padre Tojo:

Existia em Manteigas uma rapariga de 20 anos chamada Adélia, que andava sempre malvestida e suja e se comportava quase como um animal, nenhum médico conseguia dizer porquê ou curá-la.

Certo dia, a sua mãe, Tia Graça, ao reclamar da desgraça que caía sobre a filha recebeu da sua vizinha, Senhora Berta, a sugestão de ir ver o Padre Tojo que morava perto de Oliveira do Hospital.

Embora os exorcismos fossem incomuns em Manteigas, julgando mesmo que a filha estava possuída, a Tia Graça correu para a Empresa de Transportes de Manteigas e alugou um Chevrolet onde as 3, juntamente com o motorista, seguiram para ver o padre.

Pararam perto do Mondeguinho uma vez para verificar o estado do carro, mas chegando a 300m de Nogueira do Cravo os travões gemeram e o carro abaulou.

Apareceram, então, duas senhoras, uma das quais que, sendo ajudante do padre, se ofereceu para os guiar até ao mesmo que se encontrava no pátio, rodeado de uma multidão, a exorcizar outras mulheres.

Chegada a vez da Adélia, em 15 minutos o padre não tinha conseguido fazer nada, o que o fez ter a certeza de que ela estava possuída pelo próprio Diabo.

Exorcizava o padre e atiçava-o o Diabo, rezava o padre e atiçava-o o Diabo, tantas vezes seguidas, que o padre começou a esbofetear a rapariga para tentar expulsar Satanás.

Foram mais de duas horas nesta situação, até que o padre finalmente conseguiu expulsar o Diabo do corpo da rapariga, recomendando-lhe a ela e à mãe, rezarem o terço durante uma semana e acendessem velas aos santos, em especial S. Miguel, por precaução.

Assim, à noite voltaram a Manteigas, já a rapariga se encontrava recuperada e, a partir daí, o Chevrolet que as levava passou a ir várias vezes visitar o Padre Tojo.

26 - Lenda do Fidalgo Careta:

Uma noite aparece na casa do ermitão de Nossa Senhora do Espinheiro, um fidalgo com uma carne para assar.

Desconfiado, o ermitão analisa o fidalgo e percebe que ele tem patas de cabra e, como tal, é o diabo que, ele calcula, o vem buscar por ter um caso com uma mulher solteira da aldeia.

Cheio de medo, o ermitão vai ao altar de Nossa Senhora do Espinheiro rezar por ajuda e ela concede, dizendo que o diabo gritaria e, quando tal acontecesse, o ermitão poderia voltar para casa.

Ouve-se, então, um estrondo, e o diabo explode, podendo o ermitão voltar.

Quando volta apercebe-se que a carne que o fidalgo trazia era um sapo para o envenenar e, abalado com toda a situação, decide terminar o caso com a mulher e viver a vida de ermitão de forma honesta.

27 - Lenda da Fonte da Moura:

Perto da Ponte da Lavandeira, onde existia um barroco de onde saía água, morava uma moura encantada que se julgava era a causadora do barroco, pois as suas lágrimas eram a água que corria, originando o nome Chafariz das Lágrimas da Moura para o local.

Certo dia, um homem de Espinheiro, voltando de Celorico da Beira, passou pelo local e, muito triste por não ter conseguido arranjar nada para levar aos filhos, decidiu roubar uma mão cheia dos figos secos que a moura secava num tabuleiro. Porém, ao chegar a casa, indo mostrar os figos aos filhos, percebeu que estes se tinham transformado em moedas de ouro.

O homem ainda voltou ao local algumas vezes para procurar mais figos e moedas, mas nunca mais achou nada.

28 - Lenda da Fonte dos Namorados:

Originalmente denominada Fonte dos Tardos, esta nomenclatura teve presumivelmente origem num suposto trasgo ou diabrete (um tardo) que assombrava

a fonte, embora se considere igualmente a possibilidade de este nome estar relacionado ao facto de que, segundo consta, os lobisomens (também eles um tipo de tardo) iriam à fonte para voltarem à sua forma humana.

Fonte dos Namorados é, portanto, uma nomenclatura posterior a 1766, cuja lenda diz, advém de um casal de jovens que, secretamente, se encontrava perto da mesma.

31 - Lenda das Imagens de Senhora do Desterro:

Perto de Senhora do Desterro terão aparecido 3 nichos: o primeiro com uma imagem de Nossa Senhora, o segundo com uma imagem do Menino Jesus e o terceiro, a 100 metros do primeiro, com uma imagem de S. José.

33 - Lenda de Júlio César em Manteigas:

Júlio César, ditador romano, terá subido à Serra por Alfátima e, chegando a Manteigas, deixou, perto da Igreja de Santa Maria, uma inscrição relativa à sua passagem.

34 - Lenda da Lagoa Comprida:

Supostamente o terreno ao redor da lagoa treme tanto quando alguém nele pisa, que submerge todos os que se tentam aproximar dela.

37 - Lenda da Lagoa Seca:

Acreditava-se que, não sendo a lagoa muito profunda, a lama ao seu redor seria e, por esse motivo, era designada como um olho marinho que absorvia todos aqueles que tentassem por ela passar, motivo pelo qual os animais nem perto dela se atreviam chegar.

38 - Lenda da Lagoa do Zêzere, do Mondego e do Alva:

Acreditava-se que existia uma lagoa de cumeada de onde os três rios (Zêzere, Mondego e Alva) nasciam.

39 - Lenda da Lapa dos Dinheiros:

Acredita-se existir um tesouro escondido nesta lapa.

41 - Lenda da Má Velha:

Num local perto dos Trigais, existia uma ribeira onde, num dia, estava uma velha a lavar a roupa. Passando por ela D. Dinis e a sua comitiva de soldados a cavalo, que estavam no local para caçar, pede-lhe este um pouco de água.

Não sabendo tratar-se ele do rei, e vendo uma ribeira bem à sua frente, a senhora nega-lhe água incitando-o a mergulhar na ribeira e beber dela a água. Indignado, o rei insulta-a de má velha, motivo pelo qual o local se veio também a designar assim.

43 - Lenda do Milagre de Nossa Senhora em Paúl:

Durante uma procissão religiosa em Paúl, uma senhora que estava acamada há anos sem se conseguir mexer, pediu às filhas que a levassem à janela para poder ver passar a imagem de Nossa Senhora.

As filhas, cumprindo o pedido da mãe, colocaram-na à janela e esta, ao ver a figura de Nossa Senhora passar, levantou-se e foi a correr atrás dela, dando-se, deste modo, um milagre.

46 - Lenda do Morto dos Trigais:

Antigamente, a aldeia dos Trigais não tinha cemitério, pelo que era necessário carregar os mortos dos Trigais para a Erada para os sepultar.

Como tal, era designado um grupo de pessoas fortes para transportar o quifo (espécie de padiola) onde estava o morto pelos vários quilómetros do caminho.

Por isso, as comitivas precisavam de levar mantimentos, dos quais vinho, que iam passando uns pelos outros.

Certa vez, ao passar o vinho uns pelos outros, um pingo terá caído nos lábios do morto que, então, os lambeu.

47 - Lenda da Moura da Rapa:

Na Rapa morava um rapaz chamado Miguel que, certo dia, sonhou com uma moura encantada rodeada de riquezas no Sítio do Alambique.

Acordado, Miguel decidiu ir até ao local onde, efetivamente, encontrou a moura que era, na verdade metade serpente, tendo cauda e língua de víbora.

A moura, ao vê-lo, garantiu-lhe que se ele a beijasse todas as riquezas que a rodeassem seriam dele, porém, este, com medo de cobras, embora tenha avançado um pouco na sua direção, não cedeu.

Em vez disso, Miguel aproximou-se apenas o suficiente para roubar um galo de ouro e fugir, enquanto a moura por ele gritava.

Diz-se que, chegando à cidade da Guarda, Miguel vendeu o galo por um bom preço.

49 - Lenda das Nogueiras de Santo André:

Santo André, protetor dos leprosos (ou gafos) terá tido sob a sua proteção uma gafaria em Manteigas.

Diz-se, assim, que, quem passasse perto da capela com as mãos cobertas da seiva das nozes das nogueiras locais, isto é, escurecida como acontece com as manchas causadas pela lepra, teria, por Santo André, as suas mãos cortadas.

50 - Lenda da Nossa Senhora do Espinheiro:

D. Afonso Henriques, montado num corcel, vem com uma comitiva de soldados, infantes e fidalgos a Seia para caçar.

Chegando, o Alcaide-mor de Seia entrega-lhe as chaves da cidade, e juntam-se à comitiva os fidalgos de Seia, partindo todos para caçar.

D. Afonso Henriques afasta-se do grupo e sozinho, depara-se com uma matilha de lobos corpulentos que o encurrala contra um silvado de espinheiros.

Não podendo fugir nem pedir ajuda dos seus companheiros, reza à Virgem Dolorosa, que faz a matilha retirar-se.

Em honra à ajuda que recebera, D. Afonso Henriques ergue a Ermida de Nossa Senhora do Espinheiro.

54 - Lenda da Nossa Senhora dos Verdes de Manteigas:

Acredita-se que o culto a Nossa Senhora dos Verdes em Manteigas terá surgido devido à proteção da mesma do povo de Manteigas durante uma grande calamidade.

55 - Lenda do Ouro de Cascalho:

No Sobral, um homem sonhou que as minas locais tinham ouro e, como tal, resolveu lá ir com o filho procurá-lo.

Começando a cavar, os dois só encontraram cascalho que, o filho acreditou, fazia um barulho metálico ao cair. Desacreditado, o pai negou essa suspeita, porém o rapaz decidiu levar nos bolsos cascalho, sem o pai saber.

No dia seguinte, quando foi verificar, o cascalho que tinha colocado nos bolsos tinha-se, efetivamente, transformado em ouro.

56 - Lenda do Ouro de Mel e Sal:

Na Teixeira acreditava-se que algumas pessoas escondiam ouro em locais secretos e os protegiam através de adivinhas e códigos secretos.

Um destes, diz-se, refere-se a uma adivinha que fala da água de todas as nascentes (sal) e do sumo de todas as flores (mel).

58 - Lenda da Pedra de 1000 Toneladas:

Existe uma pedra entre a Teixeira e os Trigais que, tocada apenas com um dedo se move, mas se tentada mover por diversas pessoas, permanece imóvel.

Diz-se, inclusive, que durante as explorações do volfrâmio existente na área na época da Segunda Guerra Mundial, os trabalhadores a tentaram mover recorrendo a vigas de ferro, mas, igualmente, não obtivera sucesso.

59 - Lenda da Pedra do(s) Casamento(s) OU do Penedo do Casamento:

Em Vide-entre-Vinhas, existe uma pedra conhecida como o Penedo dos Casamentos em que, reza a lenda, se uma jovem atirar para cima da mesma um anel e este permanecer, o seu companheiro atual é o certo e o casamento correrá bem, mas, caso contrário, se este cair, a relação está destinada a falhar.

63 - Lenda do Poço de Manteigas:

Num poço, supostamente de origem moura, em Manteigas, em comunicação com o subterrâneo, diz-se existir um tesouro escondido.

65 - Lenda da Praga dos Gafanhotos de Alfátima:

O castro de Alfátima, desabitado, diz-se ter-se tornado assim devido ao facto de que a sua povoação todos os anos era atacada por grandes pragas de gafanhotos que destruíam as sementeiras.

69 - Lenda da Senhora do Bom Sucesso:

No século XIX, durante as guerras napoleónicas, o Capitão João Rodrigues de Magalhães, natural do Baraçal, luta contra os franceses, alguns dizem em França, outros mesmo perto do Baraçal.

Certo dia, alguns dizem que foi o seu impedido Alfredo, outros que o próprio, é encontrada metade de uma imagem de Nossa Senhora.

De acordo com a versão em que Alfredo a encontra, esta fala e conta-lhes que os portugueses serão vitoriosos, contrariando o cenário que se apresentava no

terreno, com os franceses a dominarem a batalha com uma vantagem avassaladora, tal como Alfredo tinha persentido que aconteceria.

Nesta mesma versão, o Capitão, egoísta, pede a Alfredo que retorne ao Baraçal e coloque a imagem na sua casa, o que faz com que os habitantes da aldeia o vejam como um traidor e o queiram enforcar.

Ao mesmo tempo, os portugueses continuam a perder a batalha.

Segundo a outra versão, o Capitão é devoto e reza à santa todos os dias pela sua saúde e a dos seus subordinados, até que, durante uma batalha bastante árdua, é gravemente ferido.

Independentemente, em ambas as versões o Capitão vê-se desesperado e reza à santa por auxílio, prometendo-lhe uma capela.

A Virgem, vindo em auxílio do Capitão, na versão em que Alfredo que se encontra cativo, entrega-lhe a outra metade da imagem, para este a levar ao Baraçal.

Em ambas as versões, salvo e de volta a casa, o Capitão cumpre a sua promessa de erguer a capela e, assim, é construída a Capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso.

71 - Lenda da Senhora do Rosário:

No século XV, durante as excursões marítimas portuguesas, uma nau, cuja tripulação ansiava por casa, regressava a Portugal.

Porém, o mau tempo começou a avistar-se, algo que em nada agradou o capitão e, uma noite, a apenas 1 dia e meio da chegada, o temporal ameaçava a tripulação de naufrágio.

Temente, o capitão, entregando as rédeas da situação a Deus, instruiu a tripulação a rezar a Nossa Senhora do Rosário por salvação, prometendo-lhe ele mesmo um vaso sagrado e uma custódia.

Assim, de uma enorme claridade, desceu a Virgem do céu e, com uma onda, arremessou-os para a areia, deixando-os sãos e salvos.

Um mês depois, querendo cumprir a sua promessa, o capitão partiu em viagem, procurando a imagem correspondente à santa que os salvara, o que acabou por encontrar na Igreja Matriz de Santa Maria em Manteigas, onde nem o altar dourado com rendilhados, nem a imagem da Virgem se encontram, mas onde permanecem o vaso e a custódia.

72 - Lenda do Senhor do Esquife de Santa Maria:

Na Igreja de Santa Maria, existe uma imagem bastante detalhada e bem esculpida do Senhor do Esquife que dizem ter sido esculpida por um homem simples, mas grande devoto, natural de Manteigas.

Segundo a lenda, o homem, após concluir a obra em madeira, olhava para esta diversas vezes, talvez com a ideia de a melhorar ainda e que, numa dessas vezes, a figura terá erguido a cabeça e dito:

“Onde me miraste, que tão bem me retrataste, homem? Dentro de 3 dias estarás comigo no Paraíso.”

O homem, correu a contar à população que se dirigiu à sua casa, querendo também escutar a figura.

Pedindo-lhe o homem para falar novamente, a figura terá aberto os olhos e sorrido, ao que a população terá respondido ajoelhando-se.

O homem, porém, diz-se que, abraçando a estátua, terá, então, caído morto sobre a mesa de trabalho.

74 - Lenda do Tesouro da Carreira de Cavallos:

Num castro supostamente localizado a sudeste de S. Romão, encontra-se uma esplanada denominada Carreira de Cavallos onde, debaixo das muralhas, dizem existir tesouros mouros.

Esta lenda já deu origem a algumas escavações autónomas por parte dos moradores das imediações do local.

76 - Lenda da Tragédia do Vale de Azares:

Numa casa em Fonte Arcada morava um fidalgo, a sua mulher, o seu filho e a sua filha até que, um dia, de visita à sua noiva no sítio do Sal, para lá da Capela de Nossa Senhora dos Azares, o filho cai do cavalo e morre.

Com a notícia, a esposa do fidalgo enlouquece, a filha defenestra-se e o fidalgo foge de Fonte Arcada, ficando o vale onde morava conhecido desde então como Vale de Azares.

79 – Lenda da Vaca e do Pastor:

Em Açores, uma vaca terá caído a uma lagoa e o seu pastor, para a salvar, ter-se-á quase afogado junto com a mesma.

Os dois, porém, terão sido salvos por Nossa Senhora que, no local do milagre, terá deixado a sua imagem.

80 - Lenda de Valezim:

Expulsos de Loriga, os mouros terão chegado a Valezim e, entendendo estabelecer-se no local terão proferido a frase: “Neste vale sim!”, dando origem ao nome da localidade.

82 - Lenda da Venda da Madeira:

Numa tentativa de comprar a Ilha da Madeira à Teixeira, os ingleses assinaram um contracto que, matreiramente, os teixeirenses elaboraram para que dissesse madeira da Ilha e não Ilha da Madeira.

Supostamente, seria por este motivo que os ingleses colocam os adjetivos antes dos nomes.